Luiz Alfredo Garcia-Roza

LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

PERSEGUIDO

COMPANHIA DAS LETRAS

SUMÁRIO

PERSEGUIDO

PRÓLOGO

Os passos largos e o olhar fixo para a frente não facilitavam a locomoção pela rua repleta de pedestres, na tarde quente de março. Para não se chocar com as pessoas e não perder o ritmo das passadas, Espinosa chegava a andar longos trechos com um pé na calçada e outro no calçamento de paralelepípedos da rua, mancando em meio aos transeuntes. Não estava atrasado para nenhum encontro nem se dirigia a nenhum lugar predeterminado. Ao pegar a rua da Quitanda, fizera-o com o intuito de dobrar na rua do Carmo e passar num sebo que freqüentava desde os tempos de estudante de direito. Mas, naquele ritmo acelerado, a rua do Carmo e o sebo tinham ficado para trás. Sempre que possível, Espinosa aproveitava uma tarde de pouco movimento na delegacia para conhecer um novo sebo ou fuçar alguma velha oficina num sobrado do Centro. Isso quando estava trabalhando, mas naquela tarde ele apenas tentava aproveitar um dos seus últimos dias de férias. Os anteriores não tinham sido diferentes daquele que já ia pela metade.

A coisa começara a dar errado uma semana antes do início das férias, quando Irene recebera a carta que a convidava para um seminário seguido de um curso de duas semanas no Museu de Arte Moderna de Nova York. Ela não havia pedido; era um convite do próprio museu feito a profissionais estrangeiros que haviam se destacado nos últimos anos. E as férias a dois numa praia do Nordeste haviam sido interrompidas antes mesmo de terem começado. Espinosa não tivera mais remédio senão ficar no Rio de Janeiro, que afinal também tem praias. Bom para Irene, desastroso para ele. Bom também para deixar clara a diferença entre uma programadora visual e um delegado de polícia, pensava, apertando ainda mais o passo.

Andava pelo Centro havia quase duas horas. Em uma das mãos carregava uma pequena sacola com dois livros que adquirira naquela mesma tarde, mas de cujos títulos não se lembrava, nem da livraria onde os comprara. O lanche que programara fazer na confeitaria Colombo também ficara para trás. Era quinta-feira e ele só reassumiria suas funções na segunda. Procurou a estação de metrô mais próxima e voltou para casa.

O telefone tocou pela primeira vez às sete e vinte da noite. Nos quinze minutos seguintes, tocou mais duas vezes. Em nenhuma das vezes a pessoa que estava ligando disse uma única palavra. Espinosa demorou a atender o quarto telefonema, e ouviu o mesmo silêncio das outras vezes. Já ia repor o fone no aparelho quando uma voz de homem o deteve:

— Delegado Espinosa?

— Sim.

— Desculpe estar ligando para sua residência, mas na delegacia disseram que o senhor estava de férias.

— Estou, realmente.

— Meu nome é Artur Nesse, sou médico... Um colega do hospital me deu seu nome... O senhor o ajudou...

— ... e agora o senhor está precisando de ajuda.

— É... Não propriamente eu... Outra pessoa... Mas eu é que não sei o que fazer. Desculpe, delegado, acho que estou muito confuso.

— Volto ao trabalho na segunda-feira. Por que o senhor não passa na delegacia para me contar o que está acontecendo?

— Não posso esperar até lá... É urgente... É minha filha...

— O que aconteceu com sua filha?

— Desapareceu... Foi seqüestrada.

— Desapareceu ou foi seqüestrada?

— Primeiro ela desapareceu, depois vi que tinha sido seqüestrada.

— E como o senhor viu que sua filha tinha sido seqüestrada?

— É... É evidente...

— Há quanto tempo ela está desaparecida?

— Um dia. Um dia e uma noite.

— Quantos anos tem sua filha?

— Dezessete.

— Houve algum contato?
— Não, nenhum.
— Como o senhor sabe, então, que ela foi seqüestrada?
— Porque não pode ter sido outra coisa.
— O senhor já comunicou o fato à delegacia especializada?
— Não! Não quero minha filha envolvida com a polícia.
— E envolvida com seqüestradores, quer?
— Podemos falar pessoalmente?
— Nós já estamos falando pessoalmente.
— Me disseram que o senhor é um homem compreensivo.
— E sou, mas, até onde vai minha compreensão, não acredito que sua filha tenha sido seqüestrada.
— Por que o senhor está dizendo isso?
— Porque se o senhor achasse que sua filha tivesse sido seqüestrada, seu comportamento seria diferente. Talvez sua filha tenha fugido de casa.
— Gostaria que o senhor cuidasse do caso.
— Doutor Nesse, sou delegado de polícia e não investigador particular. Se o senhor quer uma investigação privada, contrate os serviços de uma agência de detetives.
— Podemos, pelo menos, conversar sobre o caso? Não é só o desaparecimento da minha filha, tem mais coisa.
— Está bem. Espero o senhor daqui a meia hora na praça do bairro Peixoto, em Copacabana. Anote o endereço.

Àquela hora, a praça se esvaziara dos freqüentadores da tarde e ainda não recebera os que chegavam depois do jantar e do noticiário da tevê. Após quinze minutos no portão do prédio, Espinosa viu um carro dar a volta completa na praça. Era um modelo importado parecendo novo em folha cuja cor escura brilhava ao refletir as luzes próximas. O motorista não olhava para os prédios como quem busca um número e também não parecia procurar uma pessoa; na segunda volta ficou claro que escolhia a vaga mais adequada. Somente então estacionou, trancou a porta, contornou o carro numa aparente verificação geral e se distanciou, olhando para os prédios e para um pedaço de papel que trazia na mão.

Espinosa esperou o homem se aproximar.
— Doutor Nesse? Sou o delegado Espinosa.
— Ah, delegado Espinosa, eu estava procurando seu prédio.

Trocaram um aperto de mão. Dr. Nesse era só um pouco mais alto que Espinosa, mas aparentava ter o dobro de massa muscular.

Atravessaram a rua lentamente e em silêncio procuraram o banco mais isolado.
— Então, doutor, o que aconteceu?

HISTÓRIA NÚMERO UM

Quando o médico entrou, com a ficha na mão, encontrou o rapaz já dentro da sala de atendimento olhando através das persianas o pátio interno do hospital. Aquele não era o procedimento correto. A funcionária só devia encaminhar o paciente quando o médico já se encontrasse no gabinete. O rapaz virou o rosto quando percebeu a entrada do médico, olhou-o durante um segundo e dirigiu-se em silêncio para o centro da sala. Eram mais ou menos da mesma altura, sendo que o rapaz era magro, um pouco encurvado, cabelos negros, barbicha rala, e o médico era corpulento, pele muito branca e calva acentuada para a idade.

— Olá, sou o doutor Nesse. Você é Isidoro?

— Me chamam de Isidoro.

— Isidoro Cruz — disse o médico, consultando a ficha.

— É como me chamam, mas meu nome é Jonas.

O médico apontou uma das duas poltronas e sentou-se na outra, voltada para a única janela da pequena sala.

— Por que chamam você de Isidoro, se seu nome é Jonas?

— Porque foi assim que meus pais quiseram que eu me chamasse.

— Mas você prefere se chamar Jonas?

— É o meu nome.

— Então, seu nome todo é Jonas Cruz?

— Não. Meu nome é Jonas.

— E você não tem sobrenome?

— Jonas é suficiente.

— E qual é o sobrenome dos seus pais?

— Cruz.

— Seu verdadeiro nome, então, é Isidoro Cruz, mas você insiste em se chamar Jonas. Só Jonas. Desde quando você começou a achar que seu nome não era Isidoro Cruz?

— Desde pequeno.

— E então resolveu trocar por outro?

— Não. Apenas decidi não ser mais Isidoro.

— E quando você passou a se chamar Jonas?

— Quando eu tinha dezesseis anos.

— Aqui na sua ficha consta que você tem vinte e dois anos.

— É isso mesmo.

— O que aconteceu aos dezesseis que fez você adotar o nome Jonas?

— Não aconteceu quando eu tinha dezesseis, mas quando eu tinha treze anos.

— E o que aconteceu aos treze anos?

— Nós já começamos?

— Começamos o quê?

— O tratamento.

— Bem, esta é uma entrevista preliminar... Você ainda não disse por que veio procurar tratamento.

— Vim para resolver uma questão pessoal.

— E essa questão tem a ver com o fato de você não gostar do seu nome?

— Isso é apenas um detalhe.

— E o principal? Foi o que aconteceu com você aos treze anos?

— Pode ser, mas ainda está difícil falar sobre isso.

— Quem sabe da próxima vez fica um pouco mais fácil? — O médico levantou-se e ficou olhando para o rapaz.

— Acabou?

— Como eu disse, esta é apenas uma entrevista preliminar. Teremos outras até começarmos o tratamento. Hoje é quarta-feira. Espero você na próxima quarta, no mesmo horário.

Tinham se passado quinze minutos, se tanto. Ao rapaz, parecera mais um rápido debate sobre nomes do que uma entrevista psiquiátrica. Esperava um pouco mais do encontro. Despediu-se do médico e deixou a sala de atendimento pensando em como seria a sessão seguinte. Desejou boa tarde aos funcionários ao passar junto ao balcão da portaria e cruzou o pátio pela alameda que leva à saída do hospital e do campus universitário. Na rua, não parou no ponto de ônibus nem olhou para ver se vinha algum que lhe servisse. Continuou andando sem se importar com o sol do meio-dia.

Pensava ainda na afirmação do médico de que aquela havia sido uma entrevista preliminar. Queria refletir sobre aquele primeiro encontro e preferia fazê-lo caminhando. Continuou andando, atravessou o túnel que liga os bairros de Botafogo e Copacabana, pegou a rua Barata Ribeiro, que corta o bairro em quase toda a sua extensão, e percorreu-a de ponta a ponta. No final da caminhada ainda estava sem saber se o médico suspeitara dele.

Da primeira para a segunda entrevista, dr. Nesse se modificara: seu olhar estava mais atento e sua fala mais incisiva. Jonas percebeu de imediato a transformação.

— Bom dia, Isidoro. Sente-se.

— Meu nome é Jonas, doutor.

— Quando a atendente marcou a entrevista e fez a sua ficha, o nome que ela copiou do seu documento de identidade foi Isidoro Cruz. Agora, contrariando o documento, você diz se chamar Jonas. Apenas Jonas. Parece que o motivo de estarmos aqui não é outro senão o de resolver esse impasse. E, pelo que posso entender, você tem todo interesse nisso: procurou pessoalmente o serviço, passou por uma triagem, esperou um tempo longo para ser atendido e está aqui sem ser constrangido por ninguém.

— O constrangimento que sofro é o de ser chamado por um nome que não é o meu.

— Seus pais devem se sentir igualmente constrangidos por terem que chamar você por um nome que não é o que eles lhe deram.

— Esse é um problema deles, não meu. Se eu chamar meu cachorro de Valente, isso não quer dizer que o nome dele tenha que ser Valente nem que ele efetivamente tenha que se mostrar valente, pode ser um medroso que foge com o rabo entre as pernas ao menor sinal de perigo.

— Você se sente fugindo com o rabo entre as pernas?

— Não, tanto que estou aqui em tratamento.

— Ainda não iniciamos o tratamento. Estamos nas entrevistas preliminares. Sua presença física aqui nesta sala não é suficiente para caracterizar um tratamento. Você ainda não disse por que veio.

— Se o senhor diz que devo ser eu a solicitar o tratamento, quem o senhor estará tratando, no caso de eu continuar: Jonas ou Isidoro?

— Esse é um bom começo.

— Desde que o senhor decida como vai me chamar: Jonas ou Isidoro.

O rapaz sentira a mudança do primeiro para o segundo encontro: a atitude do médico, o modo de conduzir a sessão e até mesmo o tom de voz fora diferente, mas a mudança mais significativa para ele fora a duração da sessão: quase uma hora. A única coisa que permanecera a mesma fora o modo de encerrar a entrevista:

— Hoje podemos ficar por aqui. Espero você na próxima quarta-feira.

Logo após a saída do paciente, dr. Nesse consultou seu endereço na ficha de registro: era em Ipanema, e não muito distante de onde ele próprio morava. Daí, talvez, o sentimento de já ter visto o rapaz antes da primeira entrevista. Podiam ter se visto na rua ou na banca de jornal, apesar de ele raramente andar a pé pelas ruas do bairro e de não freqüentar bancas de jornal.

O fato de o hospital estar localizado dentro do campus universitário contava positivamente para Jonas. A área do hospital propriamente dita, com seus prédios, pátios e jardins, é murada e com apenas um portão de acesso, mas o trânsito de pessoas é relativamente livre. Alguns pacientes internados costumavam circular pelo campus, misturando-se aos estudantes, sem que isso causasse constrangimento; costumavam até entrar nas salas de aula e se sentar em meio aos alunos durante alguns minutos. Esses fatos já eram do conhecimento dele bem antes de se inscrever no serviço de atendimento gratuito oferecido pela instituição, antes mesmo de ele passar a freqüentar diariamente o jardim do hospital para poder observar melhor os movimentos do dr. Nesse.

Não era um jardim cultivado com arte, e em sua maior parte não era sequer cultivado, mas era bastante amplo e tinha árvores centenárias. O aspecto desagradável era a constância com que os pacientes

internados o abordavam para pedir cigarro e dinheiro. Não queriam muita coisa, apenas alguns trocados para tomar um refrigerante na cantina ou para comprar um pacote de biscoitos. Não eram pobres, pelo menos não todos; apenas gente esquecida ou abandonada pelas famílias. Esse era o único incômodo que causavam aos visitantes do hospital e aos estudantes e professores da universidade, quando perambulavam pelo campus.

Bastou uma semana, antes de iniciar o tratamento, para Jonas ficar a par da rotina do dr. Nesse: qual era o seu carro, onde costumava estacionar, quais as dependências do hospital que freqüentava, assim como o fato de que almoçava todos os dias no restaurante do hospital antes de ir embora. E fez isso sem que em nenhum momento o médico percebesse sua presença.

O dia da terceira consulta amanheceu sob chuva torrencial. O trânsito em Copacabana, com os carros se deslocando em direção ao Centro, estava prestes a atingir o ponto de congestionamento total. Na metade do percurso, o rapaz desceu do ônibus e continuou a pé. Algumas ruas estavam alagadas, e a maré alta impedia o escoamento das águas para o mar. Nas calçadas, as pessoas se comprimiam sob as marquises. Jonas chegou ao hospital quinze minutos depois da hora marcada, inteiramente molhado. Dr. Nesse ainda não havia chegado, e, pelo número reduzido de carros no estacionamento, muitos médicos e funcionários estavam presos no trânsito. Ao meio-dia a chuva diminuíra de intensidade, mas o médico continuava ausente. Esperou mais um pouco e decidiu ir embora.

No ônibus, de volta para casa, pensava na consulta seguinte e no adiamento por uma semana das perguntas que havia preparado. Não se importava muito com o adiamento. Não tinha pressa. Como dissera dr. Nesse, estavam apenas nas preliminares. E o tempo não importa, quando já se sabe o final da história.

Na manhã seguinte, protegido pela persiana da sala de atendimento, o médico olhava o rapaz sentado no banco de pedra, sob a mangueira, no pátio do hospital. Não parecia agressivo, pensava o médico. Pelo menos não fisicamente. Verbalmente, mostrara-se capaz de manter uma discussão e de ser persuasivo em seus argumentos. Havia duas semanas passara a freqüentar diariamente o hospital, e na maior parte das vezes permanecia sentado sob a grande mangueira próxima à portaria. Vez por outra circulava pelo pátio e por algumas dependências do hospital destinadas à recreação dos pacientes internados. Não se mostrava ostensivamente, mas tampouco se ocultava. O rapaz transformara o banco de pedra numa espécie de posto de controle (pois era disso que se tratava, pensava o médico), só se afastando dali por solicitação de algum internado. Não era a primeira vez que dr. Nesse se via alvo da curiosidade de um paciente, e sabia que na maior parte dos casos tratava-se de uma curiosidade passageira e sem conseqüências. Como a sala de consultas era pequena, o médico gostava de manter as lâminas da persiana na horizontal, de forma a poder ver o pátio e ampliar o ambiente, mas desde que o rapaz transformara o banco de pedra em posto de observação, passara a trabalhar com a persiana fechada.

— Se você quiser, podemos passá-lo para outro colega.

— Não. Na verdade, ele até agora não fez nada, não tentou falar comigo nem me seguir. E esse é o ponto: ele não faz nada e, no entanto, está me perturbando.

— Ninguém se sente bem sendo vigiado. Se você quiser, posso ficar com o caso.

— Não, obrigado, eu mesmo tenho de resolver isso.

A conversa com um colega da equipe, na fila do restaurante do hospital, fora provocada pela visão do rapaz sentado no banco de pedra sob a mangueira, enquanto os dois médicos aguardavam uma mesa. Dr. Nesse não via no rapaz nenhuma ameaça física; também não temia uma agressão verbal nem se sentia ameaçado pela inteligência do novo cliente; mas não conseguia se ver livre do sentimento de estar sendo ameaçado. Quando saiu do refeitório, terminado o almoço, o rapaz continuava sentado sob a mangueira. E ainda estava lá quando o médico passou de carro pela alameda em direção à saída.

O médico trabalhava pela manhã no hospital da universidade no bairro da Urca, e à tarde no consultório particular em Ipanema, distante seis quadras do prédio onde morava. Os trajetos da universidade para o consultório e deste para a sua residência eram feitos invariavelmente de carro. Não gostava de andar a pé. Ficava irritado com as calçadas cheias de gente, atrapalhava-se quando vinha alguém em sentido contrário, freqüentemente estacava, hesitante, para evitar uma colisão, sem saber se desviava para a esquerda ou para a direita. Mas isso acontecia apenas nas raras vezes em que se aventurava a ir a pé do consultório para casa.

Eram mais de oito horas quando terminou a última consulta. Mesmo com o horário de verão, já era noite quando entrou em casa. A única pessoa na sala era Letícia, a filha mais velha, que arrumava livros e cadernos na mochila. A mulher e a outra filha assistiam televisão na saleta ao lado.
— Oi, pai.
— Oi, filha.
— Teve um cliente te procurando hoje à tarde. Parecia meio perdido.
— Disse o nome?
— Não, só perguntou se você estava.
— Como ele era?
— Alto, magro, cabelo preto. Seria interessante se não fosse a barbicha.
— O que ele disse?
— Perguntou se aqui era a residência do doutor Artur Nesse, e se ele estava em casa.
— Ele entrou aqui em casa?
— Não, ficou parado na porta, olhando.
— Olhando o quê?
— Só olhando. Olhou para mim como se estivesse me fotografando. Agradeceu e foi embora, acho que nem ouviu a resposta.
Dr. Nesse ficou olhando para a filha sem dizer nada.
— Você também parece estar me fotografando, pai.
O médico inclinou a cabeça para um lado e para o outro, como se estivesse distendendo os músculos do pescoço, e se afastou. Ao passar pela saleta, recebeu um beijo da mulher e outro da filha e entrou no quarto. Só saiu de lá quando a mulher o chamou para jantar.
Assim que se sentaram à mesa, dr. Nesse pigarreou e esperou que olhassem para ele.
— Quero dizer uma coisa para vocês. Hoje à tarde esteve aqui um rapaz me procurando. Se por acaso ele voltar, não permitam que ele suba; se já tiver subido, não abram a porta; se insistir, chamem o porteiro. É um rapaz alto, magro, de cabelo preto e barbicha. É um psicótico, paciente do hospital. Não deixem que se aproxime de vocês.
— Ele não nos ameaçou, pai; foi educado, agradeceu pela atenção e se despediu — disse Letícia.
— Mas é um psicótico.
— Pareceu calmo. Tinha um olhar doce e uma fala suave. Não deu para perceber nenhum traço de doença.
— Mas pode ser perigoso.
As demais palavras trocadas durante o jantar não tiveram relação com a visita do rapaz. A filha mais nova permaneceu em silêncio. As únicas perguntas feitas pela mãe foram relativas aos pratos que servia. Esperou para dar sua opinião sobre o episódio do rapaz quando se deitaram para dormir.
— Achei perfeitamente natural a curiosidade de Letícia. Eu mesma fiquei curiosa. Quem é esse rapaz?
— Um paciente meu do hospital.
— É mesmo perigoso?
— Todo paciente psicótico é potencialmente perigoso.
— Essa é uma resposta técnica. Você acha que ele pode fazer mal a alguma de nós?
— Ainda não estou certo. Tive pouco contato com ele.
— Por que você ficou tão nervoso? Por que ele te perturbou?
— Não sei. Ele me assusta.
— Ele ameaçou você?
— Não. É como Letícia disse: ele é calmo e educado, não ameaça ninguém. Ou pelo menos até agora não ameaçou. Ele só olha. Me olha o dia inteiro. Não quero que faça o mesmo com vocês.
— Pode ser que só queira olhar.
— Pode ser.
Mas dr. Nesse não dormiu de imediato. Levantou-se várias vezes para ir ao banheiro. Só conseguiu dormir de madrugada, depois de tomar um sonífero. No dia seguinte, saiu cedo: tinha uma reunião com o diretor do hospital para solicitar mais salas e mais estagiários. A caminho, repassou cada ponto a ser discutido. Havia espaço físico para a construção de novas salas, e a verba necessária era modesta; seriam salas relativamente pequenas, sem nenhuma aparelhagem técnica; teriam apenas o mobiliário simples das salas de atendimento psiquiátrico.

Quando entrou no campus universitário e manobrou para entrar na área de estacionamento restrita aos médicos, deu de cara com Jonas, junto ao portão de entrada, conversando com o funcionário responsável pelo controle dos carros. Ao passar por eles, de vidros levantados, viu o movimento silencioso e sincronizado das bocas desejando-lhe bom dia. Estacionou, trancou o carro e entrou no prédio sem olhar para trás. Enquanto avançava pelo corredor em direção à sala de reuniões, pensava em como o rapaz teria sabido que ele chegaria mais cedo naquela manhã. Não acreditava que fosse coincidência. Não era dia da consulta dele, e mesmo que fosse ele não precisava chegar às oito da manhã. Com certeza lera a convocação para a reunião, afixada no quadro de avisos.

Estavam todos sentados em volta da mesa quando dr. Nesse entrou na sala de reuniões. Cumprimentou o diretor e os colegas, assinou o livro de presença e procurou se concentrar na exposição do diretor sobre a disponibilidade de verbas para obras naquele ano. Foi com muito esforço que conseguiu acompanhar a discussão que se seguiu. Durante um longo tempo, teve a atenção voltada para dois potes de porcelana da época do Império, utilizados no antigo hospício para armazenar ungüentos e substâncias químicas. Em um deles estava gravado, em letras pretas, *Tereb. Cosida*; no outro, *Bals. Opodeld.* Sua imaginação vagou pelo tempo em que a medicina utilizava terebintina cozida e bálsamo de opodeldoque para curar males do corpo e da alma. Seu olhar percorreu ainda a grande estante de jacarandá que ocupava a parede maior da sala, detendo-se nos entalhes das colunas para em seguida perder-se nas imagens dos participantes da reunião refletidas no vidro que protegia o tampo da grande mesa em torno da qual estavam sentados. O encontro durou uma hora. Quando saiu para atender o primeiro paciente do dia, precisou consultar as anotações que fizera para se lembrar das conclusões a que haviam chegado sobre os vários itens da pauta.

Como fazia todos os dias ao sair de casa em seu carro, dr. Nesse entrou na primeira rua em direção à praia de Ipanema para em seguida pegar a praia de Copacabana. Gostava de fazer o percurso até o hospital pela beira-mar, e aquela quarta-feira amanhecera ensolarada e com um vento leste suave e constante. Apertou um botão no painel do carro e a voz de Maria Callas tomou conta do interior protegido contra barulhos, contra o calor e contra os pedintes nos sinais de trânsito. Acomodou o corpo no estofamento de couro e se entregou ao que considerava seu maior prazer: o carro e a ópera, uma única coisa, pois só escutava ópera no carro, e sozinho; não suportaria o som de nenhuma outra voz ou mesmo a simples presença de alguém enquanto estivesse ouvindo Callas. Gostava também de Pavarotti. Não por considerá-lo comparável à diva, mas porque se achava fisicamente parecido com ele. Lamentava que o trajeto até o hospital fosse tão curto. Com o trânsito fluindo normalmente, não costumava levar mais de vinte minutos. Na quarta-feira anterior, não fizera nenhum esforço para escapar do engarrafamento. Estava ouvindo Callas interpretar *Norma* e agradecera aos céus pela chuva. Desta vez, porém, não houvera nenhum impedimento, e minutos antes do horário de seu expediente entrava no estacionamento do campus, sendo obrigado a interromper a música.

Havia passado as consultas de Jonas para as dez horas; reservava o horário das onze para as primeiras entrevistas. Às dez em ponto o rapaz entrou na sala. Foi um choque para o médico vê-lo sem a barbicha. Não que desse a mínima importância àquela penugem, mas porque imediatamente se lembrou da observação da filha, de que ele ficaria muito mais interessante sem ela. Mas o médico se deu conta de que ainda não era isso que o perturbava, e sim a idéia de a filha ter desempenhado algum papel naquela mudança, e também o fato de que, sem a barba, a impressão anterior de já conhecer Jonas ficara ainda mais forte, embora Jonas jamais tivesse dado sinal de já tê-lo visto antes.

— Bom dia, doutor Nesse.

— Bom dia, Jonas.

— Fico contente com a sua opção.

— A que você se refere?

— Ao fato de o senhor ter decidido me chamar de Jonas.

— Você é que deve ter ouvido assim.

— Qual o problema de o senhor me chamar de Jonas?

— Não é meu problema, é seu.

— Também não é meu, sinto-me bem como Jonas.

— E Isidoro Cruz?

— É o nome escolhido pelos meus pais.

— Ninguém escolhe o próprio nome.

— Por isso as pessoas são infelizes. Se não escolhem nem o próprio nome, como podem escolher outras coisas pela vida afora?
— Você não gosta de Isidoro Cruz?
— Não é questão de gostar ou de não gostar, é que não foi escolhido por mim.
— Você se considera Jonas em todos os momentos do dia? Em nenhum momento você é Isidoro?
— Há certos momentos em que tenho de suportar me chamarem por um nome que não é o meu, mas em nenhum momento me sinto Isidoro Cruz. Só atendo quando me chamam de Jonas.
— E pretende fazer o mesmo aqui?
— O senhor já me vê como Jonas.
— Por que acha isso?
— Porque me chamou de Jonas quando cheguei, apesar de não querer admitir. A propósito, comprei uma bicicleta.
— A propósito de quê?
— A propósito do fato de pessoas jovens andarem de bicicleta.
— E o que isso tem a ver com a troca de nomes?
— Com a troca de nomes, nada, mas tem a ver com as escolhas.
— E você escolheu ter uma bicicleta?
— Isso mesmo. Sua filha não tem bicicleta?

Ter duas filhas sempre fora motivo de preocupação para dr. Nesse. Não por serem duas, mas pelo fato de serem mulheres. Pensava que filhos homens eram menos dependentes dos cuidados paternos e que cedo aprendiam a se defender das ameaças do mundo. Assim fora com ele e assim devia ser com todos os meninos. Claro que havia os fracos, os doentes, as vítimas de guerras e catástrofes naturais. Entre todos os desvalidos, os que mais o perturbavam eram os doentes mentais. Alguns, via como uma espécie de cópias defeituosas, outros chegava a considerar dotados de qualidades excepcionais, como se neles o defeito tivesse se transformado em excelência, uma excelência para o mal, é verdade, mas uma excelência mesmo assim. Quanto a seu paciente, ainda nada sabia. Havia três semanas Jonas o confrontava com palavras e gestos; tivera a ousadia de bater à sua porta e falar com sua filha, e agora vinha com aquela referência à bicicleta. A pergunta sobre a bicicleta e o modo como a consulta terminara o haviam perturbado. Fora Jonas a encerrar a consulta, como se ele, e não o médico, desse as cartas. Não podia de modo nenhum permitir esses pequenos exercícios de poder, caso contrário correria o risco de o paciente tomar conta das sessões e passar a determinar os rumos do tratamento.

Almoçou sozinho. Não estava disposto a discutir o caso com ninguém e também não conseguia pensar em mais nada que não fosse Jonas/Isidoro.

O bem-estar que costumava sentir ao entrar no carro e ligar o som não aconteceu naquela tarde. Estava saindo do hospital meia hora mais cedo que o habitual, sem saber o que fazer com o tempo extra. Enquanto dirigia, em vez de ter o espírito impregnado pela voz de Maria Callas, foi invadido por cenas da filha com Jonas. O fato de ele aparecer com a barbicha raspada não fora simples coincidência, assim como o anúncio da compra de uma bicicleta seguido da referência à bicicleta da filha. Coincidências como aquelas não aconteciam; eram sinais inequívocos de que ele e Letícia estavam se encontrando secretamente.

Somente quando estacionou o carro percebeu que tomara o caminho de casa e não o do consultório. Estacionou na garagem e subiu. Ao abrir a porta do apartamento, foi recebido por um silêncio perturbador. A empregada apareceu na sala.
— Aconteceu alguma coisa, doutor?
— Não. Nada. Onde estão todas?
— Saíram.
— Alguém esteve aqui me procurando?
— Não senhor.
— Nem procurando alguma das meninas?
— Também não.
— Ninguém telefonou?
— Não senhor.

Fazia mais de um ano que a bicicleta estava largada na garagem do prédio sem que ninguém se

importasse com ela. Jonas a vira inúmeras vezes, mas só tivera a idéia de comprá-la depois de ver a filha do dr. Nesse andando de bicicleta por Ipanema. A que estava na sua garagem fazia par com outra, presa a ela por uma corrente. Eram ambas da mesma marca, modelos masculino e feminino. Soube pelo porteiro que o casal se separara e que a mulher continuava morando no prédio. As bicicletas eram restos do casamento. Tocou a campainha e perguntou se ela estava interessada em se desfazer de uma das bicicletas que estavam se estragando na garagem. A mulher pareceu tão aliviada por se livrar do objeto que, depois de uma rápida pechincha, ele a levou quase de graça. Depois de providenciadas limpeza e lubrificação, só foi preciso encher os pneus.

No final da tarde, Jonas experimentava seu veículo novo na mesma hora em que Letícia saía de casa. Mediante conversa com o porteiro, ficou sabendo que ela costumava sair de bicicleta para a academia de ginástica todos os dias no final da tarde, quando não estava chovendo. Não a esperou defronte do prédio, mas na esquina da quadra seguinte, e a casualidade do encontro foi perfeita, facilitada por um quase-esbarrão das bicicletas numa esquina movimentada de Ipanema. Letícia levou alguns segundos para reconhecer o rapaz que estivera em seu apartamento.

— Você raspou a barba!

— Gostou?

— Gostei, claro, é que... Quando você esteve lá em casa, fiquei pensando que você ficaria melhor sem a barba, e agora você aparece de barba raspada. Tomei um susto.

— Então foi um bom susto?

— Foi. Você também mora aqui em Ipanema?

— Moro. Perto da praça General Osório.

— Ainda não sei seu nome.

— Jonas. E o seu?

— Letícia.

— Bonito.

Foram juntos até a academia de ginástica, a uma meia dúzia de quadras dali. A conversa entrecortada pela passagem de carros e ônibus teve que ser retomada na porta da academia, e só foi interrompida quando eles se despediram na portaria do prédio de Letícia, duas horas mais tarde, sem que ela tivesse participado de nenhuma atividade física. Falaram sobre os lugares que freqüentavam, sobre os filmes que haviam assistido e sobre os livros que haviam lido, do que gostavam e do que não gostavam.

Dois dias haviam se passado desde a última sessão com o rapaz, e naquela manhã dr. Nesse ainda não o vira circulando pelo hospital. Não estava no banco sob a mangueira nem na sala de recreação; tampouco o encontrara na hora do almoço, ao atravessar o pátio a caminho do refeitório. Pensou que ele poderia ter se cansado da brincadeira de vigilante.

Almoçou em paz, pegou o carro, que deixara à sombra de uma grande mangueira, e foi para o consultório.

Ao ouvir a voz de Maria Callas, gozou de um bem-estar raro ultimamente em seu cotidiano. O dia não estava especialmente bonito, o que não fazia a menor diferença, contanto que o som de *Norma* continuasse a ocupar cada centímetro cúbico do interior do automóvel. Precisou se conter para não fechar os olhos nos momentos de maior enlevo, até que um incidente interrompeu de maneira brusca o instante de prazer. Levou algum tempo para voltar sua atenção para os gestos do ciclista que se deslocava a seu lado. Não eram sinais de advertência; o rapaz acenava como se estivesse dando adeus.

Não percebeu de imediato quem era. A bicicleta se deslocava entre duas fileiras de carros, e o médico teve de se concentrar para não espremer o ciclista contra o carro ao lado. Foi apenas quando percebeu que o homem continuava a acenar que se deu conta de que era Jonas. O carro desviou um pouco para a direita e para a esquerda até retornar à sua faixa de rolamento, enquanto o ciclista retardava um pouco a marcha. Dr. Nesse conferiu se estava tudo bem em volta e desligou o som. Quando voltou a procurar o ciclista, ele havia sumido. Olhou pelo retrovisor, mas não viu a bicicleta. Olhou para a frente, para as calçadas, e novamente pelo retrovisor, mas nem sinal de Jonas.

O encontro se dera no início da avenida Atlântica, na altura da praça do Lido. O trânsito fluía com regularidade, embora o volume de carros não fosse pequeno. Dr. Nesse seguiu em frente, olhando repetidamente para os lados e pelo retrovisor. Antes de percorrer metade da praia de Copacabana, começou a duvidar de ter efetivamente visto o rapaz. Pensou que talvez fosse um ciclista qualquer

acenando para alguém na calçada. Como nos últimos dias vinha pensando com muita freqüência em Jonas, considerou perfeitamente natural confundi-lo com um ciclista qualquer, sobretudo depois de ele ter dito que comprara uma bicicleta. Mas não podia negar que a imagem fora muito clara. Tinham se olhado a uma distância de pouco mais de um metro, não havia engano possível. Quando, no final da avenida Atlântica, dobrou na direção de Ipanema, suava nas mãos apesar de o ar-condicionado do carro estar ligado. Em vez de ir para o consultório foi para casa, como fizera dois dias antes. Letícia estava em casa.

— Oi, pai! Em casa a esta hora?

— Oi...

— Você está pálido, está se sentindo mal?

— Não. Deve ter sido o calor.

— Pode ser. Quer que eu telefone para mamãe?

— Não. Está tudo bem. Aquele rapaz que esteve aqui à minha procura... Ele voltou a aparecer?

— Aqui em casa, não.

— Apareceu em algum outro lugar?

— Encontrei com ele na rua, de bicicleta.

— Agora?

— Não, anteontem, quando eu estava indo para a ginástica. Na verdade quase trombamos de bicicleta. Se ele não tivesse parado, eu nem o reconheceria. Tirou a barba... Ficou mais bonitinho.

— Letícia, ele é meu paciente.

— Não houve nada, pai, nós só conversamos um pouco. Ele é um cara legal. Foi por acaso, não marcamos encontro.

— Você não marcou encontro com ele, mas ele pode ter preparado esse encontro com você.

— E como ele ia saber que exatamente naquela hora eu estaria de bicicleta naquela esquina? É um cara tranqüilo, bem-educado, se despediu numa boa. O que está havendo, pai? O que ele fez?

— Nada.

Dr. Nesse estava molhado de suor. Não achava bom sinal aquele suor excessivo na cabeça. Tomou uma chuveirada, trocou de roupa e foi para o consultório.

Jonas se habituara a ir todas as manhãs para o hospital. Nas primeiras vezes, sentira-se incomodado com os pacientes internados. Não os temia, considerava-os inofensivos ou menos ofensivos do que as pessoas normais, mas naqueles primeiros tempos sua atenção estava toda voltada para dr. Nesse. Somente a partir do momento em que ficara a par da rotina do médico (e ela era rigorosamente inalterável), passara a corresponder aos olhares e às aproximações dos pacientes, seus companheiros de pátio. Dependendo da medicação, a voz deles era enrolada e as frases estereotipadas, mas mesmo assim conseguiam estabelecer um mínimo de troca. O que mais o incomodava não eram as palavras, mas o cheiro de desinfetante que impregnava as roupas que usavam, por isso preferia estar com eles no pátio externo, junto às árvores, a encontrá-los em ambientes fechados. A não ser nos dias de consulta, evitava encontros com dr. Nesse nas dependências do hospital: apenas se deixava ver de longe ou lhe dirigia um cumprimento quando ele chegava de carro, com os vidros fechados.

Jonas vinha notando pequenas mudanças no médico. Mudanças físicas, mais do que verbais: alteração no modo de andar, gestos menos espontâneos, um estado de prontidão corporal, que sentia como ameaça. Não era capaz de precisar a natureza da ameaça, não era capaz nem mesmo de dizer se a ameaça era real, e achava que não havia nada a ser feito a não ser continuar a proceder exatamente da maneira como vinha procedendo. A mudança no clima das sessões tivera início num momento preciso, pensava ele: quando comentara sobre a filha do médico em uma das consultas. Ficou imaginando se dr. Nesse teria sabido do encontro entre Letícia e ele. Na sua opinião, porém, não havia o que temer. Afinal, ninguém fizera nada contra ninguém.

Letícia passara a sair de bicicleta com uma freqüência maior que a habitual, mesmo quando não tinha nada a fazer na rua a não ser refletir sobre seu encontro com Jonas. Não conseguia entender o que estava acontecendo. A impressão transmitida pelo pai era de que ela e o resto da família estavam sendo alvo de uma ameaça terrível, uma ameaça que só um olhar médico conseguia perceber. Mas o que esse olhar podia revelar? Isso lhe escapava inteiramente.

Enquanto pedalava e prestava atenção no trânsito, tinha a atenção também voltada para as demais

bicicletas que entravam e saíam de seu campo de visão. Não marcara encontro com Jonas nem esperava encontrá-lo àquela hora da manhã de um sábado, embora o primeiro encontro tivesse sido inesperado.

Letícia também pretendia estudar medicina, mas seu interesse não era a psiquiatria. Não simpatizava com o modo como o pai encarava as pessoas nem com os valores que tentava incutir nela e na irmã; achava que havia uma considerável defasagem entre a psiquiatria (ou talvez apenas a psiquiatria do pai) e o mundo contemporâneo. Mas, sobretudo, não queria dedicar sua vida aos loucos, preferia uma medicina cujos resultados práticos fossem mais visíveis. Achava que a experiência profissional não tinha dado ao pai nem mesmo uma compreensão melhor das pessoas que o cercavam. A mãe havia muito tempo se subordinara aos desejos do marido.

Para evitar o trânsito intenso de Ipanema, escolhera fazer a volta da lagoa Rodrigo de Freitas pela ciclovia, o que tornava improvável um encontro acidental com Jonas. O que diria o pai, se soubesse que o encontro dos dois não fora tão rápido quanto ela contara? Qual seria sua reação, se viesse a saber que ela, em vez de ir à academia, ficara conversando com Jonas durante duas horas? E que ele a acompanhara de volta até em casa, e que tinham combinado se ver novamente, e que ela o achara atraente? Esses pensamentos consumiram os oito quilômetros do contorno da lagoa.

Nas manhãs de domingo, pensou, quem tem bicicleta passeia pela orla marítima. Caso o dia seguinte amanhecesse bonito, haveria uma probabilidade maior de encontrar Jonas — e o tempo estava firme, não dava a impressão de que iria mudar. Vestiria biquíni por baixo da roupa, para o caso de tomarem banho de mar. Deixariam as bicicletas acorrentadas uma à outra na areia e teriam o domingo inteiro para se conhecer. Não precisariam nem sair para comer, pois os vendedores ambulantes ofereciam de tudo na praia, de sanduíche natural a pizza com chope gelado. Ficariam até tarde, veriam o pôr-do-sol em Ipanema, a pedra da Gávea, os Dois Irmãos em silhueta, o mar passando de verde a dourado. Voltariam para casa quando já fosse noite. Estaria lá no dia seguinte, e o que mais desejava era que Jonas aparecesse.

Jonas não via motivo para ir ao hospital no sábado. Primeiro, porque dr. Nesse não estaria lá; segundo, porque era dia de visita e o lugar estaria cheio de parentes dos internados. Mas o principal motivo era que precisava se concentrar em Letícia. Havia possibilidade de encontrá-la passeando de bicicleta tanto no sábado como no domingo, embora considerasse que a possibilidade maior era no domingo, quando o trânsito de veículos era interditado em toda a extensão da orla marítima e os ciclistas saíam em revoada.

Não sabia se dr. Nesse dissera à filha alguma coisa sobre ele, mas no mínimo teria dito que ele não era bom da cabeça, que dizia ter um nome diferente do verdadeiro e que só atendia por esse nome, e lhe teria atribuído um termo clínico, e Letícia teria perguntado se era grave, e ele teria respondido que sim, e ela teria pensado bastante e depois de muito pensar teria concluído que não tinha importância, que não vira nada de mais nele, que achara Jonas um cara legal, que o pai não entendia as gerações mais novas, que se não entendia nem ela, sua filha, como podia entender um estranho?

À tarde, percorreu de bicicleta a orla, do começo da praia de Copacabana ao final do Leblon, numa espécie de verificação de terreno e de preparação para o dia seguinte. O mar estava forte, com ondas muito grandes. Só os surfistas se arriscavam a entrar na água, e eram poucos os que tinham coragem de descer com suas pranchas. As ondas quebravam com tamanha violência que dava para sentir o chão vibrar. Voltou para casa já no final da tarde, depois de ter feito duas vezes o percurso e de ter examinado quais os melhores pontos da praia para ficarem. Antes mesmo de chegar à sua rua, sentiu os primeiros pingos de chuva. Olhou para cima. O céu estava carregado de nuvens cinza-chumbo. Quando entrou na garagem do prédio, a chuva desabou.

Choveu toda a noite de sábado e toda a manhã de domingo. Eram três da tarde quando Jonas pegou a bicicleta e rumou para o prédio de Letícia. As ruas ainda estavam molhadas e era preciso ir devagar para não se molhar com a água suja que as rodas da bicicleta jogavam para cima. Ainda não sabia como anunciaria sua chegada sem que dr. Nesse ou outra pessoa da casa que não Letícia percebesse. Nem mesmo sabia se ela estaria em casa. Era domingo, talvez tivesse saído. Ao passar por uma esquina onde havia um telefone público, deu meia-volta, parou a bicicleta junto ao aparelho e, sem desmontar, discou o número que sabia de cor.

— Gostaria de falar com o doutor Nesse, por favor.

— Doutor Nesse foi atender a um chamado. Quer deixar seu nome e o número do seu telefone? Ele ligará assim que chegar.

— Obrigado. Ligo mais tarde.

Não era a voz de Letícia; pelo modo de falar, Jonas percebeu que também não era a empregada, nem uma voz de menina: certamente falara com a mulher do doutor. Percorreu as duas quadras que faltavam, verificou se a roupa estava respingada de lama, entrou na portaria do prédio e dirigiu-se ao porteiro.

— O senhor pode interfonar para Letícia, do quinhentos e um, por favor?

Passados alguns minutos, os dois saíam a pé pelo bairro, depois de Jonas ter guardado a bicicleta na garagem do prédio de Letícia.

— Pensava em encontrar você de bicicleta, hoje de manhã, se não tivesse chovido.

— Pensei a mesma coisa... Nem tinha o seu telefone para combinar outro programa.

— Eu tenho o seu telefone, mas achei que seu pai brigaria com você se eu ligasse.

— E brigaria mesmo.

— Talvez um dia ele mude de opinião a meu respeito.

— Por que ele não gosta de você?

— Acho que não é uma questão de gostar ou de não gostar de mim, mas é por eu ser cliente dele... Questão de princípio médico, de não misturar um caso clínico com vida particular.

— E por que você é um caso clínico?

— Não sou bem um caso clínico. Sou apenas uma pessoa que foi procurar ajuda num serviço oferecido pela universidade.

— E por quê?

— É uma história antiga... Um dia a gente fala sobre isso.

O fim de semana sem notícias de Jonas fez dr. Nesse cruzar o portão do hospital na segunda-feira, rumo ao estacionamento, com alguma esperança de que ele tivesse desistido do assédio. Não o viu na entrada do estacionamento, nem na portaria do hospital, nem sentado no banco debaixo da mangueira. Eram aqueles os lugares mais freqüentados por ele. Pensou, porém, que ele poderia estar na sala de recreação, ou que talvez estivesse atrasado, ou ainda que poderia ter ficado em casa; afinal de contas, não era funcionário do hospital, não precisava bater ponto nem dar satisfação a ninguém de sua presença e de suas ausências. A consulta de Jonas era na quarta-feira, ainda estavam na segunda, e mesmo não sendo seu dia de consulta havia sempre a possibilidade de ele estar rondando pelo pátio. Por via das dúvidas, trabalhou com a persiana semi-aberta. De vez em quando lançava um olhar para o pátio interno — apenas para constatar que o banco de pedra continuava vazio. Ponderou que com a chuva do fim de semana o banco devia estar molhado. O sol da manhã ainda não fora suficiente para secar a pedra. Jonas poderia estar em outro lugar do pátio ou mesmo dentro do prédio. No intervalo maior que teve no meio da manhã, quando saía da sala para tomar um café, perguntou aos funcionários da portaria se tinham visto um paciente com tais e tais características...

— Conhecemos o Jonas, doutor, ele não veio hoje.

Pediu à atendente que verificasse se o paciente Isidoro Cruz, ou Jonas, estava em casa. Ela tentou algumas vezes, sem que ninguém atendesse ao telefone.

— Ligue, por favor, para a minha casa.

Enquanto a ligação era feita, o médico voltava a esquadrinhar o pátio, agora através da persiana inteiramente levantada.

— Doutor, a empregada disse que todos saíram.

— Ela disse assim: que todos saíram?

— Foi, doutor.

— Ela disse todos ou todas?

— Acho que disse todos, doutor, mas posso ter me enganado.

— Ligue novamente e pergunte se havia mais alguém com elas.

Enquanto a atendente discava, o médico não parava de olhar pela janela, esquadrinhando o pátio do hospital.

— Doutor, a empregada disse que elas saíram em horas diferentes e que não sabe dizer se alguma delas saiu acompanhada.

— Como, não sabe dizer?

— Ela está na linha, doutor. Talvez seja melhor o senhor falar com ela.

— Alô...

— Sou eu, doutor. Aparecida.

— Aparecida, teve algum rapaz procurando por mim ou por Letícia?
— Teve não, doutor. Pelo menos aqui na porta, não.
— Não abra a porta para nenhum estranho, ouviu?
— Sim, senhor.

Os dois pacientes seguintes tiveram seu atendimento claramente prejudicado. Não havia como manter uma escuta para suas falas e ao mesmo tempo prestar atenção no banco de pedra sob a mangueira. Depois do almoço, dr. Nesse não conseguiu ir direto para o consultório. Teve necessidade de passar em casa para ver se estava tudo bem. Não perderia nem dez minutos. Mas nem chegou a subir para o apartamento: ainda na portaria foi informado de que apenas a mulher e a filha mais nova haviam chegado. Letícia ainda estava fora. Voltou para o carro com a certeza de que seria inútil subir. A mulher não saberia do paradeiro de Letícia. A irmã, mesmo que soubesse, não diria nada. Proteção mútua. Entrou no carro e tomou o caminho do consultório.

A secretária ligava o ar-condicionado uma hora antes de ele chegar, para que quando começasse a atender a temperatura estivesse no ponto ideal. A sala era agradável e decorada com bom gosto. Para isso contratara um arquiteto. Tinha preferido um arquiteto a uma arquiteta: temia que uma mulher criasse um ambiente pouco masculino e pouco austero. A poltrona e o divã eram de desenho italiano e revestidos de couro preto (como ele achava que deviam ser os móveis do ambiente de trabalho de um homem). Nada de tecidos indianos ou móveis coloniais.

A secretária conferiu com ele os atendimentos da tarde e entregou-lhe os recibos dos pagamentos e depósitos bancários feitos na parte da manhã. O médico mal lhe deu atenção. Enfiou os recibos no bolso e foi para a sua sala.

Ficou na penumbra, com as persianas fechadas. Enquanto aguardava a chegada do primeiro cliente da tarde, repassou os acontecimentos recentes envolvendo Jonas. Chegou a uma conclusão que de início lhe pareceu óbvia: precisava decidir se passava Jonas para um colega ou se o conservava como cliente. No caso de mantê-lo como cliente, não poderia permitir que suas fantasias continuassem a interferir no tratamento. Se é que eram fantasias. Não era fantasia Jonas ter ido a seu apartamento e falado com sua filha, como também não era fantasia ele se encontrar com ela enquanto andavam de bicicleta; não era fantasia ele anunciar que comprara uma bicicleta e fazer alusão ao fato de as filhas terem bicicleta, como também não era fantasia ele passar as manhãs sentado no pátio do hospital controlando seus passos. Estava decidido a fazer uso da consulta seguinte para definir certos limites referentes ao atendimento psiquiátrico, sendo o ponto mais importante a não-intervenção do paciente na vida privada e familiar do médico. Se Jonas estivesse disposto a aceitar esses limites, poderiam continuar o tratamento. Caso viesse a se mostrar resistente, seria obrigado a interromper a terapia.

Era, pelo menos, uma forma de assumir o controle da situação em vez de simplesmente reagir às ações do paciente. Não partilhava do ponto de vista de que todo paciente pode ser tratado apenas através da palavra; alguns são resistentes a elas e somente podem ser ajudados com medicação. Era cedo para estabelecer a natureza e a extensão do distúrbio mental de Jonas, mas indiscutivelmente não podia expor a própria filha aos perigos decorrentes de sua doença. No fim do dia, saiu do consultório sentindo-se bem melhor do que quando chegara. No carro, pôs o CD de Maria Callas e constatou que sua alma estava novamente apta a acolhê-la. Permitiu-se cantarolar alguns trechos em dueto com a diva.

A terça-feira transcorreu como gostaria que fossem os demais dias da semana. Nem mesmo a proximidade do encontro com Jonas, no dia seguinte, foi capaz de abalar a paz que estava sentindo. Não houve alteração na rotina do dia — nem na parte da manhã, no hospital, nem na parte da tarde, no consultório. Nenhum sinal de Jonas/Isidoro.

Acordou no dia seguinte ainda mais leve do que na véspera. Sentou-se sozinho à mesa para o café: as filhas tinham saído e a mulher ainda dormia. Não gostava de companhia no café-da-manhã, preferia ler o jornal sem ser incomodado. Pôs de lado a seção de esportes, que não lhe interessava, passou rapidamente os olhos pela parte dedicada à política nacional e internacional e percorreu o segundo caderno mais demoradamente, lamentando o pouco ou nenhum espaço dedicado à ópera.

Saiu de casa quinze minutos mais cedo que o habitual, pegou a transversal que levava à praia de Ipanema, dobrou à esquerda na pista vizinha ao mar e rumou para o hospital. Como tinha tempo, deixou-se levar pelo ritmo lento do tráfego enquanto prestava atenção nas pessoas que caminhavam ou corriam no calçadão da orla. Pensou que deveria fazer o mesmo pelo menos três vezes por semana, para tentar reduzir o peso. Mesmo sendo um homem alto, precisava perder uns dez quilos. Mas a simples idéia de pôr short,

camiseta e tênis e sair andando ao sol no verão o fazia ruborizar. Verificou a regulagem do ar-condicionado e deixou de lado os atletas matinais. O trânsito fluía num ritmo suave e contínuo e com tanta regularidade que bastava dedicar-lhe um mínimo de atenção. Em pouco tempo manobrava o carro para cruzar os portões de ferro do hospital.

Às dez em ponto abriu a porta da sala de atendimento para fazer entrar Jonas. Não havia ninguém na sala de espera. Fechou a porta e utilizou o telefone interno para se comunicar com a responsável pelo controle dos atendimentos do setor.

— O paciente das dez ainda não chegou, doutor.

— Você sabe quem ele é...

— Jonas está sempre por aqui, doutor. Assim que ele chegar, encaminho para o senhor.

Passados dez minutos, o médico teve certeza de que Jonas não iria àquela sessão. Andou de um lado para o outro na exígua sala de atendimento, abriu mais algumas vezes a porta para verificar se o paciente havia chegado, consultou igual número de vezes a atendente e viu desaparecer a paz de espírito que sentira nos dois últimos dias. Dispunha de tempo até o paciente seguinte. Trancou a porta e procurou uma posição confortável na poltrona de atendimento.

Na hora do almoço, antes de ir para o refeitório, passou pela sala de recreação, pela terapia ocupacional e atravessou o pátio interno, verificando os locais onde Jonas habitualmente se mantinha em vigília. Não havia sinal dele.

Na manhã de quinta-feira, Jonas estacionou a bicicleta no pátio, junto à mangueira, e foi à portaria cumprimentar os funcionários.

— O doutor perguntou por você ontem.

— Ontem eu não pude vir.

Ao meio-dia em ponto, depois de atender os pacientes da manhã, dr. Nesse passou pela portaria em direção ao refeitório. Ao cruzar o pátio, diminuiu o passo como se fosse parar, chegou a iniciar um movimento para a esquerda, na direção do banco de pedra onde Jonas estava sentado, mas se conteve. Retomou a caminhada e foi almoçar.

Quando voltou a sua sala para apanhar a pasta, encontrou sobre a mesa um recado para telefonar com urgência para casa.

Saíra pela manhã sem saber que Letícia dormira fora de casa, que ainda não havia chegado e que ninguém sabia onde ela estava.

Desligou o telefone e correu para o pátio. Jonas não estava mais lá.

A combinação de Letícia com a mãe fora de ela passar dois dias na casa de uma colega, estudando para as provas. Era comum, em véspera de provas, duas ou três colegas se reunirem na casa de uma delas para estudar e uma ou outra ficar para dormir. O que nunca tinha acontecido era uma das colegas do grupo de estudo telefonar à noite perguntando por Letícia. Para a mãe, tratava-se de um engano, e não de uma artimanha da filha. Por via das dúvidas, ligara para mais uma menina do grupo. Ela não apenas não soube dizer onde estava Letícia como informou que não tinham combinado de estudar naquela noite.

A partir daquele momento e durante toda a noite de quarta-feira, Teresa Nesse manteve em segredo a ausência da filha. Vira o marido sair para o trabalho na manhã seguinte e perguntara à outra filha sobre o paradeiro da irmã. Roberta nem sabia que Letícia não havia dormido em casa, não sabia dela desde a manhã do dia anterior. A dúvida e a ansiedade foram crescendo à medida que a manhã avançava. Ao meio-dia em ponto, hora que estabelecera como limite, Teresa telefonara para o marido, na universidade, para contar que Letícia havia sumido.

Dr. Nesse recebeu o envelope no momento em que passava pela portaria do hospital, após ter falado com a mulher pelo telefone. No envelope estava escrito apenas “Dr. Nesse”, em letra de fôrma. Dentro, havia um pedaço de papel do tamanho de uma folha ofício cortada ao meio, com a frase: “Como está passando?” em letra de fôrma um pouco tremida.

— Quem entregou este envelope?

— Um menino. Disse que era para o senhor.

— Que menino? Como ele era?

— Parecia um menino de rua, doutor. Bermuda, camiseta e sandália de dedo.

— Há quanto tempo foi isso?

— Faz pouco tempo, o senhor estava no almoço.
O médico correu pelo pátio até o portão, procurando inutilmente um menino que mal sabia como era.
Entrou em casa meia hora depois, perguntando pela filha, ao mesmo tempo que estendia o bilhete para a mulher.
— O que é isto, Artur? Tem a ver com nossa filha?
— Ele seqüestrou Letícia.
— Quem seqüestrou Letícia, Artur?! Pelo amor de Deus, do que você está falando? Onde está minha filha? — As lágrimas escorriam pela face da mulher e por seus lábios trêmulos, que mal conseguiam pronunciar as palavras.
— Estou dizendo que ele seqüestrou nossa filha.
— Aquele rapaz seu cliente?
— É.
— Como você sabe que foi ele?
— Eu sei.
— Você viu os dois juntos?
— Não, mas ele foi hoje de manhã ao hospital e ficou sentado naquele banco, me olhando.
— Então, Artur... Se ele estava no hospital, não podia estar com Letícia.
— Eu ainda não sabia que Letícia tinha sumido.
— Artur, isso não faz sentido! Se o rapaz estivesse com Letícia, não iria ao hospital só para olhar para você.
— Ele é louco! Eu avisei!
— Mas se ele seqüestrou Letícia, o que estava fazendo no hospital?
— Olhando.
— Olhando o quê?
— Me olhando, merda!
— Calma, Artur, estou assustada. Não estou entendendo nada. Como é que um homem que seqüestrou nossa filha pode ter passado a manhã toda sentado no pátio do hospital?
— Eu tenho aqui a ficha dele, com telefone, endereço, tudo. Vou procurar esse filho-da-puta.
— Não acha melhor avisarmos a polícia? Você tem esse bilhete...

Dr. Nesse não acreditava em desaparecimento nem em seqüestro (apesar de ter sido ele a empregar a palavra). Fuga ou rapto, seriam as palavras mais adequadas. Sua filha tinha sido raptada. Mas o insuportável era ela ter fugido com um cliente dele. Embora não houvesse nenhum dado concreto corroborando a hipótese do rapto, o médico não tinha dúvida de que essa era a verdade do fato. E o fato era que sua filha estava desaparecida havia mais de vinte e quatro horas. Se ele estivesse certo, Jonas também devia estar desaparecido.
Catou nos bolsos o pedaço de papel onde anotara o endereço e o telefone de Jonas. Ligou em seguida. O telefone chamou mais de uma dezena de vezes. Ninguém atendeu. Tentou outras vezes: nenhuma resposta. Nem secretária eletrônica. Teve certeza de que Jonas e Letícia estavam juntos. A questão era saber onde.
Segundo a empregada, Letícia saíra de casa carregando apenas uma sacola na qual caberiam pouco mais que uma muda de roupa e alguns objetos pessoais. Dr. Nesse chegou a pensar em percorrer os motéis à procura da filha, mas logo percebeu o absurdo da idéia. Podiam estar na casa de algum amigo ou amiga cujos pais estivessem viajando. Mandou a mulher telefonar para as amigas de Letícia, na tentativa de obter alguma pista. Considerava que a mulher descuidara da filha e que era responsável por seu desaparecimento. Os telefonemas resultaram em nada. As amigas não viam Letícia havia dois dias e nunca tinham ouvido falar em Jonas ou em algum namorado novo.
Eram duas da tarde quando dr. Nesse saiu de carro decidido a percorrer Copacabana, Ipanema e Leblon. Por alguma razão, achava que a filha não teria ultrapassado os limites desses bairros e que poderia encontrar os dois passeando de bicicleta pelas ruas. No final do dia ainda passou pelo hospital para saber se Jonas tinha voltado lá à tarde. Também ele desaparecera.
Novamente de carro pelas ruas, concluiu que a filha não passaria mais aquela noite fora de casa, a menos que realmente tivesse sido raptada. O rapto sempre fora a estratégia usada por enamorados que queriam consumar um casamento. Mas o médico não acreditava ser esse o caso. Não moravam numa

cidade do interior do país, moravam no Rio de Janeiro, no bairro de Ipanema, e já estavam no século XXI. Nenhum adolescente moderno pensaria em lançar mão do rapto para consumar uma relação sexual.

Havia ainda a considerar a hipótese de seqüestro, pelo mesmo motivo de viverem no Rio de Janeiro, no bairro de Ipanema. Embora considerasse os dois crimes repugnantes, rapto era muito diferente de seqüestro. No rapto amoroso havia a concordância dos implicados, enquanto o seqüestro envolvia força bruta e a ameaça de morte. Pensou em recorrer à polícia. A idéia, repudiada algumas horas antes, passara a ser vista com seriedade. Não confiava na polícia, mas se lembrava das referências elogiosas que um colega de hospital fizera uma vez a um delegado de Copacabana na solução de um caso envolvendo uma paciente. Guardara o nome do delegado porque era o nome de um filósofo. Continuou dirigindo sem saber exatamente aonde queria ir. Tinha consciência, porém, de estar na direção de Ipanema.

E se o fato de Jonas procurar tratamento já fosse parte de um plano para seqüestrar uma de suas filhas? E se toda aquela história de se chamar Jonas e não Isidoro não passasse de uma farsa? Talvez ele não se chamasse nem Jonas nem Isidoro. Talvez tivesse deixado um telefone falso. Procurou nos bolsos o papel com os dados pessoais de Jonas. Lá estava o endereço: rua Jangadeiros. Sabia que ficava na praça General Osório, a mesma de seu consultório. Eram vizinhos. Imaginou Jonas sentado na praça, observando-o sair do prédio... Talvez tivesse se impressionado com o carro importado e imaginado que fosse rico... Daí teria forjado um quadro clínico para ser atendido gratuitamente no hospital e ter acesso fácil a ele, sem levantar suspeitas. A ida a seu apartamento, o encontro casual com Letícia, tudo se encaixava: o Jonas psicótico era um brilhante disfarce para o seqüestrador inteligente, frio e meticuloso que planejara tudo cuidadosamente, passo a passo, chegando ao requinte de fazer Letícia se apaixonar por ele. Nem fora preciso seqüestrá-la, ela provavelmente o seguira.

Estacionou o carro na garagem do consultório. A rua onde Jonas morava ficava a menos de cinqüenta metros. Caminhou até a esquina e procurou o número retirado da ficha do hospital. A rua só tinha duas quadras; percorreu-a nos dois sentidos. Não encontrou o número fornecido por Jonas.

A conversa com o delegado só foi possível graças à intervenção de um policial de plantão que observava as idas e vindas do homem grandalhão na calçada defronte ao prédio. Nunca antes dr. Nesse entrara numa delegacia de polícia, e jamais imaginara que um dia o faria pelo motivo que o estava levando lá.

— O senhor precisa de ajuda?

— Preciso. O senhor é o delegado?

— Sou detetive. Se quiser conversar com o delegado...

— Não sei... Acho melhor...

Mesmo enquanto falava com o policial, dr. Nesse não parava de andar, dava dois passos e se afastava, com mais outros dois voltava, mexia nos bolsos à procura de algo que nem ele mesmo parecia saber o que era, depois desdobrou e leu várias vezes um pedaço de papel que encontrou no bolso da calça.

— Talvez seja melhor o senhor entrar.

O detetive levou dr. Nesse para dentro do prédio. Enquanto subiam pela escada que dava acesso ao segundo andar, o médico mais de uma vez fez menção de dar meia-volta, mas com a mão pousada em suas costas o detetive o encorajava a continuar. Quando entraram na sala do delegado, ele discutia com outro detetive aspectos de um processo que tinha nas mãos. Nem sequer levantou os olhos quando o detetive entrou na sala acompanhado do homem que naquele momento assoava o nariz com um lenço amassado. Passaram-se longos dois minutos até o delegado voltar a atenção para eles.

— O que é, Ramos?

— Acho que este senhor está com algum problema, doutor.

— Ele disse que está com um problema?

— Ele está nervoso, doutor, não está conseguindo dizer direito o que aconteceu.

O delegado despachou o subordinado com quem estava discutindo o processo e, pela primeira vez, encarou dr. Nesse.

— O que aconteceu? — Havia cansaço e impaciência em sua voz.

— O senhor é o delegado Espinosa?

— O delegado Espinosa está de férias; sou o delegado substituto. É só com ele?

— Não sei... É que ele eu conheço.

— O senhor não quer dizer o que houve?

— Minha filha... Sumiu... Pode ter sido seqüestrada...

— Ramos, traga um copo d'água para ele.

Depois de tomar a água, o médico se apresentou e fez um relato contido e monocórdico do desaparecimento da filha. Quando terminou, parecia melhor e a voz recuperara o tom habitual.

— Não há seqüestro quando a vítima acompanha de livre e espontânea vontade o suposto seqüestrador.

— Desculpe, delegado, mas não se pode falar em livre e espontânea vontade quando se trata de uma menor. Ela foi seduzida por um homem mais velho e experiente.

— Mesmo assim, não se trata de seqüestro. Qual a idade dela?

— Dezessete anos.

— Foi feito algum contato? Houve pedido de resgate?

O médico retirou do bolso o envelope com o bilhete e o entregou ao delegado.

— Só isto aqui.

— Quando o senhor recebeu?

— Hoje, por volta do meio-dia.

— Como foi entregue?

— Foi deixado por um menino na portaria do hospital onde trabalho.

— O bilhete foi escrito de forma a distorcer a caligrafia do autor.

— Não era preciso. Sei quem escreveu.

— O senhor sabe?

— Sei.

— Quem escreveu?

— Um cliente meu.

— Então vamos intimá-lo a...

— Não posso.

— Como não pode?

— Ele é meu cliente.

— Mas, doutor...

— Não posso.

— Qual é a sua especialidade?

— Psiquiatria.

— Então seu paciente é maluco?

— Não posso garantir que ele seja de fato psicótico. Pode ter se fingido de cliente.

— Por que o cuidado com a ética médica, se ele pode ser um farsante?

— Para nós, isso não faz diferença.

— Veja, doutor: o senhor entra aqui para denunciar um suposto seqüestro de sua filha; mostra um bilhete que não esclarece nada, mas que o senhor afirma ser do seqüestrador; diz saber quem ele é, mas declara não poder dizer o nome dele. O que o senhor acha disso? O bilhete, além de vago, contém apenas uma pergunta, não traz o seu nome nem o nome de sua filha e não faz referência a um seqüestro. Pode se tratar de um rapto amoroso. Se o senhor faz questão de manter o nome do cliente em sigilo, a única coisa que podemos fazer é torcer por essa hipótese.

— O senhor não pode iniciar uma investigação com os dados que tem?

— Investigar o quê? Esse bilhete não diz nada, ele nem sequer é um bilhete, não há nada que o ligue ao desaparecimento de sua filha, a não ser o fato de coincidirem no tempo. E tem ainda um detalhe importante: é muito suspeito o fato de sua filha ter dito à sua esposa que ia dormir na casa de uma amiga exatamente no dia em que ela desaparece. Ninguém avisa que vai ser seqüestrado. Essa é uma desculpa típica de mocinha que vai dormir com o namorado. Sou capaz de apostar que dentro de um dia ou dois ela aparece em casa de cabeça baixa pedindo perdão e dizendo que foi enganada pelo namorado.

— E certamente foi.

— Espere até amanhã, doutor. Se sua filha não aparecer, prometo que vamos encontrá-la. Pense bem, até agora não aconteceu nada. Quantas vezes sua filha já dormiu fora, na casa de uma amiga?

— Algumas.

— Tem certeza de que nessas vezes ela dormiu mesmo na casa da amiga?

— Não sei.

— Telefone amanhã para dar notícias.

— O senhor poderia me dar o telefone do delegado Espinosa? Eu gostaria de falar com ele também.

O médico saiu da delegacia achando que tinha tido razão em não querer procurar a polícia. São todos insensíveis e burocráticos. Se um acontecimento não se enquadra dentro de algum dos esquemas deles, então não é um acontecimento ou, pior, o acontecimento não aconteceu.

Deixara o celular no carro, estacionado numa garagem subterrânea a uma quadra da delegacia. Pegou o carro e desceu a rua Siqueira Campos até a avenida Atlântica. Queria apenas encontrar uma vaga ao ar livre onde pudesse parar e ligar para o número que o delegado lhe dera.

Não foi difícil achar uma vaga. Passava das sete da noite quando discou pela primeira vez. Discou como que para se desfazer da má impressão causada pelo delegado substituto. Não sabia, porém, como seria recebido pelo delegado titular. Precisou de três tentativas antes de tomar coragem para falar.

— Delegado Espinosa?

— Sim.

— Desculpe estar ligando para sua residência, mas na delegacia disseram que o senhor estava de férias.

— Estou, realmente.

— Meu nome é Artur Nesse, sou médico... Um colega do hospital me deu seu nome... O senhor o ajudou...

Apesar da resistência inicial do delegado, este acabara concordando em se encontrarem na praça do bairro Peixoto. Dr. Nesse estava a menos de cinco minutos do local, mas como mentira que estava saindo do consultório, em Ipanema, precisou esperar uns dez minutos antes de dobrar a primeira rua à direita de onde estava estacionado e subir em direção ao bairro Peixoto.

Deu uma volta na praça antes de parar numa vaga segura e quase defronte ao prédio cujo número anotara. Quando se encaminhava para o prédio, um homem que estava de pé na calçada o chamou pelo nome.

— Doutor Nesse? Sou o delegado Espinosa.

Cumprimentaram-se, e o delegado apontou para a praça.

— Se o senhor não se incomoda de conversarmos ao ar livre...

— Não... Claro que não...

Atravessaram a rua em direção à praça e procuraram um banco onde não fossem incomodados. Nenhum dos dois falou até estarem sentados.

— Então, doutor, o que aconteceu?

Passava um pouco das quatro da tarde quando Jonas e Letícia chegaram suados e cansados ao portão da casa no ponto mais elevado da ladeira. O sol ainda estava alto e o calor seria suportável caso não tivessem optado pela subida a pé em vez de na Kombi que fazia o transporte de moradores para a parte mais elevada do morro. Descansaram alguns minutos antes de enfrentar os lances da escada de pedra que os levaria da rua, através dos platôs ajardinados, até a varanda da casa.

A rua Saint Roman é uma grande ladeira em forma de arco na encosta sul do morro do Cantagalo, no limite entre os bairros de Copacabana e Ipanema. A rua ainda conserva várias mansões do tempo em que abrigava moradores ricos que preferiam a bela perspectiva aérea do oceano Atlântico ao movimento frenético de Copacabana, logo abaixo. Isso na época em que a favela ainda não tinha conquistado a parte mais alta do morro, a ponto de os barracos se encostarem aos muros dos fundos das grandes casas. Com o passar dos anos, a rua perdeu status e os moradores ricos mudaram-se para lugares mais seguros. Algumas das antigas residências foram ocupadas por novos moradores atraídos pela excelência das construções (e não tão preocupados com a vizinhança), enquanto outras foram transformadas em templos religiosos. O avanço da favela pela retaguarda deteve-se, pacífica e espontaneamente, no alinhamento das casas, dando lugar à convivência entre os dois grupos de moradores.

— Hoje não vou precisar de academia de ginástica, mas vou precisar de um banho quando chegarmos lá em cima.

— Você terá o seu banho e prometo que será bom.

A casa de pedra, de dois pavimentos, era separada da rua por um jardim inclinado, disposto em platôs ligados por escadas feitas da mesma pedra cinza que recobria toda a fachada da casa. Não havia campainha nem no portão junto à rua nem na porta que dava para a ampla varanda na frente da construção. A não ser pelo jardim bem tratado, nada indicava que a casa fosse habitada: nenhuma pessoa à vista, nenhuma cadeira na varanda, nenhuma janela aberta.

Assim que alcançaram a casa, Letícia sentou-se na mureta baixa que servia de divisória entre a varanda e

o jardim, rodopiou o corpo e ficou de costas para a casa. À sua frente, acima dos prédios de Copacabana, via-se uma larga faixa azul de mar. Jonas levantou a tampa de uma luminária que encimava a porta principal, pegou uma chave presa a ela, e sentou-se ao lado de Letícia. Ficaram em silêncio, apreciando a vista e ouvindo o burburinho surdo que subia da cidade como uma névoa sonora.

— Tem certeza de que não tem ninguém na casa?

— Já verifiquei as outras portas e janelas. Estão fechadas. Além do mais, meu amigo pastor disse que só vem aqui nos fins de semana para oficiar o culto.

— Ele tem uma casa desse tamanho só para os fins de semana?

— A casa não é dele. Está em inventário. Ele apenas toma conta.

— E essa história de culto?

— Não sei como surgiu. Parece que ele se interessou por algumas religiões orientais ou do Leste europeu, não sei bem, passou um tempo lá, e quando voltou fundou uma espécie de filial aqui no Rio. Nem sei como é o nome da religião deles. Já tem uns dois ou três anos que ele oficia o culto aqui nesta casa. Quando vem todo mundo, são mais de cem pessoas. A igreja é muito pobre, sobrevive das doações dos fiéis.

— Quer dizer, *ele* sobrevive das doações dos fiéis.

— *Ele* é a igreja.

— E é seu amigo.

— Eu o ajudei quando ele voltou da Europa. Não tinha dinheiro nem fiéis. Dividíamos um quarto de pensão na rua Cândido Mendes. Até que apareceu a oportunidade de ele tomar conta desta casa durante a fase do inventário. Só que inventário não corre, se arrasta. Enquanto não termina, ele usa a casa como uma espécie de igreja. Por isso não tem placa nem símbolo nenhum do lado de fora.

— Vamos entrar?

Pegaram as sacolas com mantimentos e roupas, Jonas abriu a pesada porta de madeira maciça e entraram. A primeira coisa que sentiram foi a diferença de temperatura, muito mais agradável dentro do que fora da casa. A luminosidade ambiente era dada pela luz que entrava pelas venezianas, e o farfalhar das sacolas tornava ainda mais forte o silêncio.

Estavam na sala principal da casa. Letícia tentou o interruptor, mas a lâmpada não acendeu; tentou um outro, que também não funcionou. Jonas foi até a cozinha, encontrou o quadro de luz e ligou a chave geral. Ouviu o ruído do compressor da geladeira sendo ligado e a voz de Letícia avisando que a luz tinha acendido. E então puderam ter uma visão mais nítida do ambiente. Além de algumas cadeiras de estilos desencontrados e de uma chapeleira de onde pendia um único guarda-chuva, nada mais havia ali. Anexa à sala, havia uma saleta separada por uma abertura em arco, sem porta, e que parecia servir de altar. Nela, apenas uma pequena mesa coberta com uma toalha bordada, contra um panô cuja pintura simulava um altar. Tudo muito tosco e improvisado. Além da pequena sala, não havia mais nada indicando a presença de atividades religiosas naquela casa.

A parte de cima tinha quatro quartos. Três estavam inteiramente vazios. No que seria o quarto principal, de frente para o mar, havia uma cama de casal, uma cômoda em que faltava uma das gavetas, e uma cadeira. Nas gavetas da cômoda encontraram toalhas de banho e roupa de cama. O banheiro era amplo, com louças sanitárias inglesas e uma grande banheira. Mas o peculiar do banheiro era o chuveiro. Não havia um boxe propriamente dito, mas uma parede-meia separando o espaço do chuveiro, sem porta de vidro nem cortina, um lugar amplo o bastante para que três ou quatro pessoas pudessem tomar banho ao mesmo tempo sem esbarrar umas nas outras.

Letícia experimentou a torneira da banheira. A primeira água escorreu um pouco barrenta, mas em seguida jorrou uma água limpa e quente como se o aquecedor estivesse ligado.

— A água está quente.

— A caixa-d'água deve ter tomado sol durante todo o dia. Quer tomar banho agora?

— Quero.

— Vou lá embaixo trancar a porta e volto para te ajudar.

— Não vou tomar banho de banheira, vou usar o chuveiro.

— Está bem. Eu tomo logo em seguida.

A sugestão de passarem uma noite juntos partira de Jonas, a escolha do lugar também fora dele, mas a decisão final fora tomada por Letícia depois de passar a noite de domingo para segunda relembrando tudo o que Jonas havia dito durante o passeio no domingo.

Enquanto esperava a água sair completamente limpa pelo chuveiro e escutava o barulho de Jonas no andar de baixo fechando portas e janelas, Letícia pensava no absurdo de atribuírem a ele algum tipo de distúrbio mental. Se Jonas era doido, pensava ela, então grande parte da humanidade, e a melhor das partes, era constituída de doidos. Deixara a porta e a janela do banheiro abertas, para aproveitar a luz e a brisa do final da tarde, e pensava nos momentos que estavam por vir. Pensava também nos muitos e longos devaneios que tivera a respeito de como seria aquela primeira vez. Não se mantivera virgem até os dezessete anos por motivos religiosos, por obediência ao moralismo paterno ou para guardar-se para o príncipe encantado. Não era religiosa, era contrária a moralismos e, definitivamente, não acreditava em príncipe encantado. Mantivera-se virgem por medo. Dizia a si mesma que não era medo, que era prudência, mas sabia perfeitamente que os dois sentimentos são parentes próximos, quase irmãos. Também pensara longamente sobre quanto da religiosidade e da moralidade dos pais havia conservado no mais profundo de si mesma. E agora antevia Jonas subindo a escada, encontrando a porta do banheiro aberta e entrando hesitante. Imaginava como ele procederia a partir de então, o que faria, o que diria, e como ela reagiria. A água escorria por seu cabelo, turvando-lhe a visão. Letícia passou a mão pelo rosto, e quando a vista desanuviou, Jonas estava no meio do banheiro, de frente para ela, inteiramente nu, como que esperando o término do devaneio a que ela se entregara. Quando percebeu que ela despertara, entrou no boxe e a abraçou. Lentamente, começaram a ensaboar um ao outro, cada parte do corpo, cada reentrância, cada superfície, cada dobra, cada orifício, cada protuberância. Quando todas as partes haviam sido tocadas e submetidas a investigações preliminares, foram caminhando abraçados até o quarto, como se estivessem dançando, ainda molhados, e deitaram na cama sem deixar os corpos se separarem, e assim ficaram até anoitecer.

— Você não me disse que era virgem. Deveria ter dito.

— Faria diferença?

— Eu tomaria mais cuidado.

— Você foi cuidadoso... Como se soubesse.

— Está sentindo alguma coisa? Está doendo?

— Só o estômago...

— O estômago?

— ... de fome.

Jonas foi buscar na cozinha os sanduíches, as frutas e os refrigerantes. Comeram na cama, voltados para a janela, olhando o céu de Copacabana.

— Amanhã vou ter que descer para comprar mais comida.

— Tenho medo de ficar aqui sozinha.

— Não precisa ter medo, é seguro; vou e volto num instante. Você não pode voltar para casa abatida e com cara de mal alimentada. Não se esqueça de que está passando dois dias na casa de uma amiga e que deve estar sendo bem tratada.

— E estou mesmo.

Um dos extremos da ladeira Saint Roman desemboca a duas quadras de distância da rua Jangadeiros e da praça General Osório. Foi por onde desceu Jonas, na manhã de quinta-feira, para pegar a bicicleta. A caminho do hospital, evitou o percurso feito habitualmente por dr. Nesse. Considerou que não seria o momento mais adequado para um encontro fora das dependências do hospital. Ignorava como o médico reagiria. Eram onze e meia quando passou de bicicleta e cumprimentou o funcionário do estacionamento encarregado do controle dos carros. Mesmo sem entrar na área reservada, viu o carro do médico estacionado. Sentou-se no banco sob a mangueira e esperou.

Suas tentativas de aproximação de alguns pacientes internados, apesar de lentas, começavam a render frutos. Já era reconhecido e chamado pelo nome. Continuavam a lhe pedir que pagasse um refrigerante ou um pacote de biscoitos, e ele os atendia de boa vontade quando podia. Não queria transformar o gesto de boa vontade em obrigatoriedade. O fato é que já contava com um pequeno grupo de amigos. Quem o visse, dia após dia, sentado naquele banco, dando atenção aos pacientes, participando das atividades recreativas e de terapia ocupacional, pensaria tratar-se de um auxiliar psiquiátrico ou de um estagiário de algum curso da área da saúde. Mas naquele dia Jonas não podia ficar por muito tempo. Letícia estava sozinha na casa, sem telefone, e ainda não conhecia pessoalmente o pastor. Se acontecesse algum imprevisto, poderia se assustar e descer sozinha, estragando tudo.

Ao meio-dia, Jonas viu dr. Nesse sair do prédio principal e se encaminhar para o refeitório. Percebeu que o médico quase parara ao vê-lo e que em seguida continuara seu percurso. Não esperou que ele terminasse de almoçar. Voltou para Ipanema, guardou a bicicleta e comprou mantimentos para mais um dia.

Letícia tomara outro banho e estava secando os cabelos junto à janela quando viu Jonas abrindo o portão da casa. Ele subiu devagar, carregando uma sacola de compras em cada mão, parando em cada platô, até chegar à varanda. Faltavam poucos minutos para as duas da tarde quando entrou no quarto, visivelmente cansado.

— Por que demorou tanto? Senti medo, sozinha aqui.

— Eu já disse que este lugar é seguro. O pastor só vem nos fins de semana e ninguém mais tem a chave.

— Mas bastou você esticar a mão e pegá-la na luminária.

— Eu tinha combinado com ele. Tem outra coisa: o pessoal do morro não molesta os moradores da rua. É um pacto não escrito, mas que tem valor de lei.

— Está bem, mas quero que você fique aqui comigo.

— Temos o resto da tarde e toda a noite para ficar juntos. Não foi o que você combinou com sua mãe? Dois dias na casa da amiga?

— Foi. Só espero que ela não saia telefonando para todas as minhas amigas para verificar.

— Você quer desistir?

— Não. O que eu quero é aproveitar esse tempo que ainda temos.

Enquanto retirava as compras de dentro das sacolas e as arrumava em cima da cômoda, Jonas observava Letícia penteando os cabelos, sentada na cama e enrolada na toalha.

— Vi seu pai hoje.

— Como, viu meu pai?

— Fui até o hospital.

— Você me deixou aqui sozinha e foi até o hospital? O que você foi fazer lá?

— Precisava ver como estava seu pai.

— Precisava ver meu pai por quê?

— Para ver se ele estava bem.

— Acho que não estou entendendo. Falamos tanto sobre como poderíamos passar um ou dois dias juntos, só nós dois, num lugar agradável, onde ninguém nos encontrasse. Você consegue esta casa maravilhosa, de graça. Eu invento uma história que não sei se minha mãe engoliu, a gente vem para cá, passamos uma noite maravilhosa, e no dia seguinte você me deixa aqui sozinha e vai ver como está meu pai? É isso mesmo, ou não entendi direito?

— É isso mesmo. O que não sei é se o sentido é o mesmo que você está dando. Não deixei você sozinha *para ver seu pai*. Saí para comprar comida, não tínhamos mais nada para comer. Precisava ver como seu pai estava, não por estar preocupado com a saúde dele, mas por estar preocupado com a sua. Queria saber se ele tinha descoberto que você não estava na casa de nenhuma amiga. Por isso deixei que ele me visse. Dependendo da reação dele, eu saberia como estavam as coisas. Quando ele reagiu normalmente ao me ver, concluí que estava tudo correndo bem. Fiz as compras e vim para cá. Como você pode ver, os fatos são os mesmos, mas os sentidos são diferentes.

— Então tira a roupa e vem para a cama.

Era a segunda noite que Letícia passava fora de casa sem dar notícia. Dr. Nesse já se convencera de que o desaparecimento da filha nada tinha a ver com seqüestro ou com rapto, mas que fora um ato levado a cabo de comum acordo entre ela e Jonas. O bilhete entregue pelo menino não dizia nada nem pedia nada, apenas deixava claro quem, naquele momento, estava no comando da situação. O médico não comunicara à mulher e à outra filha o que achava que estava acontecendo, mas todos sabiam que Letícia estava desaparecida e que precisavam unir esforços para fazê-la voltar para casa. Na verdade, cada pessoa da família procurava entender o que estava se passando, mas os elementos de que dispunham não se encaixavam, ninguém tivera acesso aos dados de que dispunha dr. Nesse. As conjecturas de cada uma, inclusive as da empregada, eram inteiramente conduzidas por suas próprias fantasias.

Não tinham combinado uma vigília porque não havia uma razão objetiva para todos permanecerem acordados: ninguém telefonara pedindo resgate, a polícia não havia prometido notícias e eles próprios não

se impuseram tarefas que os obrigassem a uma vigília conjunta. O fato, porém, é que, salvo pequenos cochilos intercalados de sobressaltos, ninguém dormiu naquela noite de quinta-feira. Quando, no dia seguinte, a família se sentou à mesa para o café-da-manhã, dr. Nesse ainda esperava que Roberta, a filha mais nova, pudesse revelar algum segredo, pequeno ou grande, de valia para a investigação; ou, ainda, que a empregada se recordasse de alguma conversa entre Letícia e uma amiga; ou mesmo que a mulher contasse algum segredo que a filha lhe tivesse confiado.

O delegado estabelecera o prazo de vinte e quatro horas para começarem as buscas. Mesmo não acreditando mais em seqüestro ou rapto, dr. Nesse seria obrigado a concordar com a investigação. Até porque havia ainda uma hipótese, não enunciada por ninguém em voz alta, mas que a cada instante forçava romper a camada de silêncio que se levantara contra ela, e que não podia ser descartada: a de Letícia ter sido morta. Assim, mesmo sem explicitar essa possibilidade, dr. Nesse dissera às outras três mulheres da casa que qualquer informação, qualquer indício, por mais insignificante que fosse, seria de grande utilidade.

Às nove horas, ouviram barulho de chave na fechadura. Em seguida a porta da sala se abriu. Letícia olhou espantada para todos e entrou.

Passado o instante de perplexidade, a mãe correu para abraçá-la.

— O que aconteceu, minha filha? Você não estava com suas amigas... Dois dias...

— Eu precisava saber se ele era louco.

— Onde você esteve? — perguntou o pai.

— Eu estava com Jonas... Eu não acreditava que ele fosse louco... Agora tenho certeza de que não é.

— Não perguntei se ele é louco, sei que é; perguntei onde vocês estavam.

— Numa casa, no alto da rua Saint Roman. Uma espécie de igreja.

— Igreja?

— Não sei direito, não vi nada, não tinha ninguém.

— Foi Jonas quem levou você para lá?

— Foi.

— E o que ele fez?

— Ficou comigo o tempo todo.

— Ele não pode ter ficado o tempo todo com você, porque ontem na hora do almoço eu o vi no hospital.

— Eu sei. Ele me contou que esteve lá. Queria ver se você estava bem.

— Queria ver se eu estava bem! Deixou você trancada sozinha numa casa no alto de um morro e desceu para ver como *eu* estava?! E você diz que ele não é louco?! Ele é louco, e não é pouco louco.

— Não é, pai.

— Sou médico! Sou o psiquiatra dele! Sei o que estou dizendo!

— Pai, ele é um cara muito legal, não é louco.

— Teresa, converse com ela, procure saber o que aconteceu. Se for o caso, leve essa menina a um médico.

— Não vou a médico nenhum! Não estou doente! Você acha todo mundo doente! O doente é você!

O tapa do pai foi dado com tamanha violência que Letícia se chocou contra a porta de entrada e caiu ao chão.

— Não admito que ninguém fale assim comigo, muito menos minha filha. Você é uma fedelha ignorante, menor de idade, e vai ao médico, sim, nem que seja eu a te levar à força.

Dr. Nesse comunicou ao delegado Espinosa o retorno da filha, assegurando que estava tudo bem com ela.

— De modo que sua intervenção não é mais necessária, delegado. Aliás, como o senhor mesmo havia previsto. De qualquer forma, muito obrigado por sua atenção.

— O senhor não quer registrar nenhuma queixa?

— Não, delegado. Não há nenhum motivo para queixa, está tudo sob controle. Obrigado.

Segunda-feira, dr. Nesse chegou cedo ao hospital.

— Bom dia, doutor.

— Bom dia. Algum recado?

— Nenhum, doutor.
Eram oito e meia. Tinha tempo antes do primeiro cliente. Com a persiana da sala levantada, observou atentamente o pátio. Saiu da sala e percorreu a ala que Jonas freqüentava. Passou pela cantina, pela sala de recreação, andou pela parte do pátio que não conseguia ver de sua janela e voltou para sua sala no momento em que chegava a funcionária da recepção. Deu ordens para ser chamado caso vissem Jonas pelo hospital.
Às cinco para as nove, estava prestes a atender o primeiro cliente e Jonas ainda não havia aparecido. Não era dia de sua consulta, mas o médico contava que, como sempre, ele aparecesse no hospital. Às nove horas fez entrar o primeiro paciente. Às nove e dez, olhou pela janela e viu Jonas sentado no banco debaixo da mangueira, conversando com um interno. Chegou a fazer o movimento de se levantar, mas se conteve. Assim que a consulta terminou, foi para o pátio, mas Jonas não estava mais no banco. Procurou no estacionamento, no portão de entrada, voltou a olhar dentro do hospital, retornou ao portão de entrada, interrogou o funcionário que já vira conversando com Jonas, mas não havia sinal dele. Jonas tinha desaparecido.
Quando terminou de atender o último paciente da manhã, não conseguia se lembrar de nada do que fora dito durante a sessão. A manhã, do ponto de vista clínico, fora uma catástrofe. Não por ter cometido erros, mas por não ter a menor idéia do que fizera.
No final da tarde, no consultório, depois de atender os pacientes do dia, a dor de cabeça que persistia desde a hora do almoço passou a ser acompanhada de calafrios. No carro, não ligou o ar-condicionado e em vários momentos teve vontade de parar de dirigir. Quando chegou em casa, estava com febre. Deitou e dormiu.
Passou a terça-feira de cama. Gripe, disse à mulher.
A quarta-feira amanheceu azul e quente. Dr. Nesse acordou disposto a trabalhar. Era o dia da consulta de Jonas, mas duvidava que ele tivesse a ousadia de aparecer. De qualquer maneira, saiu prevenido. Não queria ser surpreendido por ele como fora dois dias antes, ao vê-lo desaparecer praticamente sob seus olhos. Qualquer que fosse a história que Jonas inventasse, estaria preparado para o contra-ataque.
Não viu Jonas junto ao portão de entrada, como acontecia ver, tampouco o avistou no estacionamento ou no banco de pedra sob a mangueira. A suspeita de que debandara após o episódio envolvendo Letícia estava prestes a se confirmar. Quando retornou à sala, depois do cafezinho do segundo intervalo, encontrou Jonas na sala de atendimento, sentado na cadeira do cliente.
— O que está fazendo aqui?
— Esperando o senhor, é hora da minha consulta.
— Por que não esperou ser encaminhado pela atendente?
— Foi ela que me trouxe até aqui, doutor.
— O que você fez à minha filha?
— Não fiz nada.
— Não fez nada?
— Não. Pelo menos nada de errado.
— E o que você fez a ela na tal casa da rua Saint Roman, não foi nada? Você sabe que sumiu durante dois dias com uma menor de idade?
— Não sumi. Tanto que estive aqui no hospital, o senhor me viu. Eu não sabia que Letícia é menor. Nunca perguntei a idade dela, e ela nunca perguntou a minha. Ela não aparenta ser menor de idade.
— Por que você nos forneceu um endereço falso? — Pôs a ficha dele em cima da mesa.
— Não dei um endereço falso, pode ser que tenham anotado errado. — Jonas pegou o papel, olhou e devolveu ao médico. — O endereço está certo, é esse mesmo. Meu prédio é antigo e a entrada é uma porta entre duas lojas. Talvez o senhor não tenha visto. Pode voltar e conferir.
— Volte aqui amanhã, neste mesmo horário.
— E a nossa consulta?
— Volte amanhã.
Jonas se levantou da cadeira e ficou esperando que o médico dissesse alguma coisa. O rapaz não aparentava indignação, raiva ou espanto, seu olhar era sereno como das outras vezes. Saiu desejando bom dia.
Com muito custo dr. Nesse não mencionou o bilhete. Se a intenção de Jonas era provocar pânico, ficaria sem saber qual o efeito provocado pelo bilhete. Cedo ou tarde seria levado a perguntar na portaria do

hospital se o bilhete fora de fato entregue ao destinatário. Seria sua confissão de culpa.
Mandou entrar o paciente seguinte. Foi com esforço que conseguiu conduzir a entrevista. Em meio às palavras da paciente, uma jovem de vinte anos, surgiam frases de Letícia sobre Jonas e sobre a casa da rua Saint Roman. Terminada a sessão, havia misturado as falas da paciente com as falas da filha, numa superposição que em certos momentos fazia as imagens das duas se confundirem. A mesma sensação repetiu-se à tarde, com os clientes de sua clínica particular.
Não teve coragem de comentar o fato com a mulher, ela não entenderia, achou também que não devia discuti-lo com um colega, aquelas eram coisas que, uma vez ditas, podiam acabar se tornando públicas e modificar negativamente sua imagem profissional. Não podia discutir com ninguém o quanto aquele caso o estava abalando, tinha de guardar isso para si próprio e tratar de digerir tudo aos poucos, solitariamente. Como fazem os loucos.
Passava das onze da noite quando, já deitado para dormir, tirou o pijama e voltou a se vestir para sair. Pegou a carteira, o molho de chaves e saiu de casa sem se importar com a pergunta da mulher sobre o que estava acontecendo. Tirou o carro da garagem e saiu devagar pela rua, sem destino. Não queria ouvir música. Rodou a esmo durante meia hora. Na avenida Atlântica, passou em velocidade reduzida pelos travestis e prostitutas à beira da calçada. O carro importado com um homem sozinho na direção, àquela hora, os fez exibir seios e bundas volumosos. Dr. Nesse mantinha os vidros levantados e as portas travadas. Percorreu a praia nos dois sentidos e retornou a Ipanema. Contornou a praça General Osório e a quadra seguinte para pegar a rua Jangadeiros desde o começo. Parou defronte ao número indicado por Jonas. Havia de fato uma porta espremida entre duas lojas. Àquela hora da noite, as lojas estavam fechadas e as vitrines apagadas, apenas na pequena porta de ferro batido e vidro se via alguma luz. Não havia ninguém na portaria.
A existência do prédio confirmava o que o rapaz havia dito, mas não garantia que ele de fato morava ali. A rua tinha pouco movimento à noite. Parou na frente do prédio, em fila dupla, desligou o motor e as luzes do carro, manteve as portas travadas, e esperou. Depois de algum tempo com o carro todo fechado, o calor tornou-se insuportável. Abriu os vidros da frente. O calor abrandou, mas o medo de ser assaltado aumentou. Passado mais algum tempo, constatou que não tinha vocação para espião.
Eram quase duas da manhã quando acordou o vigia que cochilava na guarita do portão do hospital. Entrou, parou o carro no estacionamento, deixou uma fresta de dois dedos em cada vidro, reclinou o banco e dormiu até o dia clarear.

O movimento da cidade estava começando, bares, padarias e jornaleiros recebiam os primeiros fregueses, quando dr. Nesse atravessou a rua que separava o campus universitário do bar em frente para tomar o café-da-manhã. Na volta, comprou um aparelho de barba na banca de jornal, barbeou-se no banheiro dos médicos e aguardou a chegada dos funcionários do hospital.
Mandou cancelar as consultas da manhã, mantendo apenas a de Jonas, marcada na véspera. Deu algumas instruções à atendente, trancou-se no gabinete e ficou à espera. O despojamento e o desconforto da sala estimulavam o devaneio, nada havia nela que prendesse sua atenção, e tinha quase duas horas, ainda, até a chegada do rapaz. Seu corpo estava dolorido pela noite passada no automóvel. Tivera o rosto e as mãos picados por mosquitos. Enquanto esperava, dr. Nesse fez várias anotações na ficha médica do paciente e pelo interfone deu instruções aos auxiliares de enfermagem.
Às dez horas a atendente anunciou Jonas e o fez entrar. Dr. Nesse ficou algum tempo olhando para o cliente. Jonas perguntou se aquela seria uma consulta. Em vez de responder, o médico pegou o interfone, disse algumas palavras ao mesmo tempo que derrubava a própria cadeira e, depois de lançar ao chão alguns objetos que estavam sobre a escrivaninha, agarrou Jonas por trás numa gravata. O rapaz, sem saber o que estava acontecendo, se debatia enquanto o médico o mantinha preso pelo pescoço. Em poucos segundos entraram dois enfermeiros, que receberam ordens de sedar o paciente que entrara em surto psicótico durante a consulta. Jonas foi contido e medicado.
Os funcionários tiveram pena do rapaz, considerado por todos tão inteligente e educado, mas concordaram que era assim mesmo: quanto mais tranqüilo o paciente, maior a fúria da crise.

No primeiro dia, dr. Nesse manteve Jonas fortemente sedado; nos dois seguintes, estabeleceu a dosagem que o manteria subjugado mas acordado.
Apesar de seu permanente estado de sonolência, na tarde do quarto dia, um domingo, Jonas já podia ser

visto sentado no banco de pedra sob a mangueira do pátio. Não dirigia a palavra a ninguém nem respondia às perguntas que lhe eram dirigidas. Na manhã de segunda-feira, dr. Nesse tentou entrar em contato com os pais dele, mas no telefone que Jonas tinha deixado ninguém atendia. Até aquele momento, apenas a equipe médica sabia da internação do rapaz.

Letícia ficou sabendo quase duas semanas depois, quando desconfiou que alguma coisa acontecera. O episódio da rua Saint Roman lhe custara uma semiprisão domiciliar. Podia sair para ir à escola, nada mais. Se quisesse estudar com colegas, elas tinham que ir a sua casa. As diversões e saídas pelo bairro foram proibidas pelo pai. Desde então, não falara com Jonas.

O telefone de Jonas, cujo número constava da caderneta do pai, não respondia aos chamados. Lembrava-se, porém, de que as consultas dele eram às quartas-feiras. Telefonou terça-feira de manhã para o hospital, dizendo-se secretária do dr. Nesse, para confirmar os clientes do dia seguinte. Quando a funcionária forneceu a lista de pacientes sem o nome de Jonas, Letícia perguntou se o nome Jonas não constava da lista, já que constava da agenda do doutor. A funcionária respondeu que Jonas estava internado e que as consultas semanais haviam sido suspensas.

Passava de uma da tarde quando Letícia se apresentou na portaria do hospital como filha do dr. Nesse.

— Seu pai já foi embora, saiu há uns quinze minutos.

— Obrigada, mas não vim falar com ele, vim visitar um conhecido que está internado.

— Ele está na enfermaria?

— Não sei.

— Qual é o nome dele?

— Jonas.

— É um bom rapaz. Passou a manhã sentado no banco de pedra. Saindo da portaria em direção ao pátio, você vai ver uma grande mangueira, debaixo dela tem um banco de pedra, é lá que ele costuma ficar.

De longe, Letícia reconheceu a figura sentada sob a mangueira. Aproximou-se devagar, sem acenar e sem chamar seu nome. Chegou quase a tocá-lo sem que ele a notasse. Seu olhar estava baço, o corpo flácido. Sentou-se ao lado dele.

— Olá, Jonas.

Ele não respondeu, não mudou a posição do corpo, nem sequer olhou para ela; continuou olhando para a grossa raiz de árvore sobre a qual apoiava o pé.

— Compreendo que você não queira falar comigo, mas não tive nada a ver com o que aconteceu. Só ontem à tarde eu soube que você estava aqui.

Jonas parecia não registrar a fala de Letícia.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para te ajudar a sair daqui?

— Não quero sair. — A voz era pastosa e rouca.

— Você não quer sair daqui?

— Não.

— Jonas, isto aqui não é lugar para você.

— Por que não?

— Porque você não é maluco!

— Agora sou.

— Não é, não! Você não pode virar louco só porque meu pai quer. Já se esqueceu dos dois dias que passamos juntos?

Ele continuava com os olhos fixos na raiz da árvore, como se nela estivesse contida a resposta para todas as suas questões.

Letícia ficou com os olhos cheios d'água e passou o braço pelos ombros dele. Durante um longo tempo de silêncio, ficou abraçada a ele sem obter nenhuma palavra, olhar ou gesto como resposta. Decidiu então falar sozinha, sem esperar resposta. Falou o que achava daquilo tudo; falou sobre o pai; falou sobre os dois dias na casa da rua Saint Roman; falou sobre o que pretendia fazer daquele dia em diante. Falou durante quase duas horas, depois levantou-se e foi embora.

À noite, durante o jantar, comunicou ao pai sua decisão de internar-se junto com Jonas, acrescentando que, se fosse impedida, desencadearia uma série de atos que fatalmente teriam como resultado sua condução para um pronto-socorro psiquiátrico. Melhor seria, portanto, que ele concordasse com sua internação no mesmo hospital em que trabalhava, porque assim poderia controlar melhor o tratamento

dispensado a ambos, Jonas e ela. Na manhã seguinte, quando o pai chegasse ao hospital, ela já estaria à disposição no ambulatório.

Dr. Nesse escutou em silêncio a ameaça de Letícia. Prometera à mulher controlar suas reações, sobretudo qualquer impulso de espancar a filha. Aquele momento era uma primeira prova. Claro que não acreditava que ela fosse se internar num hospital psiquiátrico da rede pública apenas para fazer companhia ao namorado. Além do mais, Letícia nunca fora dada a rompantes daquele tipo, sempre fora uma menina plácida e obediente. Deixou o discurso da filha sem resposta.

Na manhã seguinte, ao chegar ao hospital, recebeu do plantonista a notícia de que havia uma moça no ambulatório dizendo-se sua filha e pedindo para ser internada. Sem dar explicações a ninguém, dr. Nesse meteu a filha no carro, à força, levou-a para casa e a deixou trancada no quarto, sob a guarda da mãe. Retornou ao hospital para terminar os atendimentos da manhã.

Pouco antes da hora do almoço, a secretária do dr. Nesse no hospital interrompeu sua última consulta para dizer que o chefe da emergência do hospital Pinel o chamava com urgência ao telefone. Letícia dera entrada na emergência, levada por um carro patrulha da polícia, depois de ser apanhada caminhando inteiramente nua pela avenida Atlântica, defronte ao Copacabana Palace. Um funcionário do hotel providenciara uma toalha da piscina para que ela se cobrisse antes da chegada do carro da polícia.

Minutos depois, Letícia foi trazida à presença do pai por uma enfermeira e pelos patrulheiros que a haviam recolhido, ainda envolta na toalha do hotel. Foi deixada com dr. Nesse depois de ele assinar a papeleta entregue pelos policiais e se responsabilizar pelo seu atendimento.

Assim que Letícia se viu a sós com o pai, declarou que se tentassem removê-la do hospital seu ato seguinte faria o episódio da avenida Atlântica parecer brincadeira. Dr. Nesse decidiu não arriscar e a manteve sedada e sob seus cuidados no hospital durante o resto do dia. Inútil tentar preservar sua imagem profissional diante dos colegas e funcionários, o estrago estava feito. Conseguiu que a filha ficasse numa pequena sala para atendimentos de emergência e contratou duas enfermeiras que se revezariam durante o tempo em que ela permanecesse no hospital. Considerou a possibilidade de transferi-la no dia seguinte para uma clínica particular.

Na manhã seguinte, vestida com as roupas levadas pela mãe na véspera e ainda sonolenta pelo efeito da medicação, Letícia procurou Jonas no pátio. Encontrou-o no banco, como se não tivesse se movido desde a véspera. Sentou-se ao lado dele.

— Agora estamos juntos, Jonas.

Ele não respondeu nem olhou para ela. Letícia pôs a mão sobre a dele.

— Você me ouviu, Jonas? Agora estou aqui com você.

Nenhuma reação. Jonas continuava a olhar para a raiz que passava por baixo do banco.

— Está certo. Também não estou com vontade de falar. Talvez depois.

Naquele mesmo dia, terminadas as consultas da manhã, dr. Nesse comunicou à filha que daria alta hospitalar a Jonas dentro de um dia ou dois. Foi pessoalmente falar com ele e prescreveu uma nova medicação.

— Mais um dia ou dois, você estará livre para ir para casa. Vai precisar voltar ao hospital apenas para o acompanhamento ambulatorial e para pegar os remédios.

— Estou bem aqui.

— Sei que você está bem, por isso estou lhe dando alta.

— Ainda não terminei o que vim fazer.

— Podemos continuar o tratamento. Seu horário continua o mesmo.

Jonas não disse mais nada nem se moveu de onde estava. Dr. Nesse achava que era uma questão de tempo. A loucura da filha desapareceria assim que Jonas estivesse fora do hospital.

* * *

Dr. Nesse providenciou a transferência de Letícia para a clínica onde internava seus pacientes particulares. Não pretendia mantê-la internada além do estritamente necessário, sobretudo porque acreditava que a crise dela era passageira, não se caracterizava como um quadro psicótico claramente definido, não havia presença de delírio ou de alucinação. Letícia estava intelectualmente íntegra. Apenas um detalhe preocupava dr. Nesse: desde o momento de sua transferência do hospital para a clínica, Letícia

deixara de falar com ele. Não lhe dirigia a palavra nem respondia às perguntas feitas por ele. No dia em que saiu da clínica, a mãe foi buscá-la, pois ela não aceitava voltar para casa com o pai.

Letícia nunca mais perguntou por Jonas. Às vezes passava dias sem falar com ninguém, e quando o fazia era para responder com monossílabos a alguma pergunta feita pela mãe ou pela irmã. Com o tempo, parou de falar.

Apesar da alta dada pelo médico, Jonas continuava no hospital. Puseram suas coisas numa sacola e o levaram, sem que ele oferecesse resistência, até o portão, deixando-o do lado de fora. O funcionário deu-lhe os parabéns pela alta e desejou-lhe boa sorte.

— Obrigado, mas ainda não posso sair.

— Você pode voltar quando quiser, Jonas.

— Eu ainda não posso sair.

— Nós gostamos de você, Jonas, mas você vai ficar melhor em casa, junto da sua família. Você prefere ficar aqui no hospital, comendo essa comida de merda e dormindo com esses internos fedorentos?

Jonas continuou de pé, de sacola na mão e olhar voltado para o pátio.

— Jonas, aqui não é lugar para um rapaz como você. Vai para casa, amigo.

— Prefiro ficar.

Cruzou de volta o portão e caminhou lentamente em direção ao pátio. Passou o resto da tarde sentado no banco de pedra com a sacola junto ao corpo. E a partir daquele dia afastava-se dali apenas para ir ao banheiro ou, à noite, quando procurava um lugar para dormir na enfermaria. Durante o dia, mesmo com chuva, ficava sob a mangueira. Recusava polidamente todo tipo de ajuda. Mais de uma vez tentaram removê-lo, mas ele retornava pacientemente ao banco. Em nenhum momento teve uma atitude hostil ou agressiva para com os enfermeiros ou funcionários. A cada remoção agradecia gentilmente e, passados alguns minutos, voltava a seu posto.

Letícia não aparecera mais para conversar, e dias depois ele soube que na ocasião em que ele estivera internado ela havia sido transferida do hospital para uma clínica particular. Deixou de comparecer ao refeitório para as refeições e com relutância aceitava um prato de sopa levado por algum funcionário. Com o correr dos dias passaram a vê-lo não mais sentado, mas deitado no banco, usando a sacola como travesseiro. Estava cada vez mais magro. A elegância cedera lugar à fragilidade física. Depois de dois dias seguidos deitado no banco, carregaram-no para a enfermaria e passaram a alimentá-lo com soro. Apesar da extrema fraqueza em que se encontrava, na manhã seguinte foi encontrado no banco do pátio. Tornaram a carregá-lo para a enfermaria. Quando dr. Nesse foi chamado para decidir o que fazer, encontrou-o amarrado às grades da cama, por causa do soro, os olhos abertos.

— Por que está fazendo isso?

— Isso o quê, doutor?

— Essa encenação.

— Encenação? Como a que o senhor fez na sala de atendimento para me internar? E depois para internar sua filha? Vai internar toda a família?

— Quem é você?

— Jonas. Isidoro. O nome não importa.

— O que está pretendendo?

— Ainda não decidi.

— Por que está fazendo isso?

O rapaz fechou os olhos, visivelmente cansado pelo esforço, minado pela medicação, magro, mal alimentado. Dr. Nesse continuou de pé ao lado da cama, esperando uma resposta que não veio.

No dia seguinte, por ordem do dr. Nesse, Jonas foi transferido para um hospital geral. Seu estado físico exigia cuidados. Era um procedimento-padrão, o hospital psiquiátrico não dispunha de unidade de terapia intensiva nem de recursos para as várias especialidades. Antes que o estado de saúde de algum de seus pacientes atingisse um ponto crítico, ele era removido para um hospital geral da rede pública.

Os pacientes com os quais Jonas fizera amizade procuraram-no por dias seguidos no banco de pedra. Na segunda semana após seu desaparecimento, deixaram de perguntar por ele. Não demorou para se esquecerem do amigo. Jonas só voltou a ser lembrado dois meses depois, quando chegou ao hospital a

notícia de que havia desaparecido.

HISTÓRIA NÚMERO DOIS

Passados quase oito meses, Espinosa não se lembrava se guardara o cartão que o médico lhe dera, mas havia na estante da sala uma lata com tampa, herança da avó, onde ele guardava todo tipo de cartão de visita — os pessoais, os que anunciavam conserto de geladeira, os de oficina mecânica, cartões com telefone de farmácia, pizzaria, restaurante... Não demorou a encontrar o do dr. Artur Nesse. Como eram oito e meia da noite, achou que ele já estaria em casa. A pessoa que atendeu recitou a informação como se fosse uma mensagem gravada: "O doutor Nesse não mora mais aqui. Tente, por favor, o consultório. O número pode ser encontrado...". Não perguntou se a família inteira havia se mudado ou se apenas o dr. Nesse saíra de casa. Ligou para o consultório e a secretária eletrônica atendeu. Pouca diferença da mensagem ouvida anteriormente. Não tentaria mais nada naquela noite.

Voltou a ligar para o consultório do psiquiatra na tarde do dia seguinte e então uma secretária de carne e osso atendeu e passou a ligação para o médico.

— Doutor Nesse, não sei se ainda se lembra de mim, sou o delegado Espinosa.

— Claro que me lembro, delegado. Como está o senhor?

— Bem, obrigado.

— Algum problema, delegado?

— Precisamos conversar, doutor.

— Minha filha...?

— Não, doutor, é sobre o senhor mesmo.

— Aconteceu mais alguma coisa?

— *Mais* alguma coisa?

— Desculpe, delegado, é que têm acontecido coisas ultimamente.

— Que tal nos encontrarmos naquele mesmo banco da praça do bairro Peixoto?

— Está bem... Mas é alguma coisa grave?

— Ainda não sei, pode ser que não seja nada. Que tal esta noite às oito e meia?

— Está bem. Oito e meia... Mesmo banco... Bairro Peixoto.

— Então, até logo mais, doutor.

Eram cinco e meia da tarde, o movimento na delegacia estava tranqüilo e Espinosa permitiu-se sair um pouco mais cedo para passar no sebo inaugurado havia poucos meses a apenas uma quadra dali. O livreiro acabara de receber um bom lote de livros comprados de uma viúva cujo marido, diziam, tinha bom gosto literário. Queria ser dos primeiros a conferir a remessa. Para felicidade de sua faxineira, a disponibilidade financeira de Espinosa para comprar livros usados era limitada. Mesmo assim, raro era o mês em que a biblioteca do delegado não se via acrescida de uma meia dúzia de aquisições. A diarista não veria nenhum inconveniente na coisa se o delegado dispusesse de uma estante, o que facilitaria extraordinariamente o trabalho de limpeza. Mas o que havia no apartamento era uma singular obra de engenharia doméstica ocupando toda a extensão da maior parede da sala e que consistia numa estante sem prateleiras e sem montantes: o que Espinosa classificava como uma estante-sem-estante ou, segundo sua descrição, uma estante feita dos próprios livros e que dispensava o uso de madeira ou de qualquer outro material. Uma biblioteca em estado puro, sem nenhum elemento que não fosse livro, dizia ele. A engenharia da estante era simples: primeiro uma fileira de livros em pé ao longo do rodapé; sobre ela, uma fileira de livros deitados, formando uma prateleira; sobre ela, outra fileira de livros na vertical; sobre esta, novamente outra fileira de livros deitados, e assim sucessivamente. A estante já ultrapassara a altura de Espinosa e, segundo a faxineira, seu equilíbrio tornava-se cada vez mais instável.

Assim, naquele final de tarde de inverno, a disposição do delegado ao sair da delegacia era a de contribuir com mais algumas peças para o ainda distante mas inexorável desequilíbrio de sua estante-sem-estante. O trajeto da delegacia até sua casa não implicava, necessariamente, a passagem pelo sebo. Ele podia escolher entre dois percursos diretos e um mais ou menos direto: o primeiro e mais direto, pela rua Tonelero, não oferecia maiores atrativos; o segundo, pela rua Barata Ribeiro, incluía, a poucos passos da delegacia, o sebo de livros; e havia ainda o terceiro, o menos direto de todos, porque obrigava a um

pequeno desvio pela galeria Menescal, onde não havia nenhum sebo de livros, mas havia o árabe com seus quibes e esfirras. Este último trajeto era feito quando o delegado precisava de reforço para o jantar (quase sempre espaguete à bolonhesa ou lasanha à bolonhesa). O quibe servia para quebrar a monotonia do cardápio. Naquela noite Espinosa decidiu-se apenas por massa e livros. Os quibes ficariam para outro dia.

Era junho, a noite estava fria e a maioria das árvores desfolhada. Embora o local fosse o mesmo do primeiro encontro, o clima era outro e o médico chegou de táxi e não em seu carro importado. Saltou do táxi defronte ao prédio de Espinosa, no mesmo lugar da primeira vez. Parecia estar usando o mesmo terno havia semanas: tinha a camisa frouxa e a gravata apenas largada no pescoço. Não reconheceu de imediato o delegado.

— Doutor Nesse?

— Delegado Espinosa... Desculpe, eu não tinha visto o senhor.

— Vamos para o nosso banco?

— Sim... Claro. Vamos.

Atravessaram a rua e se encaminharam para a praça. Devido à hora e ao frio, os bancos estavam todos livres. Dr. Nesse vestia um terno de tecido fino, não apropriado para a noite, mas não parecia ligar para isso. Espinosa vestia um capote forrado que o protegia perfeitamente.

— Desculpe o incômodo do encontro, doutor, mas, como da outra vez, não queria que tivesse caráter oficial.

— De que se trata, delegado? — A voz do médico estava um tom abaixo do habitual.

Espinosa tirou uma folha dobrada do bolso do capote, abriu-a e estendeu-a ao médico.

— Esta carta me foi entregue há poucos dias pelo delegado da 10ª DP, que se lembrou do episódio da sua filha e de alguém, na época, ter feito referência ao meu nome. A carta chegou a ele pelas mãos de uma funcionária do hospital onde o senhor trabalha, que pediu para não ser identificada. Parece que uma carta idêntica foi enviada ao Conselho de Medicina.

Dr. Nesse pôs os óculos de leitura e procurou uma posição em que o papel ficasse iluminado pelo lampião da praça. Era um texto digitado em computador, impresso em espaço simples, letra pequena ocupando toda a página. O estilo era simples, direto, sem adjetivação. O médico leu e releu a carta. Terminada a leitura, devolveu-a ao delegado.

— O senhor não precisava me chamar por causa disso. É uma carta típica de um paranóico.

— Na carta o senhor está sendo acusado de homicídio...

— Como pode...

— ... premeditado.

— O senhor acredita na carta de um louco?

— Não sou médico, doutor Nesse, sou delegado de polícia.

— Essa carta não pode ter valor legal.

— É uma carta bem escrita e logicamente consistente. A descrição de como o senhor forjou a crise do rapaz para mantê-lo internado sob medicação é bastante objetiva, dando mesmo os nomes dos enfermeiros que o senhor chamou para dominá-lo... Não parece uma carta escrita por um louco.

— Mas é.

— Os funcionários do hospital descrevem o rapaz como uma pessoa gentil, educada, que nunca foi agressiva com ninguém. Mesmo que o senhor o tenha considerado louco, não há nenhum relato de violência física cometida por ele contra alguém. E o que essa carta pretende denunciar é que, se houve violência, ela foi exercida pelo senhor, e que essa violência teria levado o paciente à morte.

— Isso é loucura.

— Pode ser.

— O senhor não está falando sério, delegado.

— Vamos apenas alinhar alguns fatos, doutor. Primeiro, o senhor procura a polícia para dizer que sua filha foi seqüestrada; depois, declara saber o nome do seqüestrador, mas recusa-se a revelá-lo alegando sigilo profissional; no dia seguinte, telefona para dizer que sua filha voltou para casa sã e salva; dias depois essa mesma filha é recolhida pela patrulha da polícia andando nua em plena avenida Atlântica, e o senhor a interna no mesmo hospital em que trabalha; duas semanas antes, o senhor havia internado um paciente que estava sendo tratado pelo senhor e que obviamente era o alegado seqüestrador de sua filha; esse paciente é transferido do seu hospital e vem a morrer após uma série de outras transferências. Mas, antes

de morrer, ele escreve esta carta e a confia a uma atendente do hospital, com a recomendação de que a entregue à polícia no caso de sua morte. O que o senhor acha?

— Acho que o senhor está se deixando levar pelo discurso de um delirante. Há delírios extremamente bem elaborados, delegado. O discurso de um delirante é uma ficção com a qual ele pretende exorcizar o mundo que o ameaça. Essa ficção, em si mesma, pode ser perfeitamente lógica, o que lhe falta é correspondência com a realidade. Acho que esse é o engano no qual o senhor está incorrendo. Quanto ao fato de uma cópia ter sido enviada ao Conselho de Medicina, isso não me preocupa. Os médicos que compõem o Conselho sabem distinguir delírio de realidade.

— Não vejo as coisas sob o ponto de vista médico, doutor. Recebi uma denúncia por escrito, assinada por um ex-paciente seu, dizendo-se vítima de abuso de poder médico e temendo pela própria vida. Essa pessoa desaparece pouco tempo depois, em circunstâncias bastante obscuras. Nada disso é delírio, doutor Nesse.

— Ele foi transferido do hospital porque fez greve de fome e estava em péssimas condições físicas. Um hospital psiquiátrico não é um hospital geral. Ele precisava de atendimento especializado. A transferência foi efetuada para salvar sua vida. Ele desapareceu ou morreu? O que diz o laudo do médico que atestou a morte?

— Não há laudo.

— Como, não há laudo? Ele não morreu num hospital?

— Não sabemos.

— Os pais não podem informar?

— Não encontramos os pais dele.

— E ele? Onde foi encontrado?

— Não foi encontrado.

— Então, como sabe que ele morreu?

— Não sabemos.

— Não houve enterro?

— Ninguém sabe. Uma hipótese seria a de ele ter sido enterrado como indigente, mas para isso o corpo teria que ter dado entrada no IML. Verificamos todos os casos ocorridos nos últimos meses. Nenhum se aplica a ele.

— E o que dizem no hospital onde ele estava internado?

— O último registro dele é um pedido de transferência, mas não há registro de saída. Desapareceu de dentro de um hospital, quando mal conseguia se manter de pé.

— E o que eu tenho a ver com esse desaparecimento?

— Espero que nada...

— Então...

— ... a não ser pela carta e pelo fato de apenas um médico poder autorizar a saída, mesmo que temporária, de um paciente internado.

Quando se fez um silêncio um pouco mais prolongado, dr. Nesse aproveitou um táxi que deixara um passageiro, resmungou algo a título de despedida e foi embora.

Espinosa ficou sentado no banco por mais algum tempo. O frio não estava desagradável e o estimulava a pensar. O médico reagira com indiferença à carta, mesmo antes de saber que não havia prova da morte do rapaz. A não ser que soubesse o que fora feito com o corpo. Mas se a carta não o afetara, alguma coisa muito forte parecia tê-lo atingido recentemente. O desleixo com a roupa, a falta de cuidado corporal, a indiferença diante dos acontecimentos, o desinteresse quanto ao futuro, nada disso combinava com o médico que conhecera meses antes. Algo muito maior do que aquela carta o atingira.

Espinosa se levantou do banco e iniciou uma volta completa na praça — o equivalente a uma volta no quarteirão — antes de retornar ao apartamento. Ainda não chegara a uma conclusão sobre se pensava melhor sentado ou andando. Isso, quando conseguia pensar. Na maioria das vezes, sua atividade mental consistia num livre fluxo associativo de idéias. Tinha a impressão de que em sua mente se travava uma luta constante entre a razão e a imaginação, com franco predomínio da segunda. Seu envolvimento na história da carta era uma prova disso. Por que se meter naquela história? Não havia um caso formado. A única coisa de que dispunham era de uma carta de autoria duvidosa. O conteúdo poderia ser autêntico, o testemunho dos auxiliares de enfermagem e do pessoal administrativo parecia confirmar isso, mas não havia nenhuma garantia de ela ter sido escrita por Jonas, ou Isidoro, se é que os nomes eram verdadeiros. Além do mais,

não havia queixa formal ou mesmo denúncia verbal de maus-tratos sofridos pelo rapaz. Quanto ao suposto assassinato, podia não passar de uma fantasia da funcionária portadora da carta. Fantasia ou má-fé. A carta não era manuscrita, o que lhe daria maior autenticidade. Havia uma assinatura, ou melhor, duas: a de Jonas e, entre parênteses, a de Isidoro. Nenhuma delas com sobrenome. Mas, acima de tudo, não havia corpo, e sem corpo de delito não há delito. O melhor que havia a fazer, portanto, era guardar a carta, tirar da geladeira a garrafa de vinho já aberta que sobrara do último encontro com Irene, botar um congelado no microondas e aproveitar a noite para iniciar a leitura de um dos livros comprados no sebo.

Enquanto esperava os três apitos para retirar a lasanha à bolonhesa do microondas, Espinosa refletia sobre certo tipo de gente que se põe a sobrevoar a vida das pessoas como mosca-varejeira, sem decidir se fica ou vai embora, dando vôos laterais e depois retornando sempre ao mesmo ponto. Era a idéia que tinha do dr. Nesse: uma imensa e incômoda mosca-varejeira.

Com a reforma da delegacia, o delegado perdera os antigos referenciais de seu dia-a-dia, e não apenas os referenciais geográficos (o visual pesado da antiga delegacia fora substituído por outro high-tech) mas também os funcionais, já que com a informatização houvera uma incrível redução na quantidade de pastas, processos, ofícios, memorandos e que tais. De vez em quando sentia saudade do matraquear das velhas máquinas de escrever, substituído pelo som quase inaudível dos teclados dos computadores. A própria circulação de pessoas diminuíra consideravelmente, já que havia menos coisas a serem carregadas de um lado para o outro. Mas a mudança mais notável fora a eliminação da carceragem. A única cela existente na nova delegacia era um pequeno quarto contendo um catre, pia e vaso sanitário, para a custódia de apenas um preso. A delegacia se transformara em um espaço clean, embora os corações e mentes permanecessem consideravelmente sujos. Não todos. Havia um pequeno número de policiais não contaminados pela corrupção. Entre eles Welber.

— Delegado, o senhor já decidiu se vamos assumir a investigação do caso do médico?

— O caso não é nosso, é da 10ª DP.

— Mas eles passaram para a gente. Não oficialmente, claro.

— Não, porque oficialmente não existe caso nenhum. Homicídio? Onde está o cadáver? Há algum indício material de que alguém tenha morrido? Nós não temos nada, Welber. A única coisa que temos é uma carta impressa em computador, com um nome — aliás, dois nomes —, aquilo nem sequer é uma assinatura.

— Então o caso é nosso?

— Por quê?

— O senhor disse "A única coisa que temos". É sinal de que já está pensando nele como nosso, mesmo não sendo nada ainda.

— Está bem. Vamos fazer um registro de ocorrência e uma verificação de procedência das informações. Você tem duas semanas para levantar tudo o que for possível sobre o rapaz. Vá mais uma vez ao hospital onde ele esteve internado e veja se consegue os nomes da equipe de plantão no dia em que ele desapareceu ou teve alta; se alguém viu um médico com as características físicas do doutor Nesse por lá; depois vá à 10ª DP e procure saber quem entregou a carta ao delegado, pegue nome completo, endereço e telefone. Se disso resultar algum indício concreto da morte do rapaz, então temos um caso; se não, devolvemos a carta à 10ª DP para ser arquivada e não se toca mais no assunto.

Welber iniciara a carreira na equipe de detetives chefiada por Espinosa, quando ele era inspetor na delegacia da praça Mauá, no Centro. Na época, era um rapaz com pouco mais de vinte anos de idade, recém-saído da Academia de Polícia, que acreditava que ser policial e ser honesto não eram condições excludentes, e Espinosa oferecera-lhe a oportunidade de comprovar essa tese. Trabalhavam juntos desde então, salvo durante um período em que Welber foi afastado para se tratar de um ferimento a bala que lhe custara o baço e quase a vida. O tiro era para Espinosa. A partir daí, tornaram-se amigos. Quando Espinosa foi nomeado delegado da 12ª DP, sua primeira providência foi pedir a transferência de Welber para a mesma delegacia.

Irene não gostava de ligar para a delegacia, achava sempre que estava atrapalhando alguma investigação importante — e não seria o próprio delegado quem iria jogar por terra a boa imagem que ela fazia da polícia ou dele próprio como policial. O que ela não podia imaginar era que no momento daquele seu telefonema a Espinosa ele estava lutando não contra bandidos, mas contra sua falta de aptidão para realizar certas operações mais complexas com o computador, no caso uma complexa operação de consulta à

internet. Eram seis e meia da tarde.
— Oi, querido, que tal jantarmos hoje?
— Ótimo. Passo às oito e meia para te pegar.
— Combinado. Beijo.
Os dois tinham algumas poucas características em comum, e uma delas era a aversão pelo telefone. Falavam o estritamente necessário, regra rompida apenas quando estavam em cidades diferentes e sem se verem há muito tempo.
Irene era bem mais nova que Espinosa e entrara em sua vida quando ele completava uma década de solteiro após uma década de um casamento que terminara em divórcio, mas não alimentava o menor desejo de se transformar numa segunda sra. Espinosa. "Sempre que me falam em casamento, me lembro de espartilho: não sei se pela antiguidade ou pelo sufoco", dissera ela uma vez. E aquela frase soara como uma declaração de princípios, embora Irene não tivesse nada contra casamentos; sua opinião funcionava apenas como um princípio subjetivo de uso próprio, o que não parecia perturbar Espinosa. Haviam conversado uma única vez sobre o assunto, e na ocasião trataram o tema como uma tese a ser atacada ou defendida, mas sem nada a ver com os dois. Entre eles, a questão já estava decidida. Pelo menos era o que davam a entender um ao outro.

Olhando para Espinosa sentado à sua frente no restaurante, Irene ficou pensando o que fazia dele um homem diferente. E não apenas diferente, mas atraente. Não era particularmente bonito e fisicamente não tinha nenhuma característica especial; no entanto, era impossível não notá-lo mesmo quando fazia de tudo para não ser percebido. O modo de andar, de falar, de olhar e de escutar o outro fazia dele um ser único, absolutamente singular, e seria assim mesmo que ele fosse engenheiro, farmacêutico ou pintor. Mas o que mais a fascinava era a bizarra combinação de pensamento lógico e imaginação delirante que habitava aquela cabeça.
— Pensando em quê? — ele perguntou.
— Em você.
— E?
— E cheguei à conclusão de que você é um ser quase impossível.
— Sorte, o "quase".
— O que está te preocupando?
— Você acha que estou preocupado?
— Não está?
— Pode ser.
— E o que está te preocupando?
— Quase tudo... Ou quase nada.
— Você sempre se esquiva com esse tipo de resposta.
— Mas é uma resposta sincera.
— Pode ser sincera em relação à minha pergunta, mas não é sincera em relação a você mesmo.
— Irene, quando você me pergunta se estou preocupado e eu respondo que estou, com quase tudo ou com quase nada, significa que o que me perturba não é da ordem da preocupação. Estar preocupado com uma pessoa, uma situação, uma ameaça específica faz parte do meu cotidiano. Incomoda, mas não mexe por dentro. O que me perturba é completamente diferente: não é uma coisa, não é uma pessoa, não é uma situação, não é nada em especial, mas é muito forte, dói no corpo...
— Espinosa, há quanto tempo a gente não trepa?

Durante dois dias, Welber interrogou médicos, enfermeiros e funcionários do último hospital em que Jonas estivera internado antes de desaparecer. Passados mais de cinco meses, ninguém mais se lembrava de nada. Por causa da rotatividade enorme de pacientes num grande hospital público, foi quase impossível alguém se lembrar de um paciente específico passados tantos meses. Alguns conseguiam se recordar vagamente de um paciente jovem, alto e muito magro, mas nada mais que isso. Foram encontrados apenas alguns registros escritos dos tratamentos a que fora submetido e uma papeleta autorizando sua saída para exames em outro hospital. A assinatura na papeleta era um simples garrancho e não havia menção do hospital onde ele fora fazer exames. O próprio motivo alegado para a saída era vago: exames complementares. Interrogados sobre um possível médico alto e corpulento, calvo, pele muito clara, que

teria acompanhado o paciente na saída, ninguém se lembrou de nada. Havia ainda a possibilidade de Jonas ter ido embora do hospital por conta própria, caso estivesse em condições de se locomover. A papeleta de autorização podia ter sido preenchida por ele mesmo. Num hospital de grande porte, qualquer pessoa que não esteja vestida com roupa de paciente pode circular e sair porta afora sem ser molestada.

Na tarde do terceiro dia, Welber percebeu que seria inútil continuar inquirindo o pessoal do hospital e decidiu procurar a funcionária a quem Jonas tinha confiado a carta. Em seguida, procuraria também o dr. Nesse, sua mulher e suas filhas.

Welber não conhecia nenhuma daquelas pessoas; de algumas nem sequer sabia o nome. E a partir daquele momento, de posse de uma cópia da carta contendo a insinuação de homicídio e referências vagas a pessoas nele envolvidas, tinha dez dias para verificar a procedência das informações.

A 10ª DP fica a duas estações de metrô da 12ª DP em Copacabana. Welber telefonou para verificar se o delegado Ferreira estava lá e saiu para uma bela manhã de sol de inverno. Queria conversar com o delegado antes de ele ir almoçar.

A delegacia de Botafogo ocupa uma antiga casa colonial reformada para atender às necessidades de uma delegacia de polícia e fica a uma distância confortável da estação de metrô. O bairro ainda conserva algumas mansões da época em que abrigava a aristocracia do Rio de Janeiro. O prédio da 10ª DP está longe de se assemelhar a uma dessas mansões, mas deve ter sido uma agradável residência de classe média alta. O delegado Ferreira não saíra para o almoço e estava à espera dele em seu gabinete.

— Com licença, doutor, sou o detetive Welber da 12ª, telefonei para o senhor há meia hora.

— Entre, Welber. É sobre a história da carta?

— É, doutor. Estou encarregado de fazer uma verificação preliminar e queria saber se o senhor dispõe de alguma informação sobre a pessoa que trouxe a carta.

— Quase nada. Eu não estava na delegacia quando ela chegou. A carta foi entregue fechada, endereçada a mim, com a observação da portadora de que se tratava de assunto de extrema importância. O detetive de plantão anotou nome, endereço e telefone da mulher, e disse que ela ainda trabalhava no mesmo hospital. Quando abri a carta, não entendi imediatamente do que se tratava, até que me lembrei do caso da filha de um médico do hospital psiquiátrico levada para o hospital Pinel por uma patrulha da PM.

— O senhor nunca esteve com essa mulher? A portadora da carta?

— Nunca.

— O senhor poderia me passar os dados pessoais dela?

— Só tenho nome, endereço e telefone.

— Isso é suficiente, doutor... Se forem verdadeiros.

Antes de sair da delegacia, Welber tentou o telefone anotado pelo detetive de plantão que recebera a carta. Atendeu uma secretária eletrônica. O endereço era de uma rua do Méier. Ficava muito longe para ele arriscar uma visita de surpresa. Mas o hospital ficava no próprio bairro onde ele estava, a não mais de quinze minutos a pé. Podia ir andando até o campus da universidade e arriscar um almoço no bandejão do hospital depois da conversa com a funcionária.

Solange era a atendente responsável pela agenda dos pacientes externos e também quem os encaminhava à sala do médico responsável pelo caso. Fora quem atendera Jonas todas as vezes em que ele tivera consulta com dr. Nesse. Olhando para ela, Welber tentava imaginar até onde chegara a ligação entre a atendente e o paciente. Solange era clara, de olhos e cabelos claros, e seguramente já passara dos trinta e cinco. Não se mostrou impressionada quando Welber se identificou. Falava olhando nos olhos, o timbre de voz era agradável e a fala suave.

— Como teve início a amizade entre vocês?

— Acho que foi quando o atendi na primeira vez.

— O que aconteceu de especial?

— É difícil falar, não foi nada de objetivo, ele ficou me olhando durante alguns segundos e eu vi que o olhar dele era muito doce. Confesso que fui cativada por aquele olhar, parecia que estava procurando uma coisa perdida. Só muito tempo depois entendi que ele estava pedindo socorro.

— Por que achou isso? Tinha acontecido alguma coisa?

— Não. Era a primeira vez que eu o via.

— Ele conversou com você? Disse por que procurava tratamento?

— Ele era muito tímido... Ou contido... Olhava muito, tinha a fala mansa, parecia um poeta.

— Ele não falava sobre si mesmo? Sobre o motivo de estar aqui?
— Não. Nunca falou sobre a vida dele nem sobre a família, parecia mais interessado no doutor Nesse. Mas é assim mesmo, os pacientes do serviço de psicologia estão sempre querendo saber da vida pessoal dos doutores.
— E quando foi que vocês se tornaram mais íntimos?
— Você não está entendendo, detetive. Nós nunca fomos íntimos. Nunca namoramos, se é isso que quer saber. Só conversamos algumas vezes depois do atendimento. Ele era uma pessoa muito agradável. Você precisava ver a maneira como tratava os pacientes internados. Todos gostavam dele. Quando Jonas sentava debaixo daquela mangueira ali na frente, apareciam logo dois ou três para ficar com ele. E ele conhecia cada um pelo nome.
— Se vocês não eram íntimos, por que acha que ele confiou a carta a você?
— Não sei. Ele estava assustado. Acho que sabia que podia confiar em mim.
— Mas esse sentimento não foi imediato.
— Talvez até tenha sido. Desde as primeiras vezes em que nos vimos correu uma coisa positiva. A história da carta surgiu bem depois, quando a filha do doutor Nesse apareceu aqui. Aí, quem ficou louco foi o doutor Nesse.
— Ele internou o Jonas porque a filha estava interessada nele?
— O motivo alegado foi que o rapaz entrou em crise durante o atendimento, ficou violento e teve que ser contido à força.
— Você acha que o verdadeiro motivo foi esse?
— Quem conheceu Jonas acha impossível ele ter agredido alguém, muito menos o médico. Não sei se o verdadeiro motivo foi a moça, mas certamente não foi por ele ter agredido o doutor Nesse.
— E a moça?
— A menina ficou completamente pirada.
— O que aconteceu depois?
— Claro que o doutor Nesse não deixou a filha ficar internada aqui, como ela queria. Transferiu a menina no dia seguinte para uma clínica particular. Pouco tempo depois, transferiu Jonas para um hospital geral. Foi nesse período, antes de ser transferido, que ele me pediu para usar o computador do serviço e escreveu a carta.
— Isso era permitido?
— Não. Mas foi uma vez só. Além do mais, eu achava que ele tinha motivo de sobra para estar assustado.
— Por que você diz isso?
— Porque sim.
— Porque sim? Só isso?
— Detetive, isto aqui é um hospital público, eu sou uma funcionária pública, minha vida funcional pode ser bastante prejudicada se souberem que estou me metendo a dar opinião sobre o tratamento dos doentes.
— Você ajudou bastante, Solange. Fique com meu cartão. Se por acaso se lembrar de mais alguma coisa, ligue para mim.
— Você acha que vão pegar o sujeito?
— Que sujeito?
— Ora, o que matou Jonas.
— E você tem certeza de que ele está morto?
— Não está?!
— Até hoje não acharam o corpo.
— Nem acharam ele vivo.
— Obrigado, Solange.
— Não tem de quê, detetive. Boa sorte.
Welber despediu-se de Solange no momento em que uma pequena fila começava a se formar diante da porta do restaurante. Não gostou do lugar. Apesar de amplo e bonito, as pessoas eram muito estranhas. Pareciam funcionários de um zoológico moderno, olhavam para os pacientes internados com o mesmo distanciamento com que os funcionários do zoológico olhavam para os animais. Não teve nenhuma vontade de provar o almoço do restaurante do hospital; preferiu caminhar até o ponto de ônibus e pegar uma condução para Copacabana. Chegou à delegacia no momento em que o delegado Espinosa saía para

o almoço.
— Já almoçou? — perguntou o delegado.
— Ainda não.
— Então vamos comer na trattoria. Enquanto isso você vai me contando o que conseguiu apurar.
A trattoria ficava a três quadras da delegacia e era o local preferido de Espinosa quando ia almoçar sozinho. Welber era dos poucos com quem ele dividia a mesa. Desceram a rua da delegacia até a avenida Copacabana, dobraram à esquerda e foram caminhando em direção ao restaurante.
— O que você achou da moça?
— Achei que ela se enamorou de Jonas durante o tempo em que ele freqüentou o hospital. Não consegui saber se o enamoramento foi recíproco, mas parece que o rapaz era suficientemente simpático e receptivo para ter alimentado o interesse da moça. Ela é bem mais velha que ele. Não é desinteressante. Está convencida de que Jonas foi morto. Acha que o responsável direto ou indireto por sua morte foi o doutor Nesse, mas não apresentou nada que sustente essa opinião. Segundo ela, a carta é autêntica, foi digitada no computador dela e impressa na impressora dela, com ela presente.
— Isso comprova a autoria da carta, mas não necessariamente a verdade de seu conteúdo.
— Mas por que, então, ele teria escrito a carta?
— Ou porque era louco ou porque estava de fato se sentindo ameaçado. E esse é o problema, Welber. Quando um louco diz que está sendo perseguido, o perseguidor pode ser imaginário, mas o sentimento de perseguição é real.
— Segundo o testemunho de Solange, o rapaz chegou ao hospital na hora marcada, falou com ela depois de ter cumprimentado os funcionários da portaria e foi encaminhado à sala do doutor Nesse. Todos, fora os enfermeiros, declararam que Jonas estava calmo, tranqüilo, sem nenhuma agitação motora. Menos de dois minutos depois, estava seguro numa gravata pelo médico enquanto os enfermeiros entravam correndo na sala.
Estavam chegando à trattoria. A bandeira vermelha da Ferrari estava hasteada na fachada, entre as bandeiras do Brasil e da Itália, sinal de que a Ferrari vencera a corrida de Fórmula 1 no fim de semana anterior.
Havia um acordo tácito de nunca falarem sobre os casos em andamento durante as refeições. Acordo em geral cumprido. Enquanto sentavam à mesa, Welber ainda fez uma pergunta.
— O senhor conheceu Jonas?
— Não, nunca o vi, sei apenas que dizia se chamar Jonas mas que seu nome verdadeiro era Isidoro.
— Parece que tinha sucesso com as mulheres.
— Por que diz isso?
— Porque a mulher que acabei de entrevistar sem dúvida gostou dele; as funcionárias do hospital suspiram toda vez que falam nele; e a filha do médico ficou literalmente maluca por ele. Não estou querendo ser engraçado, delegado, foi o que aconteceu. A moça era perfeitamente normal e ficou louca. Foi internada e nunca mais se recuperou.
— Ninguém fica louco como quem fica gripado.
— O senhor acha que ela já não era muito normal?
— Não conheci a moça, mas não acredito que um adulto normal fique louco de um dia para o outro só porque conheceu alguém.
— O senhor acha que o doutor Nesse é normal?
— Por que não? Porque ficou abalado com o que aconteceu com a filha? Qualquer um ficaria.
O passo seguinte era falar com o próprio dr. Nesse. A questão era se ele estaria disposto a falar sem precisar ser intimado. O detetive estava pronto para ouvir uma série de escusas antes de receber uma recusa clara e taxativa. Mas não foi o que escutou ao ligar para o dr. Nesse. O médico foi cordato, disse que tinha dois horários vagos no final daquela tarde e que poderia recebê-lo no consultório.
Faltavam dez para as três. Welber dispunha de três horas até o encontro com o médico. Era suficiente para a digestão do almoço e para que os vestígios do vinho que acompanhara o risoto desaparecessem. E ainda havia muito tempo para repassar as anotações feitas desde o início das investigações.
As informações eram razoavelmente claras até Jonas ser transferido do hospital psiquiátrico; a partir daquele ponto, ficaram escassas, lacunares e obscuras. O regime de equipes de plantões alternados nos hospitais, somado à inexistência de registros precisos, tornava quase impossível um levantamento das etapas do tratamento. Mesmo sobre as condições em que ocorrera a suposta morte de Jonas não havia

dados confiáveis, sendo que a desinformação mais aberrante era a total ignorância quanto ao destino do corpo. A respeito desse ponto, achava difícil conseguir alguma ajuda do dr. Nesse.

Na hora marcada, o detetive tocou a campainha do consultório e foi recebido pelo próprio médico. Não era uma situação confortável. Dr. Nesse era mais velho que ele, recebia-o em seu próprio ambiente de trabalho e não estava sendo formalmente acusado de nada. No entanto, ali estava ele, um jovem detetive, para fazer perguntas sobre sua possível participação no hipotético assassinato de um cliente.

— Desculpe, policial, não entendi bem seu nome ao telefone.

— Welber. Detetive Welber da 12ª DP. Obrigado por me receber com tanta presteza, doutor.

— Mais do que qualquer pessoa, quero ver esse mal-entendido desfeito de uma vez por todas. É uma história que já causou sofrimento a muita gente.

— Com a morte de Jonas confirmada, o senhor não acha que as coisas tenderão a voltar ao normal?

— Algumas coisas nunca voltam ao normal, detetive. Temos sorte quando elas continuam a funcionar, mesmo defeituosas.

— O senhor considerava Jonas um caso irrecuperável?

— Depende do que você entende por irrecuperável. Quando medicados adequadamente, certos psicóticos conseguem manter um mínimo de sociabilidade, satisfatória para os familiares. Isidoro — ou Jonas — em nada se distinguia de uma pessoa normal, salvo, é claro, por se dizer Jonas quando seu verdadeiro nome era Isidoro.

— A partir de que momento o senhor percebeu que ele era psicótico?

— Passei a me dar conta da gravidade do distúrbio de Isidoro — e não soube dizer se se tratava de um psicótico ou de um psicopata — quando ele começou a ir à minha casa, a perseguir minha filha, chegando a sumir com ela durante dois dias, e quando passou a me seguir de bicicleta pelas ruas e a interferir no meu trabalho no hospital.

— Psicótico ou psicopata, o senhor disse...

— Ambos podem ser igualmente agressivos e destrutivos.

— E foi o que aconteceu?

— Sem dúvida. No último atendimento que tivemos, ele se levantou da poltrona, pegou um peso de papel que estava sobre a mesa e avançou para me agredir. Só se acalmou quando foi sedado. A partir de então, foi contido com medicamentos. Um leigo diria que ele estava calmo. Na verdade estava sedado. Se o medicamento fosse retirado...

— Se ele estava sob controle, por que o senhor o transferiu de hospital?

— A transferência se deu por outro motivo. Ele parou de comer. Recusava o alimento. Chegou a um estado de tamanha debilidade física que teve de ser alimentado com soro. Julguei que não tínhamos condições de dar a ele o atendimento clínico de que necessitava, e pedi sua transferência para um hospital geral. Depois disso, nunca mais o vi.

— Consta da carta que o senhor o teria internado para mantê-lo longe de sua filha. E ouvi de funcionários o comentário de que esse tinha sido o motivo pelo qual ele foi transferido de hospital.

— Não dê crédito àquela carta, detetive Welber. Quando Isidoro foi transferido, minha filha já havia sofrido um sério colapso nervoso e estava internada numa clínica particular. Não havia mais necessidade de eu mandar Isidoro para onde quer que fosse.

— Diante do que houve entre ele e sua filha, o senhor pensou em matá-lo?

— Sem dúvida.

— E o que nos garante que não matou?

— O fato de não ser mais necessário. Minha filha já tinha sido atingida. Matá-lo não seria uma defesa; seria uma vingança.

A conversa com o médico durou menos tempo do que Welber esperava. Pouco depois das seis e meia o detetive deixou Ipanema e pegou o primeiro ônibus para Copacabana. Às dez para as sete entrou na delegacia e foi direto para a sala de Espinosa. Sabia que ele estaria a sua espera.

O delegado o preveniu para o fato de que o médico era hábil com as palavras, que era um profissional na arte de escutar e de falar, mas Welber deixara o consultório com o sentimento de que dr. Nesse fora honesto em seu depoimento. Em nenhum momento dera respostas evasivas ou evitara responder a uma pergunta feita. A própria declaração de que tivera ímpetos de matar Jonas fora uma resposta corajosa. Espinosa ouviu o relato de Welber.

— O senhor acha que ele não foi honesto comigo?

— Talvez nem ele mesmo saiba.
— De qualquer maneira, não me pareceu alguém que tenha cometido um crime, apesar de a fala dele deixar transparecer alguma culpa.
— Ele tem razão de sobra para se sentir culpado, mesmo sem for cometido nenhum crime.
— Só uma coisa não ficou clara para mim: a súbita transformação, em menos de cinco minutos, do Jonas que chegou tranqüilo para seu atendimento semanal para um Jonas psicopata violento e perigoso, tendo que ser contido à força, medicado e mantido amarrado à cama do hospital.
— Talvez essa súbita transformação não tenha se operado nele.
— O senhor está sugerindo que o doutor Nesse é que pode ter tido uma crise?
— É isso. Seu problema agora é descobrir se essa história é “o médico e o monstro” ou se é “o paciente e o monstro”.
Era sexta-feira. Saíram juntos da delegacia. Espinosa, para uma caminhada de não mais que dez minutos até sua casa, no bairro Peixoto, Welber, para um percurso de quinze minutos de metrô até a Tijuca e mais um trecho de ônibus até a casa dos pais. Estava economizando dinheiro para dar a entrada num apartamento. Se saísse de casa para morar sozinho, que era o que mais desejava, teria que pagar aluguel e nunca conseguiria juntar a quantia necessária para a entrada. Ainda não tinha trinta anos, mas já passava dos vinte e cinco e a cada dia sentia-se mais constrangido por ainda morar com os pais.
Defronte à delegacia, três policiais comentavam a prisão de um traficante responsável por parte da venda de drogas em Copacabana.
— Mais um que vai ganhar escritório dentro da prisão de segurança máxima para dirigir seus negócios aqui fora — comentou um deles.
— Além de ficar pertinho dos sócios.
— Que sócios? Os que pertencem à turma deles ou os que fazem parte da nossa?
Espinosa não sabia até que ponto o último comentário fora uma brincadeira. Welber sentiu que o clima da conversa entre ele e o delegado tinha se quebrado. Percebeu também o quanto Espinosa não gostara da conversa ouvida acidentalmente. E achou que a contrariedade maior do delegado era porque talvez a conversa dos três policiais, a pouca distância de onde ele estava, não fora casual.
— Delegado, continuamos a conversa outra hora.
— Está bem. Até amanhã, Welber.
Não foi difícil conseguir lugar sentado no metrô, àquela hora. Durante a viagem de Copacabana à Tijuca, Welber foi pensando no fragmento de conversa ouvido na calçada da delegacia e até mesmo se o que tinham ouvido fora um fragmento de conversa ou se a conversa toda, exatamente como queriam que ele e Espinosa ouvissem. Um recado. Naquele clube só havia dois tipos de sócio: os que pertenciam à turma dos traficantes e os que eram policiais — o mesmo clube com o mesmo tipo de oferta para as duas espécies de sócio.

Dr. Nesse ainda ficou uma hora no consultório depois de o detetive ter ido embora. Preferira receber o policial o quanto antes. Uma demora poderia dar margem a investigações mais detalhadas e a depoimentos confusos de pessoas que nada sabiam sobre o caso. Médicos costumam ser objeto tanto de amor como de ódio ou, o que é pior, de ressentimentos. E um ressentido é capaz de se lembrar de detalhes comprometedores de coisas que nunca aconteceram, a não ser em sua própria imaginação. Sabia, por experiência própria, que testemunhos de funcionários sobre fatos ocorridos no hospital variavam de um extremo a outro, dependendo da natureza da relação que o depoente mantinha com o médico. Em se tratando da morte de um paciente, a variação poderia ir de “salvador” a “assassino”, e quanto menos estivesse sujeito a esse tipo de julgamento, melhor. Preferia que o policial ouvisse logo o seu ponto de vista da história — aliás, o único a merecer crédito, já que era ele o médico responsável —, antes que funcionários ignorantes e ressentidos se metessem a dar opiniões médicas. Muito jovem aquele detetive, pensou dr. Nesse. Não devia ter muita experiência. Estava visivelmente intimidado por entrevistar um homem mais velho, mais experiente e médico psiquiatra. Mas, apesar de tudo, tinha se saído bem; era inteligente e devia ter preparado as perguntas. Provavelmente voltaria com outras questões, orientado pelo delegado Espinosa. Apagou as luzes, fechou o consultório e saiu.
O movimento nas calçadas de Ipanema era intenso no começo da noite. Desde que se mudara, evitava tirar o carro da garagem do consultório. Na garagem do prédio onde estava morando não havia vagas delimitadas para todos os carros dos moradores, o que obrigava o garagista a manobrar os carros sempre

que alguém chegava ou saía, e ele não admitia que seu carro fosse manobrado nessas condições, num espaço exíguo e por um sujeito que talvez nem tivesse carteira de motorista. Deixou o carro no prédio do consultório e foi a pé para casa. Conseguira um apartamento a apenas cinco quadras do consultório e como a distância era pequena conseguiu dominar o sentimento de aversão e andar no meio de desconhecidos. O novo apartamento, apesar de pequeno, atendia a suas necessidades. O único problema era a garagem. Não apenas a garagem. Também os moradores. Não eram do mesmo nível social, mas só os encontrava no elevador.

As calçadas estavam cheias. Dr. Nesse impressionou-se com o número de pessoas que carregavam sacolas. Sacolas de lojas, sacolas de butiques, sacolas de supermercados; aquilo fazia com que o volume do corpo de cada pedestre dobrasse ou triplicasse. Havia também os entregadores com cestos, caixas de isopor, carrinhos e até mesmo alguns de bicicleta na calçada, e ainda cachorros conduzidos pela coleira. Isso tudo, somado ao fato de que ninguém obedecia a uma espécie de mão e contramão, tornava quase inviável a circulação normal de pessoas.

Rua Visconde de Pirajá, Ipanema, sete da noite. O médico não olhava para as lojas. Desde que passara a fazer aquele percurso, nunca havia parado diante de uma vitrine, assim como nunca entrara numa loja para comprar algo. As compras que fazia ocorriam em dias certos e eram quase sempre feitas por telefone. Claro que podia pegar uma rua paralela, exclusivamente residencial, com pouco movimento e sem atropelos, mas tinha medo de ser assaltado. Em outros tempos seu tamanho era suficiente para afastar possíveis assaltantes. Agora, qualquer pivete de treze, catorze anos era capaz de descarregar um trinta-e-oito em seu peito para lhe roubar a carteira. Preferia enfrentar o acúmulo de pedestres na Visconde de Pirajá a se expor à barbárie.

Seu andar pesado e desajeitado poderia torná-lo o centro das atenções, mas ninguém olhava para ele, ou, se olhava, dr. Nesse não percebia. Sentia-se um iceberg humano. Era comum esbarrarem nele. No começo se irritava, mas com o tempo foi deixando de se incomodar.

Virou à direita, em uma das transversais da Visconde de Pirajá. Seu novo apartamento ficava num prédio a poucos passos da principal artéria de Ipanema. O que não significava nada. O mundo lhe era totalmente indiferente.

Welber deixara a estação do metrô na praça Saens Peña e caminhava em direção à rua Barão de Mesquita para pegar o ônibus que o levaria ao Grajaú. Aquele trajeto, percorrido duas vezes por dia, era a justificativa mais forte da necessidade de ele se mudar da casa dos pais e adiar o sonho da casa própria. Alugaria um apartamento na Zona Sul. Podia ser Copacabana, Ipanema, Botafogo, bairros que não ficassem nos confins da cidade, bairros onde as coisas aconteciam. De que adiantava esperar para aproveitar a vida só quando estivesse de posse de toda a tralha de bens móveis e imóveis, úteis e inúteis? Não queria uma juventude com estabilidade e uma velhice com infelicidade.

As calçadas estavam menos movimentadas àquela hora. Passava um pouco das oito e a Tijuca é um bairro conservador, as pessoas jantam em casa — a pequena família reunida, — assistem os jornais da tevê e a novela do horário nobre. O bairro dorme cedo. Seus pais moravam numa casa de vila, entre a Tijuca e o Grajaú. Região tranqüila, rua tranqüila, a casa dos pais era tida por ele como um céu de tranqüilidade. Tranqüilidade, e não felicidade ou alegria. Uma tranqüilidade triste, vazia, morta. A vida ali se aposentara. Quando Welber enfiou a chave na porta, a mãe se levantou da poltrona para servir o jantar. Comeram em silêncio.

Estavam terminando a sobremesa quando o telefone tocou. Welber levantou-se para atender.

— Welber?

— Sim, delegado.

— Está jantando?

— Já acabei. O que houve?

— A filha mais nova do doutor Nesse desapareceu. Chama-se Roberta e parece que ainda não fez dezessete anos. O desaparecimento tem as mesmas características do da irmã, no começo do ano. Estou na delegacia.

— Estou indo para aí.

Pegou novamente o ônibus até a praça Saens Peña e de lá o metrô para Copacabana. Viajara de um extremo a outro da cidade apenas para jantar em casa, e os pais nem sequer tinham enunciado uma frase

com sujeito, verbo e predicado; apenas monossílabos com sonoridade carinhosa. A vantagem de viajar em sentido inverso àquela hora era que tanto o ônibus como o metrô estavam vazios. Passava um pouco das nove quando chegou de volta à 12ª DP. O movimento nas ruas ainda era intenso. Copacabana vai dormir quando os demais bairros estão acordando.

Espinosa estava conversando com Ramiro, chefe da equipe de detetives, quando Welber entrou na sala do delegado.

* * *

— Eu estava começando a fazer um resumo do telefonema dado pelo doutor Nesse. Assim que ele chegou em casa, depois da entrevista que teve com você, recebeu um telefonema da ex-mulher dizendo que a filha mais nova, Roberta, estava sumida havia quase quarenta e oito horas. Saiu para ir ao colégio e não voltou mais. A mãe telefonou para cada uma das amigas e colegas de classe da menina, mas nenhuma sabia de Roberta.

— Por que ela demorou tanto para falar com o marido? — perguntou Ramiro.

— Porque já tinha havido um episódio anterior envolvendo a filha mais velha do casal, e a reação do médico acabou provocando, aparentemente, a morte do namorado da filha e uma espécie de loucura na menina, que persiste até hoje. Acho justificável a reserva da mulher — disse Espinosa.

— Ela já procurou...

— Já. Percorreu os hospitais e telefonou para o IML.

— Será que a irmã menor está imitando a mais velha?

— Não acredito. Até porque ela não ia querer repetir o horror vivido pela outra.

— Quantos anos ela tem?

— Dezesseis ou dezessete, não sei ao certo.

— O que temos de concreto até o momento? — perguntou Ramiro.

— Nada. Nenhum bilhete, nenhum namorado conhecido, nenhuma informação útil de amigas ou de colegas de escola. Nada.

— Estamos sozinhos no caso? A Divisão Anti-Seqüestro não foi avisada?

— Não há nenhum sinal de que ela tenha sido seqüestrada. Além do mais, é de uma família de classe média, sem dinheiro para pagar resgate. O desaparecimento deve ter um motivo diferente.

— Dezessete anos... Pode ter corpo de mais e cabeça de menos para fugir com o primeiro namorado — disse Ramiro.

— São nove e meia, acho que vocês dois podem ir até a casa delas para conversar com a mãe.

— Como é o nome da mãe?

Espinosa consultou um bloco sobre a mesa. — Teresa — disse, e copiou o endereço e o telefone, passando-os para Ramiro.

— É aqui mesmo, em Copacabana.

— E o pai?

— Na verdade, foi ele quem telefonou. A mãe não sabia como proceder e pediu para ele entrar em contato conosco. Mas ele sabe tanto quanto nós. Acho que a mãe pode fornecer alguma pista.

Ramiro e Welber evitaram parar defronte ao prédio onde Teresa morava com as filhas, o carro da delegacia não era discreto, com todos os seus dizeres, escudos pintados nas portas e luzes no teto. Não havia por que chamar a atenção dos vizinhos. Faltavam quinze minutos para as dez quando o porteiro anunciou pelo interfone que os dois policiais estavam subindo.

— Boa noite, dona Teresa, sou o inspetor Ramiro e este é o detetive Welber. Somos da 12ª DP.

— Obrigada por terem vindo... Eu não estava mais sabendo o que fazer.

— A senhora falou com as amigas de sua filha?

— Falei com todas. Nenhuma sabe de nada. Roberta não comentou nada com elas, não avisou ninguém que faltaria às aulas, e elas também não sabem de nenhum namorado. Não houve nada de anormal na porta do colégio. O que quer que tenha acontecido a ela, aconteceu no caminho para lá.

— Onde fica o colégio?

— Em Botafogo. Ela costuma ir de ônibus.

— E quando não vai de ônibus, vai com algum colega?

— Não. Às vezes, quando não está chovendo, ela prefere andar algumas quadras e pegar o metrô. Ela

pode ter feito isso, não estava chovendo.
— Sua filha estava diferente ultimamente?
— Como assim?
— Diferente... Distraída...
— Inspetor, ela vai fazer dezessete anos... Ser diferente e distraída é o comum nela.
— Ela conversa com a irmã? — perguntou Welber.
— Às vezes. Nem sempre. Minha filha mais velha fala muito pouco. Uma vez ou outra trocam algumas palavras.
— A senhora acha que ela pode estar repetindo a atitude que a irmã teve no começo deste ano?
— Por Deus, espero que não.
O apartamento era extremamente despojado, assemelhava-se mais a um claustro do que a uma moradia de três mulheres em Copacabana. Não havia nele nada de supérfluo, nenhum enfeite, nenhum quadro na parede. O assoalho não tinha tapetes e não havia móveis estofados. O único móvel na sala era uma mesa redonda com seis cadeiras, três das quais encostadas a uma das paredes. A única coisa que destoava da austeridade do ambiente era um aparelho de televisão grande demais para o tamanho da sala e excessivo em luxo e tecnologia.
— Presente do meu ex-marido para as filhas — disse Teresa, percebendo o olhar de Welber. — Nunca foi ligado.
— Como assim?
— Nunca ninguém ligou o aparelho. Nós não assistimos televisão.
— Por que, então, aceitaram?
— Ele mandou entregar em casa. O rapaz que veio entregar o aparelho disse que não podia levar de volta.
— O pai visita as filhas?
— Não, não faz bem a Letícia, ela é capaz de entrar em crise.
— Ela entra em crise com freqüência?
— Não, mas ainda toma remédios... Para evitar novas crises. A única crise que ela teve depois que nos mudamos para cá foi quando o pai veio vê-la.
— E desde então eles nunca mais se viram?
— Não.
— E Roberta?
— Ela saía com ele uma vez por semana, depois passou a sair só a cada duas semanas; agora quase não saem mais juntos.
— Aconteceu alguma coisa para provocar essa mudança?
— Aconteceu nele, não nela.
— O que aconteceu com ele?
— Acho que está deprimido. Não se interessa mais por nada. Começou a se esquecer de sair com a filha e, quando saía, ficava calado a maior parte do tempo. Ela mesma foi perdendo a vontade de estar com ele.
— Roberta tem namorado?
— Tem amigos, colegas de escola, gente que freqüenta a mesma praia, eles estão sempre namorando, não sei se ela está com namorado fixo.
— Usa algum tipo de droga?
— Não. Com certeza. Como Letícia, que também nunca tinha tomado, até...
— Até?
— Até começar a tomar as drogas psiquiátricas.
— Roberta está indo bem na escola? As notas dela são boas? Há alguma reclamação contra ela ou alguma observação dos coordenadores?
— Não. Nada. As notas dela são boas, é uma aluna querida pelos colegas e professores. Roberta é um exemplo de adolescente sadia.
— A menstruação dela está regular?
— O que o senhor...
— Dona Teresa, eu também tenho duas filhas adolescentes.
— Acho que está, não posso garantir... Ela não me falou nada. O senhor acha...
— Eu não acho nada, senhora, apenas penso que uma moça grávida, na idade dela, pode tentar resolver

o problema por conta própria. O que não é uma boa.
Welber conhecia a maneira de Ramiro conduzir uma entrevista, como quem não está muito interessado no assunto, saindo do ponto central para depois retornar a ele, parecendo aborrecido por estar ali mas sendo capaz de permanecer no jogo durante horas, até arrancar do entrevistado a última gota de informação. Quando deixaram o apartamento, faltavam dez minutos para a meia-noite.
— O que você achou? — perguntou Welber quando já estavam na rua.
— Não temos quase nada. O único ponto em que valeria a pena insistir um pouco é na hipótese de a menina ter feito um aborto e a coisa ter se complicado.
Chegaram ao carro que haviam estacionado no início da quadra. Welber tomou a direção e rodaram alguns minutos em silêncio. Ramiro recostara a cabeça no encosto do banco, mas mantinha os olhos abertos. Welber olhou para Ramiro:
— Não sabia que você tinha duas filhas adolescentes.
— Não tenho.
Welber dirigia lentamente pela avenida Copacabana. Não andava devagar por causa do trânsito lá fora, menos intenso àquela hora, e sim por causa do trânsito de suas idéias, este sim, intenso e confuso, precisamente em função da hora. Eram mais de doze quadras até a 12ª DP, e a única coisa pela qual ele torcia naquele momento era para que nada acontecesse no resto do trajeto que exigisse a intervenção deles. Ou dele apenas. Ramiro dormia no banco ao lado. Se tivesse um apartamento em Copacabana, qualquer que fosse, de frente ou de fundos, não importava o tamanho, a rua, a qualidade dos vizinhos, não importava nada, contanto que não fosse no Grajaú, distante mais de uma hora da delegacia, naquela casa de vila que nem sequer era dele, se tivesse esse apartamento em Copacabana não precisaria deixar o carro na delegacia e pegar condução já depois da meia-noite apenas para dormir e retornar na manhã seguinte.
— Você está pensando tão alto que dá pra ouvir daqui.
— Eu falei alguma coisa?
— Não, mas as suas idéias estavam tão altas que me acordaram.
— Já estamos chegando.
— Tudo bem, não estou com pressa.
— Soube, há poucos dias, que moramos no mesmo bairro.
— Tijuca?
— Grajaú. Nem sei se é Tijuca ou Grajaú, é no limite entre os dois, pode ser Andaraí.
— Quer dizer que você também mora lá. Então estamos trabalhando na delegacia errada.
— Ou morando no bairro errado.
— Ainda não estou certo quanto a isso — disse Ramiro. — Gosto do Grajaú, ou Andaraí, se você preferir. Não sei por quê, só sei que gosto. Não sei se gosto de Copacabana.

Espinosa deixara um aviso na delegacia para que eles telefonassem para a casa dele assim que chegassem. Ramiro ligou.
— Delegado, nada de concreto. Ou estão escondendo alguma coisa, ou a menina sumiu sem nenhum motivo aparente. Como ninguém pediu resgate nem houve nenhum contato, estou achando que ela pode ter feito um aborto e a coisa ter se complicado. Nesse caso, ela pode estar morta ou escondida na casa do namorado ou de alguma amiga. A mãe não sabe se a menina tem namorado. Claro que isso não quer dizer nada, para engravidar não é necessário namorado.
— Como está a mãe?
— Em suspense.
— Suspense?
— É. Como nos filmes. Não achei a mulher desesperada nem angustiada nem triste. Parecia uma mistura de lucidez com expectativa. É estranho, mas foi isso.
— Está bem, nos falamos amanhã.
Espinosa não padecia de insônia, mas havia noites em que ficava acordado além da hora, por vontade própria, sem nenhum motivo identificável além da vaga impressão de que o dia ainda não terminara, de que algo ainda estava por acontecer. O que não significava que algo de fato acontecesse. Na grande maioria das vezes, a única coisa que acontecia era ele perder algumas horas de sono à espera de que sua intuição fosse avalizada pela realidade. Não era um intuitivo nem acreditava em premonições; acreditava numa razão que também trabalhava em silêncio, à revelia dele próprio, acreditava que as lacunas e as

sombras da razão não eram deficiências, mas eficiências nem sempre reconhecidas como tais pelo pensante. Assim, não era de um acontecimento externo que estava à espera naquele início de madrugada, mas de uma dessas irrupções do próprio pensar forçando passagem por entre as idéias claras da consciência.

Suspense. Essa fora a palavra usada por Ramiro. Não era angústia, era suspense. E ele acreditava na acuidade do inspetor. Não estava angustiada porque sua expectativa era positiva, porque estava convencida de não se tratar de seqüestro. Essa é a única razão para a mãe de uma menina de dezesseis anos que desaparece sem deixar vestígio não estar desesperada. Outra razão plausível era ela saber onde estava a filha, e que estava bem.

Pensou na hipótese de Ramiro: a menina havia se submetido a um aborto, a coisa se complicara e ela estava se recuperando em segurança. Mais alguns dias e apareceria. A mãe estaria numa espera tensa, mas não angustiada. Mas aí, por que avisar a polícia? É verdade que não fora ela a avisar, e sim o ex-marido. Nesse caso, por que ou para que teria ela avisado o ex-marido? Apesar das interrogações, a hipótese do aborto combinava com a atitude da mãe.

Foi até a janela que dava para o minúsculo balcão gradeado, mas não abriu as portas de vidro. Estava frio e ventoso do lado de fora. Ficou olhando a praça e a rua vazias. Faltavam cinco minutos para a uma da manhã e ele ainda estava com a roupa que vestira o dia inteiro. Menos o sapato. Não gostava de usar dentro de casa o mesmo sapato usado na rua. Não por higiene, mas por uma questão de familiaridade, intimidade; gostava de se sentir familiar e íntimo dentro de casa, mesmo morando sozinho. Aquelas eram coisas sobre as quais não refletia com freqüência; eram demasiado bizarras como material de reflexão, mas acontecia de ocasionalmente pensar nelas. E então entendia o motivo de gostar tanto de meias grossas de algodão. Na sala, a única luz acesa era a de um abajur de pé ao lado de sua poltrona de leitura, e essa luz devolvia, naquele momento, sua imagem refletida no vidro da janela. Não era uma imagem muito nítida, mas bastava para ele constatar que estava na hora de ir para a cama.

Fazendo pela segunda vez o caminho de volta para casa naquele dia, Welber recordava e avaliava cada momento da entrevista com Teresa. Um aspecto chamara sua atenção mais do que qualquer outro: aquela mulher não apresentava nenhuma das características de alguém cuja filha desapareceu sem deixar pista. Ela não fizera nenhuma pergunta sobre o possível paradeiro da filha; tampouco lançara mão de súplicas e promessas de recompensas; nem ao menos rogara a Deus pela volta da filha. Não havia sofrimento nela, só expectativa.

O ônibus o deixava a duas quadras da entrada da pequena vila de quatro casas. A primeira casa era a sua, e a luz fraca que vazava através da persiana do quarto dos pais indicava que eles estavam assistindo algum filme. Caso Welber estivesse em casa àquela hora, a tevê estaria desligada e os pais estariam dormindo. Não deixava de ser também uma resignação. Sobretudo a mãe se resignara com o fato de o filho ter crescido, assim como os pais haviam se resignado com o fato de Welber ter entrado para a polícia.

O quarto revestido de material acústico e protegido contra ruídos externos por janelas com vidros reforçados estava silencioso nas últimas duas horas. O único som era o sibilar quase inaudível do aparelho de ar condicionado. Mesmo no inverno, dr. Nesse precisava ligar o aparelho para obter o isolamento acústico que exigia para ouvir Maria Callas. Mais do que os sons provenientes da rua, impessoais e indiferenciados, ele se irritava com os sons dos aparelhos de televisão dos vizinhos, com suas estúpidas novelas. Não falava com os moradores do prédio nem dirigia o olhar a eles. Nas primeiras semanas, logo que se mudara, os vizinhos o cumprimentavam ou até ensaiavam algum comentário sobre sua nova moradia. Como ele nunca respondia a nenhum cumprimento e muito menos aos ocasionais comentários, todos foram deixando de cumprimentá-lo e até mesmo de olhar para ele. Quando o faziam, era um olhar de esguelha e cheio de temor. Com o passar do tempo, o temor virou indiferença. Apesar de seu volume corporal, dr. Nesse tornara-se invisível para os vizinhos.

Nas últimas duas horas, desde que entrara em casa, pensava no que fazer para afastar de uma vez por todas o incômodo de ter aqueles policiais vasculhando sua intimidade. Não dera para ninguém seu novo endereço. Se ficara sozinho, não havia por que partilhar ou mesmo participar um endereço que, longe de ser uma residência, era um local de exílio. Claro que qualquer policial de quinta categoria poderia se dar ao trabalho de segui-lo desde a saída do consultório e descobrir onde estava morando. Mas não estava fugindo da polícia ou de quem quer que fosse, apenas não queria passar cartões de visita com seu

endereço. Quanto ao delegado, é verdade que um dia o ajudara e que procedera como um cavalheiro, mas isso não lhe dava o direito de se meter em assuntos que diziam respeito apenas a ele e suas filhas.

Pensou em recolher as peças de roupa espalhadas pelo apartamento, assim como as várias caixas vazias de pizza, sacolas de McDonald's, embalagens de restaurante, garrafas de vinho, livros, discos antigos e CDs. Talvez devesse chamar de volta a faxineira que despedira havia pouco mais de um mês. Mas não tinha paciência com faxineiras e não sabia como fazer uso das lavanderias automáticas do bairro. A roupa suja acumulava-se até ele não ter mais o que vestir, e só então telefonava para a tinturaria e mandava recolher tudo. Como não abria as janelas, o cheiro agridoce dominante parecia impregnar roupas, cabelo e a própria pele.

Solicitara transferência para um cargo administrativo na própria universidade, até que se decidisse a retornar ao hospital ou a pedir demissão do serviço público. O trabalho administrativo que fazia era muito menos cansativo do que o atendimento clínico de antes, mas profundamente tedioso. Além do mais, o trabalho dispensava a qualificação de médico. Podia ser realizado por um técnico ou por alguém semiqualificado, o que o encorajava a faltar com freqüência.

Restavam ainda uma empada, um quibe e um pastel na caixa de salgados que encomendara por telefone. Pegou o quibe e mordeu-o sem muita vontade. Nem mesmo o vinho, um de seus preferidos para o dia-a-dia, lhe dava o prazer costumeiro. Aliás, raros eram seus momentos de prazer, talvez um ou outro ouvindo ópera (quando os vizinhos não o perturbavam), e mesmo nesses momentos o sentido do prazer se alterara de um modo que temia irreversível. Consultou o relógio. Passava da uma da manhã, mas não tinha sono; o que sentia era um cansaço fora do comum, que o mantinha colado na poltrona. Comia por hábito, não tinha fome. Restavam ainda uma empada e um pastel, que deixou na caixa.

Dormia na poltrona quando o telefone tocou. Derrubou a garrafa de vinho ao esticar o braço à procura da mesinha-de-cabeceira. Custou a perceber que não estava na cama. Conseguiu pegar o aparelho só depois de vários toques. Ninguém falou nada. Recusou-se a ficar repetindo alô para alguém que se comprazia em não emitir nenhum som do outro lado da linha. Desligou. Passados dois minutos, o telefone voltou a tocar. Não pretendia alimentar a brincadeira àquela hora da noite. Levantou o fone e voltou a depositá-lo no aparelho, sem dizer nada. Segundos depois, o telefone tocou novamente. Pegou o fone e antes de falar qualquer coisa, ouviu a voz da filha:

— Pai... Alguma coisa não deu certo.

Os meses de inverno, com seus dias de céu azul e temperatura agradavelmente fria, eram considerados por Espinosa a melhor época do ano para caminhar pela calçada à beira-mar. Quando estava sozinho, preferia a praia de Copacabana, a poucas quadras do bairro Peixoto, mas quando estava com Irene escolhiam a praia de Ipanema, bairro onde ela morava. Não gostava de falar enquanto caminhava e não gostava de ficar em silêncio quando estava com Irene, o que inevitavelmente transformava a caminhada em passeio. Era prazeroso, mas bem diferente de quando andava em seu ritmo próprio, sem parar nem falar.

Estavam ambos de bermuda, camiseta branca, chapéu de pano e tênis, e traziam sobre os ombros um moletom grosso para se protegerem do vento frio que soprava do mar. Embora as roupas se assemelhassem até na cor, a diferença era notável. Irene poderia estar saindo de um prédio no Upper West Side, em pleno verão nova-iorquino, para ir à delicatessen da esquina comprar maionese de lagosta; Espinosa poderia estar lá junto dela, aparentemente integrado à paisagem, mas tinha plena consciência de que as pessoas saberiam que ele não era um local; não devido a alguma característica óbvia, mas por um traço sutil, como se ele tivesse um leve sotaque não na voz, mas no ser.

— Você está silencioso.

— É que não gosto de falar quando estou caminhando.

— Eu sei. Mas hoje você está "não falando" mais do que nas outras vezes.

— Falamos bastante ontem à noite.

— Não. Ontem à noite quase não falamos. Trepar não é falar.

— A gente pode chamar de linguagem corporal.

— Quando eu estou falando, não estou trepando e quando estou trepando não estou falando... a não ser quando digo coisas sacanas. Voltando ao que eu disse, você hoje está mais silencioso do que costuma estar. Tem alguma coisa te perturbando?

— Nada de especial.

— E sem ser especial?

— Lembra do caso do psiquiatra que internou a própria filha porque ela se apaixonou por um cliente dele?
— Triste, aquela história.
— Pois é. Agora a outra filha dele desapareceu.
— Foi seqüestrada?
— Até agora não houve nenhum contato. A menina saiu para o colégio e sumiu. Pessoalmente, não acredito em seqüestro.
— Por que não?
— Por causa dos pais.
— O que tem eles?
— Nada.
— Como, nada?
— Não estão angustiados, não parecem interessados no rumo das investigações...
— Podem estar em estado de choque.
— Já vi gente em estado de choque, não é assim que ficam. Tem mais: recebi uma carta sugerindo que o médico matou o namorado da filha.
— Dessa filha que desapareceu?
— Não. Da outra, que ele internou e que acabou ficando meio maluca. O rapaz era paciente dele.
— Puta que pariu, Espinosa, parece roteiro de filme de terror.
— E é mesmo. O rapaz desapareceu.
— Mas não morreu?
— É o que parece, mas ninguém sabe do corpo. Vivo ou morto, desapareceu por completo.
— E o que isso tem a ver com a menina que desapareceu agora?
— É o que eu gostaria de saber.
— Ela tem namorado?
— Uma amiga disse que tem.
— Ela pode ter se metido com um cara mais velho e...
— E?
— ... e estar passando uns dias fora.
— Ela só tem dezessete anos... Na verdade, dezesseis, faz dezessete no mês que vem.
— Se tem dezessete, não é mais criança. Pode ser por isso que os pais não estão angustiados com o seu desaparecimento.
— Então, por que comunicar à polícia?
— Por via das dúvidas.

Espinosa não pediu maiores esclarecimentos a Irene. Considerando que certas frases não demandam explicações, apenas repetiu mentalmente "Por via das dúvidas". Estava tão imerso no pequeno poço de sentido provocado pela frase de Irene que continuou a caminhada como um autômato, distanciando-se alguns passos dela.

— O que aconteceu? Perdeu-se?
— Hein?
— Você está perdido, meu bem?
— Acho que sim... Quer dizer, não... Você me ajudou.
— Ajudei?
— "Por via das dúvidas."
— Por via das dúvidas, o quê?
— Sua frase: "por via das dúvidas".
— Ah! Ela ajudou?
— Ajudou.
— Que bom. Então, podemos voltar e tomar um banho juntos?
— Adoro essa lógica.
— Qual lógica?
— *Se* a frase ajudou, *então* podemos tomar um banho juntos. Gosto sobretudo da conclusão.

A juventude de Irene ainda assustava Espinosa. A diferença de idade entre eles era de mais de dez anos, e ele achava que uma década é tempo bastante para criar uma fenda. Esse era o perigo: ser uma fenda, e

não um abismo. O abismo evidencia por si mesmo sua intransponibilidade, enquanto uma fenda tem o poder de iludir aqueles que acreditam poder ultrapassá-la. Ele não achava que era a diferença de valores que aumentava a distância entre eles. Valores são abstrações. O que marcava dolorosamente essa distância era a perda dos códigos que regiam os encontros, principalmente os encontros amorosos. São códigos bem concretos, podem ser volúveis, podem ter a duração de uma estação do ano, podem ser localizados, datados, mas são incrivelmente reais. Ou você está por dentro do código ou está fora do jogo. Os anos de casado, de jovem pai, de vida familiar, e depois os anos de separação e de relativa solidão, haviam tido como efeito a perda de alguns códigos vigentes. Espinosa sentia-se alguém esquecido da própria língua e que não tinha aprendido a da nova tribo. Em alguns momentos, isso tornava a comunicação entre ele e Irene quase impossível. Então, silenciava. E o silêncio em si mesmo, aquele que não tem como fundo as palavras, é estúpido. Esse era o silêncio que procurava evitar a todo custo.

Contando as quarenta e oito horas anteriores ao telefonema dado pelo pai, o desaparecimento de Roberta entrava no quinto dia. Espinosa enviara um comunicado a todas as delegacias especializadas e não-especializadas, mandara fazer cópias de uma foto recente de Roberta fornecida pela mãe, para ser distribuída, e Welber ficara encarregado de percorrer alguns hospitais e clínicas conhecidos pelo pouco rigor no cumprimento da lei. A tentativa de Ramiro e Welber de elaborar um quadro mais amplo de Roberta resultou, surpreendentemente, numa tela quase vazia, embora pudessem dispor de uma imagem física bastante precisa. Roberta era uma imagem, ou uma figura dentro da imagem familiar. A cada solicitação de dados mais concretos, obtinham respostas vagas ou respostas que formavam um retrato muito semelhante ao da irmã. Era como se a menina não existisse realmente, como se fosse um fantasma. Ou, o que era pior, um fantasma da irmã. E agora estavam procurando encontrar um corpo real para esse fantasma.

— Foi isso que me causou um certo mal-estar quando fomos àquela casa — disse Welber, como que acordando de vez, ao se encontrar com Ramiro e Espinosa na manhã seguinte à conversa com a mãe.

— Isso o quê?

— As pessoas naquela casa parecem fantasmas. Ninguém parece real. A filha mais velha, a que não fala, é um fantasma. A mãe, pela história que ela própria contou, sempre foi um fantasma que está tentando ser gente, só que não sabe como é que se faz; com o pai aconteceu o contrário, sempre foi o único real dentro de casa, agora virou fantasma. E, finalmente, essa menina que sumiu sem que ninguém saiba dizer como nem por quê, virou fantasma. Além, é claro, do Jonas, que parece ter virado fantasma de verdade.

Estavam os três na sala de Espinosa, sentados em semicírculo em torno do computador. Havia entre aqueles homens uma ligação e uma familiaridade que permitiam um afrouxamento no formalismo que em geral regia a relação dos detetives e demais funcionários com o delegado. Não estavam em torno do computador invocando os deuses tecnológicos, numa tentativa de desvendar o mistério da família Nesse; estavam ali porque a sala era pequena demais para que os três, além do computador e de seus equipamentos periféricos, se acomodassem de forma mais confortável. Desde a reforma e a modernização das delegacias, eles contavam com uma sala especial para reuniões e discussões de casos, mas todos pertenciam ao tempo (anterior ao computador) em que as decisões importantes eram tomadas na sala do delegado, um ambiente amplo com móveis escuros e pesados, arquivos de aço e armários envidraçados, quadros e fotos nas paredes, e não naquele novo layout, em que as pessoas se distribuíam em pequenos gabinetes que pareciam aquários.

A entrevista de Welber com dr. Nesse não acrescentara quase nada ao que já sabiam. Os três eram de opinião de que, enquanto não descobrissem o que acontecera a Jonas, dificilmente fariam progressos, embora não houvesse nada ligando concretamente a morte do rapaz ao médico. O fato é que estavam às voltas com duas investigações sobre desaparecimento de pessoas, e em ambas dr. Nesse ocupava lugar central, o que indicava que ele poderia estar implicado nos dois casos. Welber e Ramiro defendiam enfaticamente esse ponto de vista.

— Vocês acham que ele é o responsável direto pelo desaparecimento não apenas do cliente, mas também da própria filha?

— Pode parecer estranho, delegado, mas ele internou e entupiu de remédio a outra filha; por que não faria alguma coisa semelhante com essa?

— Estaríamos às voltas com duas situações simétricas e com sinais contrários: em uma delas ele seria o algoz, na outra seria a vítima.

— Um caso de dupla personalidade? — quis saber Welber.
— Não um caso de dupla personalidade como os que a gente encontra nos livros, mas admito a possibilidade de ele, como qualquer um de nós, aliás, ser capaz de uma extrema maldade. Sob certas circunstâncias, um indivíduo tido como bom é capaz de cometer uma grande atrocidade, assim como outro tido como mau é capaz de um ato de extrema bondade. Não acredito que alguém seja absolutamente bom ou absolutamente mau. Somos todos ao mesmo tempo santos e criminosos. Doutor Jekyll e Mister Hyde não são criaturas excepcionais da literatura; Doutor Jekyll e Mister Hyde somos todos nós.
— O senhor acredita realmente nisso?
— Acredito. Às vezes é preciso proteger o médico do monstro... Outras vezes é preciso proteger o monstro do médico.
Haviam decidido que a investigação sobre o desaparecimento de Roberta e a verificação de procedência das informações sobre o dr. Nesse seriam feitas simultaneamente e em conjunto por Welber e Ramiro, para somar esforços e economizar tempo. Roberta sumira sem deixar traço; nada mais conseguiram saber sobre o desaparecimento ou morte de Jonas e nada além da carta ligava o médico ao desaparecimento do rapaz. Havia ainda a possibilidade de a carta ter sido escrita por Solange, hipótese levantada por Welber e Ramiro, mas não endossada por Espinosa.
— Acho duas coisas: a primeira é que a carta está bem escrita demais para ter sido redigida por uma funcionária de portaria; a segunda é a finalidade. O que ela ia querer com a carta? Chantagem? Se fosse isso, não teria entregado a carta ao delegado da 10ª DP. Obter algum tipo de vantagem profissional com o doutor Nesse? Também não. Ele pediu transferência do hospital. Não vejo por que iria se arriscar. A não ser que fosse por amor, vingança... ela estava apaixonada por Jonas. Mas também acho isso pouco provável. É melhor vocês voltarem a conversar com ela.

* * *

Àquela hora não havia mais vaga em nenhum dos estacionamentos do campus universitário, e se não estivessem com o carro da delegacia nem sequer teriam podido passar pela guarita de entrada da universidade. Estacionaram defronte ao prédio do hospital, em local não permitido, deixando bem claro que estavam ali a serviço. Solange reconheceu Welber e olhou com desconfiança para Ramiro.
— Bom dia, Solange, este é o inspetor Ramiro. Gostaríamos de tirar mais algumas dúvidas com você sobre o caso do Jonas.
— Vocês querem conversar aqui mesmo na portaria, ou preferem conversar lá fora? Posso pedir a uma colega que encaminhe os pacientes.
— Melhor conversarmos num lugar mais calmo.
— O banco do Jonas está desocupado — sugeriu Solange, depois de pedir que uma colega a substituísse por alguns minutos.
Atravessaram o jardim defronte à portaria e sentaram-se os três lado a lado, Solange no meio, sob a grande mangueira. Ramiro tomou a iniciativa.
— Segundo você contou ao detetive Welber, Jonas usou o computador e a impressora que ficam junto ao balcão da portaria para digitar e imprimir a carta que posteriormente você entregou ao delegado da 10ª DP.
— Foi isso mesmo.
— Tinha mais alguém na portaria?
— Não. Já passava das quatro da tarde, não tinha movimento nenhum e minha colega de portaria havia saído mais cedo.
— Você lembra se ele tinha algum rascunho do texto? Uma folha de papel escrita à mão ou anotações em cadernos...?
— Não tinha nenhum rascunho. Eu não vi nada. Ele fez a carta direto no computador. Às vezes refazia um trecho ou trocava alguma palavra, mas foi tudo direto, sem rascunho.
— Você ficou o tempo todo do lado dele?
— Não fiquei colada, olhando o que ele estava escrevendo, mas durante o tempo em que escreveu a carta e a imprimiu eu estava perto dele. Até porque se chegasse algum funcionário veria que Jonas estava comigo.
— Ele mostrou a carta para você, quando acabou de imprimir?

— Não. Eu nem sabia que era uma carta.
— Quando ele mostrou?
— Uns dois ou três dias depois.
— Por que você acha que ele esperou esse tempo?
— Acho que ele estava esperando para ver o que acontecia.
— Como assim?
— Quando escreveu a carta, já estava com medo de que fizessem alguma coisa com ele.
— Que fizessem o quê?
— Que fizessem o que de fato fizeram!
— E o que você acha que fizeram?
— Ora, inspetor, você está querendo que eu diga o que vocês não têm coragem de dizer. Nessa história toda, Jonas era o lado mais frágil e eu sou apenas o elemento de ligação; sugiro que vocês procurem o lado mais forte. Agora, se me dão licença, tenho que voltar ao trabalho.
— Só mais uma coisa. Quem nos garante que aquela carta não foi escrita por você com o intuito de prejudicar o doutor Nesse?
— Inspetor, os loucos aqui dentro usam uniforme azul, meu uniforme é branco.
— Mas você não hesitou em entregar a carta à polícia.
— É como você disse, eu *entreguei* a carta; eu não *escrevi* a carta.
Solange estava de pé, pronta para dar as costas aos dois e retornar ao balcão da portaria. Não demonstrava impaciência nem contrariedade, mas sua atitude era a de quem considerava a entrevista terminada.
Despediu-se com um aceno e afastou-se em direção ao prédio do hospital.
— Ela não fica intimidada na presença de policiais — disse Welber.
— Está acostumada a lidar com loucos.

Os avisos e as fotos divulgados pela polícia não produziram nenhum retorno significativo. No íntimo, Espinosa não acreditava em seqüestro, embora preferisse que esse fosse o caso. Sob certos aspectos, um seqüestro é mais desejável do que um desaparecimento puro e simples. No seqüestro há um elemento de ligação com a vítima, além de uma alta probabilidade de tudo terminar bem. No desaparecimento não há nada. Pessoas desaparecem diariamente nas grandes cidades sem deixar vestígio, e em muitos desses casos nunca mais há notícia delas.
Como não tinha o que dizer aos pais, tinha apenas hipóteses, Espinosa preferiu não dizer nada. Não era psicólogo, era policial, a ele cabia descobrir o paradeiro da menina, e não cuidar dos sentimentos dos pais. Além disso, não conseguia perceber nenhum sinal de sentimento nos pais, pelo menos não o tipo de sentimento normalmente visível em situações como aquela. A impressão era de que eles sabiam onde estava a filha, e que aquele desaparecimento era uma farsa. O que contrariava essa impressão era eles terem comunicado o fato à polícia.

Passava um pouco das nove da manhã quando dr. Nesse voltou ao apartamento. Tomou banho, trocou de roupa e saiu em seguida. Aquele era um dia em que não iria à universidade. A decisão fora tomada assim que saíra de casa, depois do banho. Tinha que passar no consultório. Foi andando em direção à praça General Osório pelo mesmo itinerário de sempre. Embora percorresse aquelas ruas todos os dias, continuava desconhecendo o comércio da região. Precisava parar em algum lugar para tomar café. Quase todos os bares pelos quais passava não dispunham de mesa, era preciso tomar o café em pé no balcão, e precisava sentar, dormira apenas uma hora e estava exausto. Depois de percorrer duas quadras, encontrou um restaurante com um cartaz na porta anunciando um café-da-manhã completo a preço popular. Dispensava o preço popular, consentia em pagar mais caro contanto que pudesse se sentar a uma mesa. Estava tão cansado que prolongou o café além do razoável. Pediu a conta e continuou a caminhada em direção ao consultório. Pela primeira vez depois de meses, voltou a ter a sensação de estar sendo seguido ou observado por alguém. Parou numa vitrine e olhou disfarçadamente para os lados e para trás. À procura de quem?, pensou. Tinha vivido a experiência real de ser seguido e vigiado por Jonas. Mas ele era um perseguidor conhecido, que podia ser identificado a qualquer momento e do qual podia se esquivar. Com seu desaparecimento, deixara de se preocupar com o fato e até havia se esquecido de que aquilo acontecera um dia. E agora, a mesma sensação. Não era idêntica à anterior, não havia uma figura

determinada a ser procurada no meio da multidão. O que estava sentindo era uma sensação de intensidade ainda leve, de significado conhecido, mas cujo objeto era indeterminado. Não adiantava olhar em volta. Ninguém carregava um cartaz com a palavra "Perseguidor" escrita. Apressou o passo. Era o que melhor podia fazer. A caminhada até a praça General Osório, mesmo feita em duas etapas, aumentara o cansaço da manhã.

Abriu a porta do consultório e encontrou as salas às escuras. Acendeu a luz da sala de espera, olhou em volta à procura de sinais de Maria Auxiliadora. Como ele estava chegando mais cedo, ela podia ter descido para comprar algum material ou comer alguma coisa. Acendeu todas as luzes. Na sala de atendimento, sobre sua mesa de trabalho, havia uma folha de papel com uma mensagem. O bilhete estava escrito à mão. Maria Auxiliadora se desculpava pela decisão urgente, mas estava pedindo demissão. Problemas familiares, dizia. Num pós-escrito, deixava o telefone de duas conhecidas, "ótimas pessoas e de boa aparência, qualquer uma das duas pode ficar no meu lugar".

Welber tinha chegado atrasado ao prédio onde o médico estava morando. Combinara com Ramiro turnos de quatro horas: ele ficaria de oito a meio-dia, Ramiro de meio-dia às quatro, e novamente ele das quatro às oito da noite. A diferença no número de turnos diários de cada um correspondia à diferença entre ser detetive e ser inspetor. Não esperavam que dr. Nesse saísse de casa antes das oito da manhã. Isso só acontecia quando trabalhava no hospital psiquiátrico. E de fato ele saiu depois das nove, caminhando com passos não muito firmes, como se estivesse bêbado (o que o detetive considerou pouco provável àquela hora) e parecendo inteiramente alheio a tudo em volta. Welber nem se preocupou em se manter oculto. No estado em que o doutor se encontrava, se acontecesse de esbarrarem um no outro ele nem perceberia o detetive que o entrevistara no consultório dias antes. Chegando à rua Visconde de Pirajá, o médico dobrou à esquerda e caminhou na direção da praça General Osório. Welber achou que ele parecia um grande urso-polar, o que, mesmo no inverno, não combinava com a paisagem de Ipanema. Percorridas duas quadras, o médico parou defronte a um pequeno quadro-negro apoiado num tripé e em seguida entrou por uma porta envidraçada. Quando o detetive se aproximou, viu que o quadro-negro anunciava um café-da-manhã completo junto à porta de um restaurante. O médico estava sentado quase de costas para a entrada, o que permitiria uma manobra ousada por parte de Welber, cujo café-da-manhã tinha sido apenas meia xícara de café preto. O detetive ficou do lado de fora avaliando as chances de entrar no restaurante e sentar-se a uma mesa sem ser percebido pelo médico. Claro que poderia inventar uma história para aquela incrível coincidência, mas teria eliminado a possibilidade de saber aonde o doutor o levaria depois do café. Decidiu pelo que seria de se esperar de um policial e ficou do outro lado da rua, perto de uma banca de jornal, aguardando. Passada quase uma hora, Welber seguiu o médico até o prédio de seu consultório. Nenhum mistério, portanto, embora no trecho entre o restaurante e o consultório dr. Nesse estivesse com o passo mais acelerado e lançasse rápidos olhares para trás e para os lados. Tinha até mesmo parado diante de uma vitrine, numa tosca tentativa de disfarçar sua verdadeira intenção, e olhara mais demoradamente para a esquerda e para a direita e depois para o outro lado da rua. Welber telefonou para Ramiro, avisando onde estaria até meio-dia, caso dr. Nesse não saísse antes disso. As duas horas seguintes não trouxeram novidades. A novidade mais interessante fora dada pelo porteiro do prédio onde morava dr. Nesse: todos os dias ele pedia comida por telefone, pizza, sanduíches, essas coisas. Isso era tudo que Welber tinha para transmitir a Ramiro quando este foi substituí-lo ao meio-dia.

— Ele pode estar sem cozinheira.

— Ou pode estar escondendo a filha no apartamento.

— Por quê? Pra quê?

— Não sei, mas foi uma idéia que me ocorreu.

— Idéia maluca, cara. Por que ele ia esconder a filha no apartamento? E ainda por cima dar parte à polícia do seu desaparecimento? Não faz sentido. Além do mais, a mãe da menina não aceitaria uma coisa dessas.

— Vai almoçar, vai, Welber, quando você voltar a gente conversa.

A campana em um prédio comercial com galeria é mais confortável do que a feita na rua. Havia uma única entrada que dava para o hall dos elevadores e para as lojas situadas no nível da rua, aproximadamente cinco de cada lado. O comércio não era muito variado, e não havia nenhum bar ou lanchonete para se tomar um café. Ramiro comprou os jornais do dia, sentou-se num banco com visibilidade para o hall dos elevadores e deu início ao tipo de espera à qual seus vinte anos de polícia o

haviam acostumado. Estava ainda lendo as manchetes quando se lembrou da garagem. Dr. Nesse poderia descer de elevador até a garagem e sair de carro. Desmontou o posto de observação e procurou um lugar na praça em frente, de onde pudesse, com algum conforto, observar tanto a entrada da galeria quanto a saída de carros. Ficou imediatamente evidente que os jornais eram dispensáveis, não conseguiria controlar o fluxo de pessoas e de carros de um grande prédio comercial e ainda por cima ler vários jornais.

O inspetor não acreditava que fosse acontecer nada até o médico atender todos os pacientes do dia, o que já pegaria o outro turno de Welber. A hipótese segundo a qual dr. Nesse poderia levar os policiais até onde estava escondida Roberta entrava em conflito com a hipótese de Welber, de que a menina estava escondida no apartamento do próprio pai. Mas, qualquer que fosse a verdade, o que tinham a fazer era colar no médico e segui-lo aonde quer que ele fosse.

Até as quatro da tarde, quando Welber voltou, não tinha havido nenhum sinal de movimentação do médico. Na portaria do grande prédio de escritórios, um homem separava a correspondência dos vários andares e a distribuía pelos escaninhos. Tinha cabelos grisalhos e devia estar no prédio desde a época em que fora construído. Atendeu os policiais com uma indiferença que Ramiro e Welber não deram mostras de ter percebido.

— Ele costuma sair entre seis e sete, raramente fica até mais tarde. Mas às vezes acontece de ele sair mais cedo, como hoje.

— Como, sair mais cedo?

— Como hoje, estou dizendo. Ele já foi embora faz muito tempo. Deve ter saído por volta das duas e meia.

— Puta que pariu! Como ele pode ter saído, se eu estava o tempo todo olhando para a entrada da galeria e para a saída de carros?

— É porque ele saiu pela farmácia.

— Pela farmácia?

— A farmácia que fica ali ao lado tem entrada pela galeria. Quando ele quer comprar algum remédio, ele sai por lá.

Os dois foram até a rua. De fato, a entrada da farmácia era pela rua, mas havia uma porta menor, de vidro, que permitia o acesso aos que estavam na galeria. Dr. Nesse poderia perfeitamente ter passado por aquela porta e ter saído pela farmácia sem ser notado. Ramiro não fez nenhum comentário, mas era visível sua contrariedade.

— Vamos até o prédio onde ele mora.

— Você acha que a saída pela farmácia pode ter sido uma fuga?

— Não sei, porra, mas não vou deixar esse puto escapar assim.

Caminharam até a praça Nossa Senhora da Paz em silêncio.

Segundo o porteiro, dr. Nesse tinha estado em casa por volta das duas e meia. Chegara de táxi, sozinho, mandara o motorista esperar, passados uns quinze minutos descera novamente, carregando sua maleta de médico, entrara no táxi e se fora.

Os dois policiais voltaram em direção à praça Nossa Senhora da Paz, tentando entender o que estava acontecendo, e decidindo quais seriam seus próximos passos. Eram quatro e meia da tarde. O dia estava praticamente perdido. Dois dos melhores policiais da 12ª DP tinham sido enganados por um médico que, na opinião de um deles, lembrava um urso de desenho animado. A temperatura tinha caído alguns graus. Nada que os afetasse. No Rio de Janeiro, mesmo que ela caísse muitos graus no inverno, ainda ficaria acima dos dez graus positivos, razão pela qual os paletós de lã que estavam usando eram mais que suficientes para fazer frente ao clima da cidade.

Ramiro tomou a palavra.

— Tenho duas perguntas. Primeira: o que aconteceu no consultório que fez ele ir em casa buscar a maleta de médico? Segunda. Para que um psiquiatra precisa de maleta de médico? Acho que a resposta a esta pergunta é óbvia: ele precisa da maleta de médico porque vai atender a um chamado não como psiquiatra, mas como médico. E tem uma terceira pergunta: quem o chamou? Para mim, não é óbvio que ele seja o culpado das coisas que estamos supondo; não é óbvio que a filha tenha sido seqüestrada ou raptada ou que tenha fugido de casa; não é óbvio que ele seja culpado direto pela morte de Jonas; assim como o contrário disso tudo tampouco é óbvio. Ou seja, nós nem sabemos direito o que estamos procurando. Pode ser que a gente tenha começado pela pessoa errada. E por que teríamos começado pela pessoa errada? Por que era a pessoa mais óbvia.

— Você acha que pode ser a Lady?
— Acho que antes de nos preocuparmos em seguir o médico ou quem quer que seja, temos que tentar entender o que de fato está acontecendo.
— Muito bem. E por onde começamos?
— Seguindo o médico.
— Porra, Ramiro, você é um grande humorista.
— Não, cara, não é piada. Uma coisa é nós seguirmos o médico para ver o que acontece; outra é fazermos com que ele precipite os acontecimentos. Você disse que de manhã ele parecia assustado, como se estivesse se sentindo seguido.
— E de fato estava, eu ia atrás dele.
— Muito bem. Se ele está assustado, vai ficar muito mais. Vamos colar nele dia e noite. Não importa se ele perceber. Mais cedo ou mais tarde ele vai ter que nos levar ao local do delito.
— Qual delito, Ramiro?
— Não importa qual, o que importa é ele nos levar lá.

Eram quase sete da noite quando dr. Nesse ligou para o delegado Espinosa.
— Doutor Nesse, que surpresa, estava mesmo querendo falar com o senhor.
— Sim... Claro... Eu também estou querendo falar com o senhor.
— Ótimo. O senhor prefere conversar aqui na delegacia ou na praça?
— Se o senhor estiver de saída, delegado, podemos nos encontrar em frente à delegacia e eu o acompanho até sua casa. Pode ser daqui a quinze minutos?
— Combinado. Quinze minutos.
Quando Espinosa desceu, encontrou dr. Nesse andando de um lado para outro defronte à entrada da delegacia.
— Boa noite, doutor. Alguma notícia?
— Não... Nada... O senhor conseguiu alguma coisa?
— Infelizmente não. Meus homens têm se empenhado, mas não conseguiram muita coisa. Aliás, o detetive Welber esteve à sua procura.
— Já nos falamos. Ele esteve no meu consultório e conversamos longamente.
— Depois disso, doutor.
— Como?
— Depois da entrevista que teve com o senhor.
— Ah, sim... Quando ele quiser. É só me telefonar.
Espinosa fez um gesto com a mão, oferecendo a calçada para o visitante, e saíram andando pela noite de Copacabana em direção ao bairro Peixoto.
— Então, doutor, o senhor queria falar comigo.
— Por dois motivos, delegado. O primeiro diz respeito ao que pode estar parecendo um desinteresse meu pelo que está acontecendo à minha filha Roberta. Quando telefonei, comunicando seu desaparecimento, eu mesmo sugeri que minha ex-mulher teria mais a informar do que eu próprio. Estamos separados há vários meses, quase não vejo minhas filhas, nada sei sobre os novos hábitos delas, por isso achei que seria mais proveitoso os senhores conversarem com ela do que comigo. Mas isso não significa, de modo nenhum, que eu esteja desinteressado no rumo que as coisas estão tomando. E este é o segundo motivo de eu ter vindo procurá-lo hoje. Eu vi o que aconteceu à minha filha Letícia. Não importa agora fazer um balanço das culpas, o que importa é que eu a perdi, talvez para sempre, e não quero que aconteça o mesmo com Roberta. Acredito que Roberta tenha fugido de casa para ficar com alguém. O que me escapa inteiramente é quem possa ser esse alguém. Já se passou muito tempo sem ela dar notícia. Acho que está em perigo.
— Por que o senhor acha que ela está em perigo? Se ela fugiu para ficar com alguém, é porque gosta dessa pessoa. O perigo que ela pode estar correndo é se fugiu para se livrar de uma gravidez.
— Esse é um dos perigos.
— O senhor acha que pode haver outro?
— Vingança.
— Vingança? De quem contra quem?
— Não sei de quem, mas sei que o alvo sou eu.

— Por que o senhor diz isso?
— Pelo amor de Deus, delegado, o senhor tem alguma dúvida? Desde que aquele verme apareceu na minha sala de atendimento no hospital, minha vida começou a ser destruída como num processo infeccioso, que vai tomando conta aos poucos do organismo. Letícia é hoje um membro que me foi amputado. Depois foi Teresa. Tenho medo de que agora seja a vez de Roberta.
— E o senhor acha que o responsável por tudo foi Jonas?
— O nome dele não é Jonas, delegado, é Isidoro. Tudo nele é falso. O nome é apenas uma de suas máscaras.
— Mas ele está morto. Não está?
— O senhor me procurou com uma carta-denúncia me acusando de tê-lo matado. É sinal de que para o senhor ele está morto.
— E para o senhor, ele está morto?
— Acredito que sim... Não posso afirmar com certeza.
— E qual seria o motivo dessa vingança? O fato de o senhor tê-lo internado?
— Pode ser.
— Não há um motivo anterior a esse? Mais íntimo?
— Delegado, Isidoro era um paciente psiquiátrico. Significa que passou por uma série de entrevistas preliminares, conduzidas por uma equipe especializada, antes de me ser encaminhado. Vasculhar e localizar motivos recônditos na história pessoal de um paciente psiquiátrico não é tarefa simples, nem algo que possa ser feito em meia dúzia de sessões.
— O senhor quer dizer com isso que ele era louco?
— O senhor pode empregar essa palavra. Eu não devo.
— O senhor não a considera adequada?
— Considero, se vinda de um leigo.
— Qual seria o termo técnico para Isidoro?
— Paranóico seria um termo mais adequado, pelo menos num diagnóstico preliminar.
Dr. Nesse caminhava com dificuldade. As calçadas daquelas ruas secundárias de Copacabana eram estreitas, atravancadas por bancas de jornal e pelo movimento de pedestres a caminho da estação do metrô. Foi com surpresa que ele se deu conta de já terem chegado ao bairro Peixoto. Não aceitou o convite do delegado para sentarem e continuarem a conversa no mesmo banco das reuniões anteriores. Não havia por que prolongar o encontro. Despediram-se no meio da praça.

Eram sete da noite quando Welber desceu a escada da delegacia a caminho da estação do metrô. Não havia ninguém na calçada. Na lanchonete do outro lado da rua o movimento era reduzido.
— E aí, garotão, com medo do sereno?
Welber, mesmo sem se virar, reconheceu a voz de um detetive da antiga, já próximo da aposentadoria, mas que não parecia ter pressa em deixar o cargo. Junto com ele estava outro detetive não tão antigo, mas bem mais velho que Welber. Apesar da hora e de estarem saindo a trabalho, estavam ambos sorridentes e bem-dispostos, como se estivessem indo a uma festa. Welber não gostava de nenhum dos dois, embora nunca tivessem feito nada diretamente contra ele nem contra nenhum de seus colegas. Aparentemente, eram até queridos pelos companheiros de trabalho, embora as manifestações de amizade na delegacia fossem mais próximas das de um companheirismo estereotipado do que de um companheirismo verdadeiro. Amizade era artigo raro na casa.
— Não tenha medo, a chuva já passou. Aliás, já passou há dias.
— Por falar em chuva, soubemos que você está a fim de um abrigo aqui no bairro.
— Souberam rápido.
— É que somos investigadores, companheiro.
— Mais do que isso, são adivinhos. Eu não tinha falado com ninguém.
— É que nós adivinhamos os desejos dos colegas. E queremos dizer que você pode contar conosco para seu desejo se realizar.
— Como assim?
— Ora, colega, aqui todos se ajudam. Vida de policial não é mole. Você pode estar muito bem num dia e no dia seguinte um pivete de merda plantar uma azeitona na sua testa. Aí, sim, você ganha uma morada... só que debaixo da terra. E o que você teve aqui em cima? Nada. Como fica sua família? Seus filhos? Porra,

cara, um garotão bonito como você não demora está casando, logo depois vêm os filhos, e aí faz o quê? Vai morar na casa do papai e da mamãe? Colega, se você não se garantir a tempo, vai passar uma velhice de merda... Se viver o suficiente para curtir a merda da velhice.
— E qual é a solução?
— Você sabe qual é a solução, colega. A gente tem um fundo privado de ajuda mútua. Em todo lugar não existe um fundo privado de previdência? Então. Nós temos uma coisa parecida. Só que melhor. Você não precisa contribuir mensalmente, outros fazem isso por você. No fim do mês, em vez de você pagar, você recebe. Negócio seguro, garantido, sem risco...
— Vocês estão me propondo participar de uma caixinha?
— O que é isso, colega? Colocado dessa maneira, até parece que somos criminosos. Não é suborno, é gratificação. Se você quiser, ela pode vir na forma de presente.
— Não participo disso.
— Tudo bem, não sei qual é a sua, mas posso garantir que assim você não vai subir na vida. De qualquer maneira, caso mude de opinião, estamos prontos pra te ajudar. Sua participação no fundo de previdência poderia ser muito gratificante.
— Vou fazer de conta que nunca conversamos sobre esse assunto, certo?
— Como quiser, mas se mudar de opinião, é só escolher o apartamento... O aluguel corre por conta do fundo de assistência.
Os dois desceram para a calçada, o mais velho olhou para o céu e estendeu o braço, como quem verifica se está chovendo.
Welber ficou algum tempo sob o arco da entrada vendo os dois policiais se afastarem depois de dar o recado. Mais do que um recado, tratava-se de um recado-convite, provavelmente guardado com cuidado até que se considerasse chegado o momento de dispensá-lo. Era sempre a mesma dupla. Um mais falante, o outro mais observador. Talvez o segundo fosse dono de um método mais persuasivo, caso o primeiro falhasse na abordagem. Cada aproximação continha uma dose maior de sedução e também de ameaça. Era preciso cortar a coisa no ponto em que estava, antes que se visse enredado numa trama de insinuações e meias verdades da qual depois seria difícil livrar-se. Não falaria com o delegado sobre o assédio, apesar de considerar os dois policiais a escória da corporação. Não queria ficar conhecido como o detetive que dedurou os colegas. Sentia-se capaz de prender os dois, mas não de denunciá-los. Era um código antigo seu, dos tempos de menino, indelével como uma marca de nascença.
Foi andando até a estação de metrô. A viagem de Copacabana ao Grajaú incluía ainda um trecho final a pé até a casa dos pais, na pequena vila, onde conhecera Selma durante uma festa junina promovida pelos moradores.
Ela tinha perguntado por que ele botava tanta mostarda, maionese e ketchup no cachorro-quente, e ele respondera que cachorro-quente sem mostarda, maionese e ketchup não é cachorro-quente. Admitia abrir mão da maionese, se ela fizesse questão. Selma era sobrinha de um dos vizinhos. Era bonita e tinha um jeito provocante de falar. Como era a primeira vez que conversavam, Welber não sabia se ela falava daquele modo com todos os homens ou se apenas com ele.
— Não vi você nos anos anteriores.
— É a primeira vez que venho.
— Fico contente que tenha vindo.
— Como é que se escreve o seu nome?
— Com dábliu, mas com vê seria igualmente feio.
— Com dábliu fica parecendo nome estrangeiro.
— E o seu? É com esse ou com cê?
— Com esse.
Ficaram conversando até alguém apagar as luzes coloridas que enfeitavam os fícus em toda a extensão do muro que separava a vila do prédio ao lado.
— Acho que estão sugerindo que é hora de irmos para casa.
— É que esqueceram que nós já estamos crescidos e que podemos ficar conversando aqui até o raiar do dia.
Selma pegou sanduíches e refrigerantes e os dois voltaram ao banco de madeira em que estavam sentados. Welber notou que ela escolhera sanduíches de queijo branco com uma pasta não identificável e refrigerantes dietéticos. E ela notou que ele havia notado.

— É que a partir de hoje vou cuidar da sua alimentação.
Ainda não sabiam nada um do outro. Nenhum dos dois tinha perguntado se o outro era ou não comprometido; caso ele fosse, a frase de Selma servia como termo de posse, revogando todas as disposições em contrário.
Esse encontro tinha ocorrido havia dois anos. Tempo demais, pensava Welber. Impossível continuar esperando juntar dinheiro para comprar apartamento; impossível continuar morando cada um na casa dos pais. A solução era alugarem um apartamento e morarem juntos.

Na tarde de segunda-feira, Ramiro entrou na delegacia vindo do último hospital onde Jonas fora internado. Ele e Welber haviam perdido o paradeiro do dr. Nesse desde sábado. O médico não voltara nem para o apartamento onde morava nem para o consultório. Também não aparecera na universidade. Dona Teresa tampouco tivera notícias dele. Decidiram então concentrar a investigação na relação do médico com Jonas. Welber estivera lá por duas vezes e não conseguira levantar quase nada, as poucas informações obtidas só tinham servido para aumentar o mistério em torno do desaparecimento do rapaz, e todas esbarravam em duas dificuldades. A primeira era o nome duplo. Nos computadores, boletins médicos, pedidos de medicamento e demais procedimentos institucionais, constava apenas o nome Isidoro, mas na memória de ex-pacientes, enfermeiras, auxiliares e funcionários administrativos ficara o nome Jonas. E quando Ramiro confrontou os registros escritos com as lembranças das pessoas, constatou que os dados eram em sua maioria desencontrados. A segunda dificuldade era que o corpo clínico do hospital funcionava em regime de plantão, o que fragmentava os relatos. A essas duas dificuldades acrescentava-se uma terceira: já se passara muito tempo, pouco mais de seis meses.
— Delegado, todos se referem a ele como desaparecido ou morto, mas ninguém é capaz de dizer como ele morreu e para onde foi mandado o corpo.
— Não há mesmo nenhum registro do óbito?
— Há apenas uma autorização médica para que ele fosse submetido a exames em outro hospital da rede pública. Mas nesse outro hospital não há registro da passagem dele, assim como não há registro do retorno dele ao hospital de origem. Esse é o limite. O circuito formado pelo hospital psiquiátrico, pelo hospital-geral para onde ele foi transferido e pelo outro hospital aonde teria ido fazer exames forma o triângulo das Bermudas de Jonas. A afirmação de que ele morreu corresponde à afirmação de que ele desapareceu. Apenas a segunda afirmação é indubitável. Ele de fato desapareceu. Mas ninguém sabe quando nem como. A notícia que chegou ao hospital psiquiátrico foi a de que ele tinha sumido do hospital-geral, e não a de que havia morrido. A associação do desaparecimento dele com o fato de que tivesse morrido foi posterior, e mesmo esse boato não continha nenhuma insinuação quanto às condições do óbito.
— Ele pode ter sido enterrado como indigente.
— Ou pode ter sido enterrado clandestinamente.
— Nos dois casos, estaria morto. A diferença é que no segundo caso haveria um crime.
Espinosa ficou sozinho na sala depois que Ramiro e Welber saíram, o pensamento se alternando entre os dois casos cujo ponto comum era a figura de dr. Nesse. Não que julgasse o médico responsável pelos dois desaparecimentos, mas era ele quem surgia em maior destaque sempre que pensava em Roberta e em Jonas, pessoas que o delegado conhecia apenas através de relatos de terceiros. No momento, era Roberta quem ocupava o foco de sua consciência.
Dentre as muitas cenas imaginadas para o desaparecimento da menina, uma se destacava com contornos bem nítidos, para ir aos poucos se fundindo com as outras até perder as linhas originais: a cena começava com Roberta saindo de casa e andando pela rua Barata Ribeiro em direção à estação do metrô, vestindo o uniforme azul do colégio, com o abrigo de moletom jogado sobre os ombros e uma mochila nas costas. Ela passava pela roleta, descia pela escada rolante e caminhava com passos firmes em direção à plataforma de embarque. Esta última imagem estava tão nítida na fita de vídeo da área de segurança do metrô como em sua cena imaginária. E a pergunta que ele se fazia era: por que, numa manhã fria de inverno, Roberta saíra de casa com o suéter sobre os ombros, em vez de vesti-lo? A resposta podia ser: porque ela queria ser facilmente identificada pelo uniforme e o emblema do colégio estava na blusa, e não no moletom. E por que isso? Porque logo em seguida, ao entrar no trem, vestiria o abrigo — que não era azul como o uniforme, mas branco —, tiraria de dentro da mochila um boné bem vistoso sob o qual esconderia os cabelos, a mochila passaria a ser carregada na mão, como uma sacola, e assim Roberta poderia saltar na estação seguinte ou, de volta, na própria estação em que tinha embarcado, sem que ninguém percebesse

ser a mesma pessoa. Caso essa cena correspondesse à verdade, o desaparecimento de Roberta teria sido cuidadosamente planejado por ela mesma.

Espinosa estava acostumado a conceder importância apenas relativa a suas fantasias. Elas eram freqüentemente muito elaboradas e nem sempre correspondiam a uma captação sutil da realidade, e sim à sua profusa e enlouquecida produção imaginária. Desligou o computador, recolheu seus objetos pessoais, enfiou a arma na cintura e saiu para almoçar.

Durante toda a tarde, a cena da menina na estação do metrô não o abandonou. E a pergunta que ele se fazia era: para onde poderia ter ido Roberta depois de sair do metrô? Havia uma hipótese que ele considerava pouco provável mas não absurda: a de ela ter engravidado e ter pedido socorro ao pai, embora Espinosa não considerasse dr. Nesse uma pessoa suficientemente compreensiva para uma filha em apuros pedir ajuda. Por outro lado, Roberta era o que lhe sobrara da família e, caso viesse a perdê-la, perderia tudo. Assim, a simples idéia de a filha grávida procurar ajuda de pessoas não qualificadas poderia ter sido bastante forte e ameaçadora para levá-lo a tentar uma solução familiar. Espinosa achava essa hipótese um tanto absurda, a não ser por um pequeno detalhe: o fato de dr. Nesse encomendar diariamente uma quantidade de comida e refrigerante muito acima da necessidade de uma só pessoa. Mesmo de uma pessoa com um físico avantajado como o dele.

Às oito e meia da noite, Espinosa e Welber bateram à porta do apartamento do médico. Ele atendeu no segundo toque. Estava de camisa social e gravata, embora o conjunto, pelo desleixo geral, pouco tivesse de social.

— O senhor... Pensei que fosse o entregador.

— Boa noite, doutor Nesse. Este é o detetive Welber.

— Boa noite. O que os senhores desejam?

— Podemos entrar? Não vamos demorar.

— Sim, entrem. Desculpem a desordem, estou há mais de um mês sem empregada.

— Não se preocupe, doutor, não vamos tomar muito do seu tempo. Na verdade, o que queremos saber poderíamos ter perguntado por telefone, mas como estávamos perto daqui preferimos falar pessoalmente.

— Sim?

— O senhor disse que costumava sair pelo menos uma vez por semana com sua filha Roberta. Almoçavam juntos.

— É verdade. Nos últimos dois meses o intervalo passou a ser de duas semanas. No mês passado acho que só nos encontramos uma vez.

— Por que essa mudança?

— Acho que faz parte do emburramento normal de toda adolescente. Não dei muita importância. Pensei que, assim como veio, iria embora.

— Sei. E ela costumava dormir aqui?

— Dormiu somente duas ou três vezes. Estava atrapalhada com a irmã ou com a mãe, não me lembro bem.

— Ela se atrapalhava com a irmã?

— Ultimamente não sei dizer, delegado, não estamos morando juntos há bastante tempo.

— Quando ela dormia aqui, que quarto utilizava?

— O apartamento só tem dois quartos, o meu e outro que deixei para quando alguma delas precisasse... apesar de eu ter certeza de que apenas Roberta faria uso dele.

— O senhor se incomoda se dermos uma olhada nesse quarto? Pode ser que encontremos alguma coisa que nos ajude.

— O quarto está desarrumado. Desde a última vez que ela dormiu aqui, não foi limpo.

— Para nós é até melhor que seja assim.

O médico se levantou com esforço da poltrona em que se havia afundado e apontou para o corredor. Não falou nada, apenas se fez acompanhar dos policiais.

O quarto tinha uma cama de solteiro com mesinha-de-cabeceira, uma cômoda e uma pequena poltrona estofada, além de um armário embutido que não passava de um vão de alvenaria com uma porta. Apesar da cama desfeita e de duas ou três peças de roupa e uma mochila jogadas sobre a poltrona, o quarto estava incomparavelmente mais apresentável do que a sala. Das quatro gavetas da cômoda, três estavam vazias e uma continha sacos plásticos e sacolas de lojas comerciais. No armário havia uma calça jeans e uma blusa

de moletom. Espinosa não encontrou calcinha, sutiã e nenhum calçado. O quarto era impessoal, usado apenas para dormidas ocasionais. No banheiro havia escova e pasta de dentes e um vidro de xampu. No armarinho sobre a pia, uma caixa de absorventes ainda fechada. Welber examinou minuciosamente cada gaveta e cada canto do armário. Olhou debaixo da cama, levantou o colchão e a almofada da poltrona antes de se dedicar aos bolsos da calça jeans e à mochila, ambos tão vazios que pareciam nunca ter sido usados. Quarto e banheiro impressionavam muito mais pela ausência de objetos do que pela presença deles. Durante todo o tempo em que os policiais examinavam os cômodos, dr. Nesse permaneceu de pé junto à porta. Não fez nenhum comentário sobre a ausência óbvia de objetos pessoais.

— Muito obrigado, doutor Nesse, infelizmente a busca não foi de grande ajuda. Desculpe por perturbarmos o seu descanso.

Desceram em silêncio e não falaram nada até chegar à calçada.

— E então, o que o senhor achou?

— Faça de conta que você é um datiloscopista que vai examinar um ônibus que acabou de chegar ao terminal depois de várias viagens, e que não encontra nenhuma impressão digital. Ou todas as pessoas que passaram por ele usavam luvas, ou ele foi minuciosamente limpo.

— O senhor também teve essa impressão, delegado?

— No que diz respeito ao quarto, sim. A não ser por um detalhe que acho que vamos poder verificar.

— O moletom.

— Muito bem. Igual ao que ela tinha nos ombros quando saiu de casa e desapareceu. Se é o mesmo, ela esteve na casa do pai depois de sair do metrô.

— São nove e meia da noite, não é tarde para darmos um telefonema para a mãe e perguntarmos quantos abrigos de moletom a filha tem. Se for apenas um...

Tinham dobrado a esquina e já estavam fora do alcance do olhar de dr. Nesse, caso ele estivesse espiando de cima. Espinosa discou o número que já estava na memória de seu celular.

— Dona Teresa?

— Sim.

— Boa noite, dona Teresa, é o delegado Espinosa.

— Delegado... Alguma notícia?

— Infelizmente, não. Desculpe a hora, mas preciso de uma informação da senhora.

— Sim?

— Quantos abrigos de moletom branco Roberta possui? Daqueles que ela usa para ir ao colégio.

— Um… Acho que um. Por quê? Vocês encontraram alguma coisa?

— Não se preocupe, não aconteceu nada. Estamos apenas tentando esclarecer alguns pontos. Obrigado.

— O que ela disse?

— Ficou assustada. Pensou que tivéssemos encontrado as roupas da filha. Temos que tomar cuidado com telefonemas como esse, as pessoas sempre pensam no pior.

— O que ela disse sobre o moletom?

— Que ela só tem um.

Saíram andando em silêncio pela Visconde de Pirajá. Depois de caminharem duas quadras, Welber perguntou:

— Delegado, nós não estamos procurando o carro, estamos?

— Não. Nós viemos de táxi, não foi?

— Foi.

— Quem disse que estamos procurando o carro?

— Parecia.

Pegaram um táxi para Copacabana. Welber ficou na estação Siqueira Campos do metrô e Espinosa seguiu para o bairro Peixoto, distante pouco mais de uma quadra.

Estava fora de casa desde as oito da manhã. Apesar de arrumado, o apartamento tinha um ar de abandono. Não era falta de cuidado. Estava limpo e com as coisas em seus lugares, mas fazia falta um morador que permanecesse ali mais tempo. Se o usava apenas para tomar banho e dormir, era praticamente um quarto de hotel. E, no entanto, ele gostava do apartamento. Espinosa morava ali desde menino. Primeiro com os pais, depois com a avó, depois com a mulher e o filho e, nos últimos dez anos, sozinho. Pensou que talvez o desabitado fosse ele, e não o apartamento. Botou um congelado no

microondas, experimentou o vinho que sobrara e que guardara na geladeira, sentou na cadeira de balanço da sala esperando os três apitos, e sentiu-se mais velho do que realmente era.

Desde que se separara do marido, Teresa reservava uma hora do dia para uma caminhada pelas ruas de Copacabana, um passeio sem objetivo determinado, como quem caminha ao acaso numa cidade estrangeira. Ansiava por sair do apartamento e respirar um pouco de ar, mesmo que contaminado pela descarga dos veículos. Era como se seu corpo e sua alma estivessem anestesiados. Nos anos mais recentes havia se esquecido de que ainda era uma mulher jovem e bonita, e era essa imagem de si própria que tentava reencontrar. Não tinha perdido a beleza, mas perdera o encanto e o poder de encantar, tornara-se uma mulher diet, aconselhável apenas para doentes.

Ao entrar em casa de volta da caminhada foi, como de hábito, falar com Letícia. Ela não estava no quarto. Também não estava no banheiro. Não a encontrou em casa. Havia algum tempo Letícia vinha experimentando pequenas saídas até o supermercado, a livraria, ou simplesmente um giro pela redondeza. Teresa descobrira que a filha aproveitava suas saídas para sair também. Não sabia aonde a filha ia nem o que fazia, e quando perguntava isso a Letícia, a filha respondia com o silêncio. Não eram saídas demoradas. Nenhuma havia durado mais que uma hora. Teresa queria acreditar que a filha, tal como ela, estava retomando o exercício da liberdade.

Talvez a filha não estivesse pronta para aquele tipo de vôo solo. A internação deixara seqüelas, ela ainda estava sendo medicada e os remédios a deixavam lenta de movimentos e com menos capacidade de atenção. Teresa temia por seu senso de orientação. Mas, apesar dos senões, via com otimismo toda e qualquer tentativa da filha de romper o isolamento que se impusera. Letícia era jovem e bonita, embora sem viço, a mesma imagem que Teresa fizera de si própria enquanto caminhava por Ipanema minutos antes. As mulheres da família estavam fenecendo. Desceu à portaria e indagou se fazia muito tempo que a filha havia saído, e se estava sozinha.

— Saiu logo depois da senhora. Estava sozinha. Vi quando pegou o táxi aqui em frente.

Meia hora depois, Letícia chegou. Estivera fora de casa por mais de uma hora. Pouco tempo para uma sessão de cinema, tempo bastante para um encontro. Teresa achava pouco provável a existência de um novo namorado, mas ao mesmo tempo não tinha dúvidas de que a filha estava se encontrando secretamente com alguém. Se Jonas não estivesse morto, ela apostaria nele.

— Então, minha filha, decidiu sair?

— Fui andar um pouco.

— A pé?

— Estou precisando de exercício.

— Acho uma idéia excelente.

Teresa não tinha com quem conversar sobre Roberta. Impossível pedir ajuda ao ex-marido: além de não ser mais marido, nunca chegara a ser pai; as filhas tinham servido apenas para completar e compor o quadro da família exemplar. Até mesmo os almoços de fim de semana na serra, quando todos podiam compartilhar o conforto do carro importado, era uma cena montada para um cineasta imaginário. Não seria ele, portanto, o interlocutor para aquele momento. Tampouco via sentido em dividir suas angústias com o delegado Espinosa. Parecia uma pessoa confiável, mas era um delegado de polícia, e não seu marido ou amigo. Amigas, não tinha mais.

Espinosa teve o dia inteiro ocupado com a tomada de depoimentos dos implicados no assassinato de um casal de idosos, levado a cabo pelo próprio neto e sua namorada. Além da prostituta que misturara veneno de rato na bebida do seu cafetão... E, detalhe: o cafetão era um dos policiais da própria delegacia. O delegado queria evitar as manchetes que alguns jornais mais sensacionalistas podiam dar sobre o policial e o tipo de veneno utilizado pela prostituta.

Quando Espinosa apagou a luz de seu gabinete e desceu a escada que levava ao térreo da delegacia, eram quase nove da noite. Estava cansado e sem a menor disposição para esquentar a lasanha congelada. Em vez de tomar a direção do bairro Peixoto, dobrou à esquerda em direção à trattoria distante pouco mais de duas quadras. Apesar de morar sozinho desde os dezenove anos e de ter-se habituado às tarefas domésticas, não gostava de algumas delas, e a que mais lhe desagradava era lavar a louça.

Numa segunda-feira de inverno, seu restaurante preferido estaria tranqüilo. Não gostava de restaurantes vazios; gostava de restaurantes tranqüilos. Evitava os sábados e os domingos, quando todas as gerações

vivas de uma mesma família ocupavam mesas enormes, num animado concurso para ver quem conseguia falar mais alto e rir com maior espalhafato, espetáculo apenas superado pelo concurso de qual mesa conseguia atender ao maior número de chamadas nos celulares. Guardava com carinho a imagem da trattoria tranqüila, com pessoas conversando em tom civilizado, o que lhe permitia discutir com o dono qual o melhor complemento para determinado tipo de massa. E enquanto caminhava em direção à pequenina rua perpendicular à avenida Atlântica, Espinosa refletia sobre as vantagens e desvantagens do creme tartufado.

O restaurante de fato não estava cheio, e assim que entrou foi recebido pelo dono, um italiano que conseguira chegar aos setenta anos com o vigor e a alegria dos quarenta. Tinham enorme prazer em descobrir novas e insuspeitadas combinações para os diferentes tipos de massa. Se eram realmente tão novos e insuspeitados, Espinosa não saberia dizer, mas o *patrone* fazia uma expressão de agradável espanto quando o delegado sugeria alguma novidade. E assim, a cada encontro Espinosa sentia-se como um Colombo às avessas, descobrindo delícias de uma culinária que já existia muito antes da unificação da Itália.

Sua relação com a comida era análoga à que tinha com os livros: assim como não era um intelectual (e muito menos um erudito), tampouco era um gourmet. Não gostava de pratos muito elaborados, que mais intimidavam do que atraíam quem estivesse à mesa; e se preferia acompanhar suas refeições com vinho, não era por sofisticação, mas porque a combinação lhe agradava mais do que qualquer outra. Como na maioria das vezes fazia as refeições sozinho, desenvolvera um paladar independente de qualquer ortodoxia culinária. O mesmo acontecera com relação aos livros. Suas primeiras leituras haviam sido orientadas pela avó, quando ele ainda era um menino sob sua tutela. Como ela era tradutora profissional e traduzia do inglês, os autores com os quais ele fizera seus primeiros contatos literários eram autores de língua inglesa. E, tal como acontecia com relação à culinária, os autores muito sofisticados também o intimidavam, enquanto os mais vulgares lhe eram desinteressantes.

Mas se no que dizia respeito à cozinha italiana ele podia contar com o *patrone* para ajudá-lo, no que se referia aos livros perdera sua orientadora pouco depois de atingir a maioridade. A avó fora uma companhia silenciosa, mas fortemente presente e agradável. Um dia, quando era ainda muito menino, ao voltar para casa à tarde, depois da partida de futebol na rua, viu de longe a avó sentada num banquinho de madeira junto à portaria do prédio em que ele morava com os pais (o mesmo em que ainda morava). Acenou para ela, mas a avó olhava para um pequeno lenço que retorcia nas mãos e que levava aos olhos num gesto repetido. Bem antes de chegar até ela, Espinosa percebeu que perdera tudo. Restara apenas ela. O vazio que se segue a uma perda dessas exige um espírito forte e bem estruturado, e não um espírito ainda em formação, cuja arma mais potente não vai além da atiradeira no bolso da calça. Passada uma década, a avó também morreu. Passado menos de um ano, ele se casara, e o casamento também durara uma década. Estava começando a achar que sua vida, em vez de ser medida em anos, era medida em décadas: a primeira década, com os pais; a segunda década, com a avó; a terceira década, com a mulher e o filho. Acabara de completar a quarta década solteiro. Não arriscava previsões para a década seguinte.

Saiu da trattoria dizendo para si mesmo que aquela não era a postura do guerreiro dos tempos arcaicos, como também não correspondia à imagem do herói contemporâneo e tampouco podia ser considerada uma ousada filosofia de vida.

— Não sou guerreiro, sou tira; não sou herói, sou funcionário público; tampouco sou filósofo, tenho apenas nome de filósofo.

A calçada estava deserta, podia falar sozinho. O que, aliás, vinha fazendo havia muito tempo.

HISTÓRIA NÚMERO TRÊS

A campainha tocava insistentemente e ninguém fazia nada. Em seguida percebeu que não era a campainha da porta, e sim o telefone, o seu telefone. Acendeu a luz de cabeceira e pegou o aparelho que estava no chão, ao pé da cama.

— Espinosa.

— Delegado, desculpe a hora, é Letícia Nesse.

Espinosa sentou-se na cama e olhou para o relógio no criado-mudo. Uma e vinte. Já estava inteiramente desperto.

— O que aconteceu, Letícia?

— Minha mãe... Ela sumiu.

— Sumiu como?

— Ela recebeu um telefonema pouco antes das dez da noite, pegou um casaco e desceu sem dizer nada. Até agora não voltou. Ela nunca faz isso, não me deixa sozinha à noite. Aconteceu alguma coisa.

— Estou indo para aí.

Espinosa ligou para a PM dando uma descrição de Teresa e pedindo uma busca nas redondezas da rua Dias da Rocha, em Copacabana. Deixou o número do seu celular para contato. Vinte minutos depois, Letícia abria a porta do apartamento para ele. Não estava em trajes de dormir; vestia um jogging, e havia um casaco no encosto da cadeira. Em cima da mesa, o telefone e um caderno de endereços, provavelmente o caderno em que estava guardado o cartão que ele deixara com a mãe dela.

— Você sabe de quem foi o telefonema?

— Não. Eu estava no quarto. Foi rápido, não durou nem um minuto. Pela movimentação de mamãe antes de sair, sei que ela estava aflita.

— Sabe se foi algum comunicado sobre sua irmã?

— Não, ela teria me falado.

— Ela pegou algum agasalho?

— Pegou um casaco.

— Bolsa? Carteira?

— Acho que não. A bolsa dela está em cima da cama.

Letícia aparentava controle. Respondeu objetivamente às perguntas feitas pelo delegado e pediu que não chamasse o pai ou outra pessoa para lhe fazer companhia; podia perfeitamente esperar sozinha.

O celular tocou dentro do bolso de Espinosa. Ele atendeu, murmurou algumas palavras e desligou.

— Vou descer para falar com o oficial que está no carro da patrulha aqui embaixo. Não saia daqui. Fique com o número do meu celular caso precise falar comigo. Volto logo.

A mensagem do policial de ronda não tinha sido nem muito clara nem muito boa, e Espinosa não queria pedir esclarecimentos na frente de Letícia. Preferiu descer. O policial fardado estava a sua espera defronte ao prédio.

— Boa noite, delegado. Acho que encontramos a mulher que o senhor está procurando, a descrição corresponde. Está sentada no banco da pracinha, logo ali adiante. Ela está morta.

— Morta?

— Foi o que o tenente disse, eu não verifiquei pessoalmente.

— Onde?

— Ali, perto da banca de jornal, dá pra ver daqui. O tenente está junto ao corpo.

A rua Dias da Rocha, no ponto em que se liga à avenida Copacabana, tem o trânsito interrompido pela junção de suas calçadas opostas, formando um pequeno largo com vários bancos de madeira com encosto, banca de jornal e telefone público. O tenente, um rapaz que ainda estava na casa dos vinte, conhecia o delegado das muitas vezes em que estivera na delegacia registrando ocorrências. Estava sentado no banco, como se estivesse fazendo companhia a uma Teresa adormecida. Assim que viu Espinosa, levantou-se e bateu continência.

— Boa noite, delegado. Tenente Frota.

— Boa noite, tenente. O que temos?

— Uma mulher que corresponde à descrição que o senhor nos passou. Está morta. Não chamei a ambulância porque o corpo já está frio e rígido, deve estar morta há pelo menos duas horas. Não vi nenhum ferimento, mas não mexi no corpo para examinar mais detalhadamente.

— Alguém por aqui viu ou ouviu alguma coisa?

— Nada, delegado. Com o frio que está fazendo, os porteiros noturnos permanecem dentro das portarias com as portas fechadas. Vêem apenas o que se passa na calçada defronte ao prédio e não ouvem quase nada. O movimento de pedestres é pequeno, as pessoas fogem do frio e dos assaltantes.

Teresa estava sentada, as mãos cruzadas sobre as pernas e a cabeça inclinada sobre o ombro, como se estivesse dormindo. Não havia sinal de violência, a roupa estava composta e os cabelos penteados. Usava calça jeans e um casaco de náilon com forro de lã sobre uma camiseta. Não parecia preparada para um encontro amoroso. Não estava maquiada nem usava perfume. Provavelmente estava em casa à vontade quando recebeu o telefonema que a fez descer imediatamente, pegando apenas o casaco.

Não havia sangue, não havia ferimento, não havia marcas no pescoço e tampouco sinais de sufocamento. Espinosa examinou cuidadosamente a região em torno do banco, mas não encontrou nada que pudesse ajudar a esclarecer o que acontecera cerca de duas horas antes naquele local. Ninguém que pretende se suicidar é avisado por telefone sobre a hora mais adequada para tanto e sai correndo de casa à procura de um confortável banco de praça para morrer.

Afastados provisoriamente a morte natural e o suicídio, restava o assassinato; o que implicava a presença de outra pessoa naquele banco, autora do crime. A primeira pergunta não era *quem*, mas *como*. Uma pessoa treinada pode partir o pescoço de outra com uma torção brusca sem que a vítima tenha tempo de emitir um som. Tanto mais fácil se ela não espera esse tipo de atitude de seu companheiro de banco. Outra possibilidade é o assassino chegar com dois copos de chocolate quente, um deles contendo veneno... ou sonífero. Tiro, facada, pancada violenta na cabeça e agressões afins pareciam excluídos pela ausência completa de sinais visíveis de violência. O suicídio não podia ser inteiramente descartado: Teresa podia ter ingerido ela própria, por livre e espontânea vontade, veneno. Mas, nesse caso, por que sair às pressas de casa? O suicídio teria sido motivado pelo telefonema? E o veneno? Já estaria pronto e à espera? Espinosa chamou a perícia e solicitou a remoção do corpo para o Instituto Médico-Legal. O tenente já tinha mandado isolar a área e colocado um policial de guarda para evitar a aproximação de curiosos.

— Tenente, preciso voltar ao apartamento para falar com a filha dela. Me chame quando a perícia chegar, por favor.

Letícia custou a compreender o que Espinosa dizia, apesar de ele falar sem rodeios. “Sem retórica”, costumava dizer a si mesmo ao dar uma notícia como aquela. Mesmo assim, Letícia continuava a fazer perguntas sobre o estado da mãe. Quando finalmente Espinosa esgotou todas as suas negativas, Letícia caiu num choro convulsivo até adormecer debruçada sobre a mesa. Uma vizinha se ofereceu para ficar na sala esperando o delegado voltar.

A providência seguinte não podia ser adiada. Estava com seu próprio carro e não levaria mais do que dez minutos até Ipanema. Eram duas e meia da madrugada quando tocou a campainha do apartamento de dr. Nesse. Teve que tocar muitas vezes até o médico abrir a porta de meias, calça e camisa social sem gravata.

— Delegado Espinosa! O que aconteceu?

— Dona Teresa está morta.

— O que...

— Morreu sentada num banco de praça, a menos de cinqüenta metros do prédio dela.

A reação do médico foi de susto no primeiro momento e de medo nos momentos seguintes. Nenhum sinal de dor ou tristeza.

— O senhor está em casa desde que horas, doutor Nesse?

— Cheguei por volta das nove.

— Voltou a sair?

— Durante pouco tempo, só para ir à farmácia.

— O senhor não faz seus pedidos por telefone?

— Só os da pizzaria e do restaurante. Nem tenho o número da farmácia.

— Quanto tempo o senhor ficou fora?

— Não sei ao certo, tive que procurar uma farmácia aberta, talvez meia hora, um pouco mais, um pouco menos.

— E não voltou a sair depois?
— Delegado, o senhor está achando que eu matei minha ex-mulher?
— As minhas perguntas podem ter a finalidade de inocentá-lo, doutor.
— O senhor perguntou se eu voltei a sair. Não, eu estava muito cansado, tomei um ou dois comprimidos para dormir, que comprei na farmácia, e nem cheguei a trocar de roupa.
— O senhor ligou para dona Teresa hoje à noite?
— Não.
— Ela ligou para o senhor?
— Também não. Como está minha filha?
— Acho que está bem. De qualquer forma, seria bom o senhor arranjar alguém para ficar com ela.
— Eu posso...
— Ela pediu para não ser o senhor. Sinto muito.
— Vou providenciar uma acompanhante.
— Doutor, o corpo foi encontrado num banco de praça, na mesma rua em que ela mora. Vou precisar que o senhor faça o reconhecimento.

Letícia passou o resto da noite e o dia seguinte com uma acompanhante psiquiátrica chamada por dr. Nesse ainda naquela madrugada. Na opinião de Espinosa, não havia necessidade de acompanhamento psiquiátrico, bastava uma pessoa amiga, mas considerou que o pai dela, como médico psiquiatra, devia saber o que estava fazendo.

Na farmácia dia-e-noite confirmaram que o médico estivera lá e comprara medicação específica para dormir, um pouco antes das dez da noite.

— Você sabe me dizer o que ele comprou?
— Ele mesmo prescreveu: Dalmadorm e Rohypnol. Pra derrubar aquele corpo tem que ser medicação de elefante.
— Se ele tivesse tomado dois comprimidos de Dalmadorm, teria acordado com o barulho da campainha da porta?
— Pode ser, mas se ele tomou o Rohypnol, não acordaria nem que entrasse um carro de bombeiros quarto adentro.

O prédio onde dr. Nesse morava não tinha porteiro noturno, apenas um faxineiro que era também garagista, encarregado de manobrar e lavar os carros, e que atendia na portaria caso algum morador esquecesse as chaves. Ficava mais tempo na garagem do que na portaria. Ele não tinha visto o médico à noite.

De volta à Dias da Rocha, Espinosa percorreu os prédios dos dois lados da rua em busca de alguma informação. Eram três e vinte da madrugada, o corpo ainda não tinha sido removido e a perícia acabara de deixar o local. Havia um estacionamento rotativo vinte-e-quatro horas a uns vinte metros do local do crime e um restaurante a dez metros do estacionamento. O único lugar com luz àquela hora era a guarita de vidro do estacionamento. Um rapaz com fones de ouvido marcava o compasso da música com os dedos na tampa da garrafa térmica. Não escutara nem vira nada. Alguns empregados dos prédios vizinhos foram até a calçada, atraídos pelas luzes dos carros da polícia e pelo movimento incomum àquela hora da madrugada. Mas ninguém tinha percebido nada de anormal. Ninguém tinha visto uma mulher jovem, bonita, andando sozinha naquele trecho da rua ou sentada naquele banco. Sobretudo, ninguém vira um casal sentado no banco, ela com a cabeça recostada no ombro dele e ele acariciando o braço dela. Essa era a imagem que Espinosa fazia da cena.

Espinosa chegou em casa quase às cinco horas. Dormiu a manhã toda. À tarde reuniu-se com Ramiro e Welber.

— O caso agora toma um rumo diferente. Antes tínhamos uma acusação de homicídio, mas não tínhamos corpo de delito; agora temos um corpo, mas não temos a acusação. Ela morreu entre dez e onze da noite. Quando foi encontrada, à uma e meia da madrugada, o corpo já estava frio. O fato de ela estar sentada num banco de praça sugere um encontro rápido com alguém que ela conhecia. Não acredito que ela tenha descido para um encontro amoroso. Segundo a filha, saiu apressada e sem a menor preocupação com a aparência. Também não pretendia ir mais longe. Saiu sem bolsa, sem dinheiro e sem documentos. Segundo Letícia, o pai ligou à tarde, brigando com a mãe, mas ela não soube dizer o motivo da discussão.

Outra explicação para a urgência do encontro e para o nervosismo que Letícia diz ter percebido na mãe é a possibilidade de o telefonema ter sido uma negociação para a entrega de Roberta. A única coisa que não combina com isso é o fato de Teresa ter morrido.

— Delegado, o senhor não acha muita coincidência uma mulher que supostamente teve a filha seqüestrada receber um telefonema inesperado tarde da noite e poucas horas depois ser encontrada morta em um banco de praça?

— Não estou nem pensando em seqüestro. Não sabemos se Roberta foi mesmo seqüestrada. O que temos, concretamente, é um desaparecimento, uma morte misteriosa e uma carta com uma denúncia de homicídio feita pela própria vítima, o que é igualmente misterioso.

Depois de comer a pizza que encomendara, dr. Nesse foi até a janela e afastou ligeiramente a cortina. Havia pouco movimento de carros e de pessoas, mas não era no tráfego que estava interessado, e sim em saber se algum policial ficara de vigia durante a noite. A experiência de ser vigiado pela polícia era nova, a dúvida era se a vigilância tivera início só depois da morte de Teresa. A sensação de ser vigiado era anterior. Na verdade, anterior a Jonas, remontava ao tempo de seus primeiros plantões psiquiátricos. Sempre se sentira profundamente devassado pelo olhar do doente mental, como se ele tivesse o poder de ver o médico por dentro, de percorrer o interior de seu corpo, de examinar cada órgão, cada recanto de sua interioridade corporal; outras vezes o olhar parecia trespassá-lo e ver além, como se diante desse olhar o corpo do médico se desmaterializasse e ficasse reduzido a uma névoa transparente. E quem um dia pôde suportar esse olhar não se deixa intimidar pelo olhar míope e grosseiro de um policial. Era evidente que aquele homem plantado o dia inteiro num ponto estratégico da calçada fronteira era um policial, tão óbvio quanto um carteiro em seu uniforme amarelo.

Desceu no elevador quase desejando que o policial ainda estivesse de plantão do outro lado da rua. Era uma boa ocasião para tirar a prova. Assim que chegou à rua, lançou um olhar para a calçada em frente. Olhou para um lado, para outro, perscrutou cada reentrância dos prédios, atrás das árvores, da banca de jornal, mas o homem havia sumido. O médico dispensou os rodeios que fazia durante o dia, encaminhou-se diretamente para a rua Visconde de Pirajá e tomou a direção do consultório.

Nos primeiros cem metros não se sentiu seguido por ninguém. À noite, sobretudo depois de o comércio fechar, era mais fácil andar pela calçada, mas a rua Visconde de Pirajá, mesmo em uma noite de inverno, não tinha as calçadas vazias; sem dúvida, o movimento era bem menor do que no verão, mas mesmo assim havia um número considerável de pessoas indo e vindo, não seria fácil localizar o policial, pelo menos para alguém como ele, que tinha pouca intimidade com calçadas e pedestres, além de saber muito pouco sobre policiais. Caminhou as cinco quadras que separavam o apartamento do consultório sem chegar a uma conclusão quanto a estar sendo seguido ou não.

A entrada da galeria ficava fechada com grade durante a noite, mas na própria grade havia uma pequena porta dando acesso ao hall dos elevadores. Em vez de subir para o consultório, dr. Nesse desceu para a garagem. Ligou o carro e subiu as rampas de acesso à rua, acionando o mecanismo eletrônico de abertura da porta da garagem. Ao irromper com o carro na calçada, e antes de entrar no fluxo do trânsito, tentou descobrir se algum dos carros parados nas proximidades dava partida junto com ele. A rua Visconde de Pirajá é a principal via de ligação entre bairros densamente habitados, e aquela era uma região com muitos restaurantes, boates e teatros, já no limite de Ipanema com Copacabana; era quase impossível prestar atenção no trânsito e ao mesmo tempo a um hipotético perseguidor desconhecido sem correr o risco de provocar um acidente. Concentrou-se no trânsito e adiou por alguns minutos a preocupação com o perseguidor.

Seguiu direto até a avenida Atlântica, onde o trânsito era menos atravancado, e passou a controlar pelo retrovisor os carros atrás dele. Às vezes diminuía a velocidade para deixá-los passar, às vezes acelerava para ver se algum deles procurava acompanhá-lo. O controle era relativamente fácil quando se tratava de carros de passeio, mas era difícil com os táxis, todos eles amarelos e de marcas e modelos muito parecidos, embora considerasse pouco provável que a polícia fosse segui-lo de táxi. Não levava em conta, no momento, a hipótese de um perseguidor não-policial. Antes de ter percorrido metade da praia, deu a empreitada por encerrada, mesmo que inconclusiva, passando a dirigir sem se preocupar com ninguém. Pôs para tocar o CD da Maria Callas e procurou relaxar.

Continuou pela avenida Atlântica até a pracinha defronte do forte Duque de Caxias, no Leme, onde começa a praia de Copacabana. Naquele ponto, iniciou o retorno para pegar a pista de volta. A noite estava

escura e com um pouco de nevoeiro. Ia ainda na metade da curva quando foi bruscamente fechado pela esquerda e obrigado a dar uma guinada para a direita que lançou o carro sobre a calçada. O baque das rodas no meio-fio deixou-o atordoado, pelo susto e pela instantânea preocupação com a possibilidade de ter danificado seriamente o carro. Foi tudo muito rápido: em segundos o carro estava com as quatro rodas sobre o canteiro da praça, tendo milagrosamente passado entre dois bancos de pedra que o teriam destruído no caso de uma colisão. Não houve danos visíveis nem no automóvel nem na praça, deserta àquela hora. Demorou um longo tempo até sair do carro e tentar entender o que acontecera. Não havia guardas de trânsito durante a noite, assim como não havia nenhum carro da polícia à vista. Passados alguns minutos, conseguiu dar marcha a ré e retirar o carro de cima do canteiro, voltando à rua sem que ninguém tivesse aparecido para tomar satisfação ou para testemunhar o ocorrido. Do carro que provocara o acidente, não sabia dizer nem a cor nem a marca, muito menos a placa. A voz de Maria Callas trouxe-o de volta ao momento imediatamente anterior ao acidente. Desligou o som e procurou se lembrar de como tudo acontecera, mas o máximo que conseguiu recuperar foi a imagem escura de um veículo à esquerda forçando-o a sair da pista e o baque das rodas contra o meio-fio. Dirigiu por mais uma quadra para se afastar do local e parou junto ao calçadão da avenida Atlântica. As mãos tremiam a ponto de quase não conseguir desligar o motor. Descansou a cabeça no encosto do banco e esperou meia hora até se sentir em condições de voltar para casa.

O cuidado e a lentidão com que retomou o caminho de volta não eram apenas fruto do susto e do medo; tinham também a função de dar-lhe tempo de refletir sobre o ocorrido. Claro que teria o tempo que quisesse ao chegar em casa, mas queria aproveitar a memória ainda fresca. Na verdade, mal tinha visto o carro que causara o acidente. Poderia até nem ter sido um carro, e sim uma motocicleta ou mesmo uma bicicleta, como naquele dia em que Jonas acenara para ele. Mas desta vez ninguém acenara para ele, não tinha havido bicicleta, fora mesmo um automóvel. No máximo, admitiria ter sido uma motocicleta. Uma motocicleta é grande, poderosa e faz barulho. Assusta qualquer um. A simples idéia de Jonas ter trocado a bicicleta por uma motocicleta já era assustadora. Mas claro que não podia ter sido Jonas, ele estava morto. Passou as mãos suadas na calça e tentou retirar o lenço de dentro do bolso. O carro oscilou para um lado e para o outro antes que o médico retomasse o controle. Desistiu do lenço. Continuou dirigindo e sentindo o suor escorrer pelo rosto e pela nuca. Chegou ao final da avenida Atlântica, saiu de Copacabana e entrou em Ipanema. Contornou a praça General Osório e acionou o mecanismo eletrônico de abertura da porta da garagem do prédio do consultório.

Não conseguiu dormir.

Na manhã seguinte, acompanhou com atenção o homem de macacão cinza prender as peças de metal nas rodas do carro antes de levantá-lo no elevador. Não entendia bem o que ele fazia, mas considerava importante estar presente em momentos como aquele. Quando o carro foi levantado e o homem ficou em pé debaixo dele, o médico não pôde evitar a pergunta.

— Acha que quebrou alguma coisa?

— À primeira vista, não. Mas não sou mecânico, faço só alinhamento de rodas, se o senhor acha que precisa de um exame melhor, deve procurar uma oficina mecânica.

— Ele está andando bem e não faz nenhum barulho, mas me aconselharam a procurar uma casa especializada em alinhamento e balanceamento de rodas.

— Então o senhor está no lugar certo. Somos os melhores.

Às dez horas, dr. Nesse já estava no cemitério São João Batista para o enterro da ex-mulher. O sepultamento estava marcado para as onze horas e apenas ele e mais quatro pessoas, parentes dela que ele mal conhecia, velavam o corpo na sala da capela. Às dez e meia, chegaram Letícia e a acompanhante psiquiátrica (que ficou hesitante quanto a ir cumprimentá-lo). Letícia se dirigiu para o canto oposto ao dele. Apenas os dois casais de parentes conversavam. Letícia ficou algum tempo junto ao caixão, beijou a mãe e depois permaneceu sentada sem falar com ninguém. Alguns minutos antes do fechamento do caixão, chegou o delegado Espinosa e, quando o caixão já estava sendo conduzido para a sepultura, apareceu um colega de hospital de dr. Nesse. Um funeral com menos de dez pessoas.

Dr. Nesse atendeu o primeiro cliente no horário previsto. Entre esse e o segundo cliente o intervalo foi de apenas dez minutos, por isso mal teve tempo de verificar na agenda os demais atendimentos da tarde.

Precisava de uma nova secretária, mas a providência teria que ser adiada por mais alguns dias. Não podia negar que a morte de Teresa deixara-o mais leve. Mais leve e mais livre. Preferia não ser obrigado a continuar mantendo duas casas, mas tinha certeza de que Letícia jamais concordaria em morar com ele, apesar de ainda não dispor de meios próprios para se manter, se é que isso viria a acontecer algum dia. O terceiro cliente faltou. Ou talvez o horário estivesse vago. Remanejara alguns horários e podia ter se esquecido de anotar. A secretária eletrônica assinalava uma chamada durante a sessão anterior, mas a pessoa não deixara recado; muitos clientes se recusavam a falar com uma máquina. Talvez fosse o terceiro cliente, avisando que não viria. Teria uma hora para verificar a agenda de atendimentos. Apesar de achar que a morte de Teresa o deixara mais leve, não podia deixar de considerar sua situação como singularmente crítica. Sua filha mais velha enlouquecera, a mais nova desaparecera e a mulher estava morta. Tudo se desfizera como fumaça... Que era como ele estava se sentindo. Leve.

Espinosa estava um pouco desapontado. A perícia não encontrara nada de significativo no banco onde Teresa fora morta nem na calçada em volta. O telefonema do médico-legista fora igualmente desanimador: *Causa mortis*, parada cardíaca. Não dizia muita coisa. Mas fora ele próprio, Espinosa, quem pedira ao legista para comunicar a primeira conclusão a que chegasse.

— Delegado, essa é a conclusão mais imediata. Ela pode ser modificada se novos elementos forem encontrados. A conclusão final ainda depende do resultado dos exames toxicológicos, e esses vão demorar um pouco mais.

Ligou para o consultório de dr. Nesse. A chamada foi atendida pela secretária eletrônica. Eram três e meia da tarde. Não deixou recado. Voltou a ligar às quatro, e o telefone estava ocupado. Às quinze para as cinco recebeu um chamado. Era dr. Nesse.

— Delegado Espinosa?

— Sim.

— É o doutor Nesse.

— Como vai, doutor?

— Bem... Mais ou menos... Não estou muito bem.

— O que está acontecendo, doutor?

— Estou sendo ameaçado.

— Quem está ameaçando o senhor?

— Isso é que está me assustando, delegado, parece...

— Parece o quê, doutor?

— Isidoro... Jonas... A voz é igual. Falou coisas que só ele sabia, coisas que discutimos durante as sessões.

— Onde o senhor está agora?

— Estou no consultório.

— Podemos conversar quando o senhor terminar as consultas?

— Está bem. Acabo às sete.

— Para mim está bom. Podemos nos encontrar no lugar de sempre?

— Na praça em frente a seu prédio?

— Isso mesmo. A menos que o senhor prefira conversar aqui na delegacia.

— Na praça está ótimo. Às sete horas.

Aos poucos, a história da vingança de Jonas, contada por dr. Nesse havia tempo, adquiria espessura e insistia pelas bordas da consciência do delegado, e era sobre isso que ele queria conversar com o médico. Com esse último telefonema, porém, a coisa tomara outro aspecto. Espinosa esperava que o encontro com dr. Nesse naquela noite o ajudasse a definir melhor o personagem que, sendo um fantasma, continuava movendo as engrenagens da família Nesse.

Antes mesmo de atravessar a rua que circundava a praça do bairro Peixoto, Espinosa viu dr. Nesse sentado no banco que haviam ocupado no primeiro encontro. À medida que se aproximava dele, percebia que o desleixo continuava e que a fisionomia cansada e abatida do médico caíra ainda mais desde a morte da ex-mulher. Dr. Nesse só percebeu a aproximação de Espinosa quando estavam a menos de três metros um do outro. Levantou-se para cumprimentar o delegado.

— Boa noite, delegado.
— Então, doutor, o que mais está lhe acontecendo?
— Quando penso que já acabou, acontecem mais coisas. Essa história não tem fim.
— Qual história?
— A única, delegado. Não são várias histórias, é uma só. Se o senhor quiser, pode chamar de "A vingança de Jonas-Isidoro".
— Ele não está morto, doutor?
— Estava. Pelo menos era o que todos pensavam. Aconteceu, porém, de esse morto me telefonar duas vezes.
— O senhor tem certeza de que era ele?
— Certeza eu só posso ter quando ele aparecer na minha frente.
— E ele aceita aparecer?
— Eu disse que queria me encontrar com ele, e ele respondeu que telefonaria marcando data e local.
— Como foram esses dois telefonemas?
— O primeiro, eu pensei que fosse trote e desliguei. No segundo, há duas semanas, ele brincou por eu não estar reconhecendo a voz dele. Claro que eu estava reconhecendo. O que eu não queria era admitir que fosse ele. Fiquei tão chocado que não consegui falar direito. Foi um telefonema me cumprimentando por eu ser avô ou um futuro avô, não estou certo. De imediato, não entendi bem o que ele queria dizer, só entendi que minha filha poderia estar grávida. Como a relação dele tinha sido com Letícia, pensei imediatamente que Letícia estava grávida. Assim que ele desligou, liguei para Teresa. Foi quando percebi, pela conversa que tivemos, que não se tratava de Letícia, mas de Roberta, e que Roberta estava com ele. O filho-da-puta tinha enlouquecido Letícia e engravidado Roberta.
— Ele ofereceu alguma prova de que Roberta estava com ele? Ou melhor, apresentou alguma prova de que era mesmo Jonas, ou Isidoro?
— Ele não estava nem um pouco preocupado com isso, delegado. Estava absolutamente seguro do que estava dizendo.
— Pediu alguma coisa?
— Não. Nada. A única coisa que ele quer é que eu sofra. Não se importa com nada mais. Nunca esteve interessado em Letícia, como não está interessado em Roberta. Para ele, só uma pessoa importa: eu.
— E quanto a dona Teresa?
— Como assim?
— Ele fez alguma referência a ela?
— O senhor acha que ele pode ter sido o responsável?
— O senhor pode opinar sobre isso melhor do que eu, doutor.
— Nunca pensei nele como sendo capaz de matar alguém... A não ser...
— A não ser...?
— ... Como meio de aumentar meu sofrimento. Tudo o que ele quer na vida é me ver sofrer. Ele não quer a minha morte. Morto, eu pararia de sofrer. É fundamental, para ele, que eu permaneça vivo. Não se trata de uma luta de vida ou morte, mas de uma luta na qual um dos lutadores vai aos poucos mutilando o outro, enquanto o mantém vivo. Vivo e mutilado. Foi assim que ele foi cortando da minha vida os seres que eu mais amava. Primeiro Letícia, depois Roberta, e agora...
— Então ele aceitou se encontrar com o senhor?
— Aceitou, contanto que fosse em um local público. Avisará onde e quando.
— Certamente vai avisar em cima da hora, para evitar um esquema de captura.
— Não me parece que ele esteja temendo alguma ação por parte da polícia, delegado. Para todos os efeitos, ele está morto. É de mim que ele está se protegendo.
— O senhor diz que Jonas estava empenhado numa vingança. O que aconteceu entre vocês que pudesse alimentar um ódio tão intenso por parte desse rapaz?
— Não sei, delegado. Se aconteceu, não faço a menor idéia do que possa ter sido. O senhor não pode se esquecer de que Isidoro era um paciente psiquiátrico, de que ele dizia ter um nome quando na verdade tinha outro, de que sumiu com minha filha durante dois dias, de que me perseguia de bicicleta pelas ruas, de que ficava dia após dia sentado no pátio do hospital controlando todos os meus movimentos, de que um dia teve um surto psicótico e me atacou durante uma sessão. Isidoro não é um rapaz normal. Uma pessoa como ele é capaz de imaginar histórias de perseguição e de conferir a elas um grau de realidade

irrefutável.

— Mas por que exatamente o senhor?

— Foi comigo, mas podia ter sido com qualquer outro. O perseguidor dele é imaginário, é uma espécie de personagem que ele impõe a qualquer pessoa próxima a ele.

— O senhor acha que ele é capaz de matar?

— Agora, acho.

— Vou deixar dois dos meus melhores homens de sobreaviso para quando o encontro for marcado. Qualquer que seja a hora, o senhor vai ligar para os telefones que vou lhe dar, informando o local do encontro. Se ele quiser marcar um encontro imediato, dê uma desculpa e peça meia hora mais.

— Delegado, não se esqueça de que ele está com minha filha.

— Espero que esteja, doutor.

Enquanto descongelava um espaguete à bolonhesa, Espinosa pensava em como os retratos que inicialmente traçara das pessoas envolvidas naquele caso tinham se tornado menos nítidos, e isso não por um desgaste provocado pelo tempo, mas porque a face de cada uma delas se modificara. Cada máscara retirada não revelava um rosto mais verdadeiro, mas outra máscara. Isso, no entanto, era o que já esperava que acontecesse. Nunca se iludira com a idéia de uma verdadeira face assassina oculta pela máscara da santidade. Sabia que o inverso era igualmente possível.

O mesmo havia acontecido não com as pessoas em si mesmas, mas com o relacionamento entre elas. Algumas relações naquela trama não faziam sentido. Se o objetivo de Jonas/Isidoro era engravidar Roberta, qual a necessidade de raptar ou fazer a moça fugir de casa? Seria mais fácil, mais cômodo, e até mais cruel, se esse era o seu desejo, deixar que aquela gravidez florescesse no ambiente familiar dos Nesse. A menos que...

Os três apitos anunciaram que o jantar estava pronto. O melhor vinho tinto para acompanhar massa à bolonhesa é aquele que temos em casa, mas como a última garrafa fora tomada dias antes, teve que se contentar com cerveja em lata.

... a menos que tivesse acontecido exatamente isso. Roberta engravidara e ficara em casa sem contar nada a ninguém. Esperara que se passasse um tempo suficientemente longo para tornar perigosa qualquer tentativa de interrupção da gravidez. Se as coisas tivessem se passado dessa forma, onde estava Roberta agora? E por que não comparecera ao funeral da mãe?

Era cedo para dormir, tarde para ir ao cinema, e não estava com vontade de ver ninguém. Estava tentando, havia algum tempo, substituir a leitura de romances pela de contos. Com a vida que andava levando, não conseguia manter a continuidade de leitura que um bom romance exigia, era freqüente retomar a leitura de um livro e não se lembrar mais do que já havia lido ou não saber o que tal personagem estava fazendo naquela história. O conto tinha a vantagem de poder ser lido de uma só vez. Verdade que já se esquecera do penúltimo, ou mesmo do último, que havia lido, mas atribuía isso ao cansaço.

Deixou fechadas as janelas de vidro da sala, mas abriu as venezianas para ter a visão das luzes dos morros mais ao longe por cima dos prédios que circundam o bairro Peixoto. Sentou-se na cadeira de balanço, acendeu o abajur de pé e retomou a leitura. O telefone não tocou, a campainha da porta também não, o celular permaneceu silencioso. Mas não chegou a ler um conto inteiro. Roberta estava mais presente que o livro. Havia alguma coisa na história de dr. Nesse que não soava bem. Ou talvez não fosse uma coisa, mas várias coisas, muitas coisas. Talvez fosse isso, havia um excesso de dados. Eram várias histórias, cada uma fazendo sentido, mas o conjunto delas não fazia sentido nenhum. A cada vez que alguém fornecia mais dados sobre determinada história, o conjunto se tornava mais obscuro.

Espinosa começou a pensar na possibilidade de essas novas revelações esclarecedoras funcionarem como telas protetoras de algo que nunca fora revelado. Quanto mais se prestava atenção nas histórias parciais, menos o conjunto se tornava inteligível. A história contada pelo médico sobre Jonas fazia pleno sentido, mas não combinava com as demais histórias, nem com o que as pessoas diziam sobre o rapaz. A história da fuga de Roberta para ficar com Jonas podia fazer sentido isoladamente, mas nada tinha a ver com uma relação entre Roberta e Jonas, da qual ninguém nem suspeitava. O próprio desaparecimento de Jonas, após ter sido transferido de hospital, podia ter ocorrido sem a intervenção de dr. Nesse, embora isso não combinasse com a carta acusatória do próprio Jonas. Finalmente, a morte de Teresa não combinava com nada.

Pegou um bloco e fez uma série de anotações, numerando cada uma delas, como um conjunto de proposições. Depois de ler e reler atentamente cada proposição, Espinosa fez uma série de diagramas, pequenos retângulos com nomes dentro, que se ligavam a outros retângulos, formando uma trama. A primeira trama era bastante intrincada, e aos poucos o esquema foi se tornando mais orgânico. Era de madrugada quando passou da cadeira de balanço para a cama.

Entre os bilhetes auto-adesivos que encontrou sobre sua mesa de trabalho, um deles era um recado para ligar para o dr. Marcos no IML. Antes de ligar, Espinosa pegou mais uma xícara de café na máquina. Somada às tomadas em casa, era cafeína em quantidade suficiente para despertar um morto. Aliás, era o que esperava do dr. Marcos.

— Bom dia, doutor, recebi seu recado.

— Delegado, creio que temos alguma coisa com relação à dona Teresa. Demorei um pouco mais para lhe dar o resultado porque precisava do resultado de alguns exames complementares.

— Sim, doutor.

— Ela tinha ingerido uma boa quantidade de flunitrazepam. O nome comercial é Rohypnol, também conhecido como “Boa noite, Cinderela”. Até aí, tudo bem, era noite e ela podia sofrer de insônia, mas acontece que encontrei também uma quantidade surpreendente de cloreto de potássio. Entre cinqüenta e setenta mililitros.

— O que quer dizer isso, doutor?

— Quer dizer que ninguém tem essa quantidade de cloreto de potássio no organismo a menos que tenha sido posto lá dentro de propósito.

— E?

— E ela morreu de parada cardíaca.

— Foi o diagnóstico que o senhor me deu por telefone.

— Isso mesmo. E estava correto.

— Então qual é o problema?

— O problema é que uma mulher jovem e saudável, sem histórico de doença cardíaca, não morre do coração porque se sentou no banco de uma praça à noite para namorar. O cloreto de potássio, se injetado na diluição certa e na dosagem certa, provoca uma parada cardíaca imediata.

— O senhor está dizendo que alguém injetou cloreto de potássio na veia dela?

— Estou inclinado a afirmar isso. A menos, é claro, que ela mesma tenha se aplicado. Havia uma marca recente de injeção intravenosa no braço dela.

— Não havia uma seringa, nada, que pudesse ter servido para esse fim perto dela na rua. Seria possível ela ter aplicado a injeção nela mesma e ter se deslocado para...

— Não. A morte é imediata. Ela não teria tido tempo de jogar fora a seringa e voltar para o banco. Não teria conseguido nem mesmo se desfazer da seringa atirando-a longe.

Aquilo fechava uma série de circuitos nos esquemas que havia elaborado na noite anterior. A coisa começava a fazer sentido. Chamou Ramiro e Welber à sua sala.

— Não foi morte natural, foi assassinato.

— Teresa?

— Acabei de falar com o legista. A parada cardíaca foi provocada por uma injeção de cloreto de potássio na veia.

— Com certeza?

— Sem nenhuma dúvida. Ela tinha no sangue quantidade mais que suficiente para matar uma pessoa.

— Como alguém pôde fazer isso sem que ela reagisse?

— Foi encontrada também uma boa quantidade de flunitrazepam. O nome comercial é Rohypnol.

— “Boa noite, Cinderela”.

— Isso mesmo. Ou ela tomou o sonífero antes de receber o telefonema, ou deve ter aceitado alguma bebida que já continha o remédio. Uma vez adormecida, o assassino pôde até escolher um local onde a picada não ficasse muito visível.

— Doutor Nesse? Ele tinha comprado Rohypnol naquela noite, lembra?

— Qualquer um pode aplicar uma injeção intravenosa em alguém, não precisa ser um médico.

— Mas não é qualquer pessoa que sabe que cloreto de potássio na veia mata.

— Mas qualquer um pode obter essa informação. Agora, por exemplo, nós três sabemos disso e não

somos médicos.
— Então não vamos apertar o doutor Nesse?
— Não. Nem vamos deixá-lo saber ainda do laudo do legista. Quero, antes, tirar uma dúvida. Quando procuramos indigentes mortos enterrados como desconhecidos com as mesmas características físicas de Jonas, verificamos apenas os corpos que passaram pelo IML. Agora, quero que vocês verifiquem as mortes ocorridas em hospitais. Quando alguém assim morre num hospital, o médico responsável é quem atesta a *causa mortis*. O corpo nem passa pelo IML. Quero que verifiquem na Emergência dos principais hospitais públicos os óbitos ocorridos no dia em que Jonas saiu para fazer os tais exames. Desprezem óbitos de mulheres, velhos e crianças. Quero que investiguem as mortes de homens jovens, brancos, enterrados como indigentes. Não deve ter sido muita gente.
Sua certeza de que Teresa havia sido assassinada só não se transformara ainda em verdade plena porque Espinosa prometera a si mesmo, já de longa data, não aceitar como evidência senão aquilo cujo oposto fosse impossível. E a frase "Teresa cometeu suicídio" não encerrava uma contradição lógica nem era impossível do ponto de vista empírico, embora fosse altamente improvável.
Almoçou um big-mac com fritas e milk-shake, sua opção suicida ao espaguete à bolonhesa com vinho tinto. A tarde transcorreu sem grandes novidades até as cinco e vinte, quando recebeu um telefonema de dr. Nesse.
— Delegado, ele ligou!
— Quem ligou?
— Isidoro, Jonas, marcamos um encontro para as seis horas da tarde na praça General Osório, aqui em frente. Ele queria que fosse imediatamente, mas eu disse que estava com um cliente. Não consegui encontrar os policiais com quem o senhor disse para eu entrar em contato.
— Eles estão em diligência. Eu estarei lá. O senhor marcou em algum ponto específico da praça?
— Ele disse para eu ficar andando pela calçada que ele me encontraria.
— Está bem. Se o senhor me vir, não me faça nenhum sinal nem fique olhando insistentemente para mim. Também não tente tomar nenhuma iniciativa, deixe tudo por conta dele.

O detetive disponível no momento era Chaves, um novato ainda inexperiente, mas esperto. Espinosa fez-lhe um resumo da situação, deu instruções bem claras e detalhadas e os dois foram de táxi para a praça. Ficaram esperando dentro da banca de jornal defronte ao prédio do consultório de dr. Nesse. Assim que Espinosa viu o médico surgir na porta da galeria, apontou-o para Chaves e eles se separaram. Faltavam cinco para as seis. Jonas nunca tinha visto os dois policiais, eles não precisavam ficar ocultos.
Dr. Nesse fazia todo o possível para mostrar-se calmo. O resultado era um homem grande e nervoso andando de um lado para o outro numa calçada bastante movimentada. Seis horas. Enquanto Chaves caminhava pela mesma calçada onde estava dr. Nesse, Espinosa acompanhava tudo do outro lado da rua, de onde tinha uma visão mais ampla da cena. Às seis e vinte, dr. Nesse atravessou a rua à procura do delegado, segurando em uma das mãos um pedaço de papel.
— Um menino passou por mim e me entregou este papel.
Era um pedaço de papel comum, cortado à mão e meio amassado, com a frase "Você avisou a polícia" escrita em letra de fôrma. O médico continuava tão nervoso quanto antes e olhava para Espinosa como esperando uma palavra mágica que salvasse a situação.
— Doutor, sugiro que vá para casa. O senhor disse que foi ele quem entrou em contato, o que nos leva a crer que o rapaz tem interesse em se encontrar com o senhor. Vamos esperar. Ele certamente vai fazer uma nova tentativa.
Chaves percebera que a coisa não tinha funcionado e já estava atravessando a rua para se juntar ao delegado. Pegaram o primeiro táxi.
— Não vi ninguém chegar perto dele, delegado.
— Segundo ele, foi um garoto.
— Não vi nenhum garoto. É verdade que ele se metia no meio das pessoas e que uma delas pode ter passado o bilhete, mas não me lembro de nenhum garoto.

Na manhã seguinte, um sábado, Espinosa telefonou para Letícia marcando um encontro. Não queria que fosse no apartamento dela, onde tudo evocaria a mãe, e tampouco queria que a conversa acontecesse na presença da acompanhante indicada pelo pai. Somente quando Letícia abriu a porta, Espinosa fez o convite

para tomarem café em um dos hotéis da avenida Atlântica. A acompanhante fez menção de pegar seu casaco e a bolsa, mas o delegado fez um sinal com a mão.

— Não se preocupe, eu tomo conta dela. Não ficaremos fora mais do que uma hora. Enquanto isso, você pode dar uma saída ou descansar um pouco.

A moça não respondeu, mas não pareceu gostar da iniciativa daquele estranho. Claro que telefonaria imediatamente para dr. Nesse comunicando o fato, mas nem Espinosa nem Letícia pareciam preocupados com isso. O delegado suspeitava que a acompanhante psiquiátrica era mais uma vigilante a serviço do psiquiatra do que acompanhante, embora reconhecesse que Letícia não estava em condições de ficar sozinha em casa.

Letícia ficou visivelmente contente com o convite. Saíram os dois de braços dados, dobraram à esquerda na avenida Copacabana e à direita na rua Santa Clara, em direção à avenida Atlântica. Eram apenas quatro quadras, e a manhã estava agradável. Escolheram um hotel com varanda para a praia e pediram café completo para dois. Faltavam quinze minutos para as dez.

— Já tomei café, mas adoro café-da-manhã de hotel, ainda mais com esta vista.

— Eu também já tomei, mas vai servir de antecipação do almoço.

— Obrigada por me tirar daquele apartamento e me afastar durante algum tempo da acompanhante. Ela não é má pessoa, mas tem uma visão viciada das coisas; além, claro, de fazer um relatório detalhado de cada gesto meu para papai. Mas por enquanto estou preferindo isso a ficar sozinha lá.

— Seu pai continua medicando você?

— Ele continua me mandando os remédios.

— E?

— Durante os últimos meses, fui diminuindo a dosagem de cada um deles até parar completamente. Estou há dois meses sem tomar nenhuma medicação. No final de cada dia, separo as doses prescritas por ele e jogo na privada. Assim, cada vidro de remédio acaba na data prevista.

— E como você está se sentindo?

— Vou levando. A morte de mamãe foi a pior coisa que já me aconteceu. Ela era o que me restava. Em seis meses, perdi meu namorado, minha irmã e minha mãe. O que você acha? Se estou aqui conversando com você e aproveitando a vista, é sinal de que ainda me resta um pouco de saúde mental.

— Por que seu pai continua medicando você?

— Porque ele precisa me manter dependente, e só pode me manter dependente me mantendo dopada.

— E ele não percebe que você não está dopada?

— Não. Eu finjo. Sei como é ser dopada.

— Mas o que ele quer não é que você fique boa?

— Boa de quê?

— Do que você teve.

— O que eu tive foi dor e tristeza. Nenhuma das duas é doença.

— Então, por que...

— É como ele está acostumado a controlar a realidade. Com drogas.

— E você pretende continuar fingindo até quando?

— Agora não há mais necessidade de eu continuar fingindo. Já perdi tudo o que tinha para perder. Estou tentando recuperar minha autonomia. Nos últimos meses, eu aproveitava as saídas de mamãe para sair também. Precisava me reassegurar de que o mundo continuava o mesmo. Pensava em estudar medicina, mas mudei de idéia, agora quero fazer letras. Acontece que nem sei como vou me manter, preciso trabalhar, não quero ser sustentada por meu pai. Mas o fato é que ainda não consegui fazer novas amizades. De certa maneira, continuo internada.

— O que você acha que aconteceu a Jonas?

— Acho que ele morreu.

— Nunca mais teve notícias dele?

— Nunca mais.

— Por que você acha que ele morreu?

— Se ele não tivesse morrido, tenho certeza de que teria entrado em contato comigo.

— Você sabe da existência de uma carta acusando seu pai de ser responsável pela morte dele?

— Nunca li a carta, mas sei que ela existe.

— E o que você acha disso?

— Meu pai odeia Jonas. Não importa que ele tenha morrido, o ódio continua o mesmo. Não sei qual o motivo, ele nunca falou nada a respeito. Mas qualquer que seja o motivo desse ódio, não acredito que meu pai chegasse a ponto de matar Jonas... Ou não quero acreditar nisso. É muito difícil para mim. Mas admito que ele indiretamente possa ter causado a morte do meu namorado.
— O que você acha que aconteceu com sua irmã?
— Acho que ela não suportou a pressão.
— Qual pressão?
— A pressão de meu pai. O senhor não sabe como ele é autoritário. Pode ser insuportável, e minha irmã é uma pessoa muito doce, não sabe como reagir a uma situação mais opressiva.
— Quando você diz que ela não suportou a pressão, você quer dizer que ela fugiu?
— Acho que ela se escondeu de papai.
— Por quê? Ele tinha alguma coisa contra ela?
— Ao contrário. Ela era a única de nós que ainda se dava com ele.
— Por quê, então?
— Talvez tenha acontecido alguma coisa insuportável para ele.
— Você acha que sua mãe sabia que ela estava escondida?
— Acho que sim.
— Claro que sem seu pai desconfiar de nada.
— Se meu pai desconfiasse...
— Se ele desconfiasse...?
— Nem sei do que ele seria capaz.
— Seria capaz de agredir sua mãe?
— Ele não tem atitudes intermediárias. Ou é muito bom, ou é muito mau. Bater não faz parte do repertório dele.
— E quando é mau...
— ... é friamente mau. Quando ainda morávamos todos juntos e ele começou a se sentir perseguido por Jonas, apareceu em casa um dia com um revólver. Disse que era para se defender, caso fosse atacado. Claro que papai não precisava de uma arma para se defender de Jonas, ele tem quase o dobro do peso dele, poderia facilmente matar Jonas com as próprias mãos, mas nunca faria isso. Para ele, a morte tem que ser asséptica, como nos hospitais. Daí a arma... ele acabou guardando no armário e nunca mais retirou de lá.
— Em nenhum momento Jonas chegou a ser mais explícito sobre o que teria acontecido entre seu pai e ele?
— Jonas não falava sobre a vida dele. Não gostava de falar sobre o passado. O senhor gosta de literatura, delegado?
— Se vamos conversar sobre literatura, você tem que parar de me chamar de senhor.
— Que bom... Você gosta de literatura?
— Gosto.
— Diz o nome de um autor que você gosta.
— Conrad, Melville, Hammett...
— Você é casado?
— Já fui. Mas, se isso é uma proposta, acho que você sairá ganhando se ficarmos apenas amigos.
Espinosa achou que Letícia evitava a todo custo fazer a pergunta principal daquele encontro, e não seria ele a forçar caminho através de um campo que não tinha condições de controlar. Além do mais, aquele parecia ser um dos raros momentos agradáveis da moça nos últimos meses. Continuaram conversando sobre autores e livros. O café completo foi devidamente saboreado, com direito a reposição para ambos. Foi quando já estavam na calçada, voltando para o apartamento, que Letícia fez a pergunta.
— Espinosa, o que aconteceu à minha mãe?
— Teve uma parada cardíaca.
— Todo mundo que morre tem uma parada cardíaca.
— Foi o que ela teve.
— Espinosa, a parada cardíaca que ela teve foi natural?
— Não, foi provocada por excesso de cloreto de potássio no organismo.
— Cloreto de potássio? Ela estava doente?

— Não, o cloreto de potássio foi injetado na veia.
— Foi acidental?
— Dificilmente. Ele foi injetado na hora. A morte é imediata.
— Como isso pode ter acontecido?
— O legista disse que o cloreto de potássio tem que ser diluído em soro fisiológico e pode ser aplicado com um dispositivo chamado *scalp*, ou escalpo, como é mais conhecido. É um pequeno frasco de soro fisiológico acoplado a uma agulha.
— Foi suicídio?
— Não.
— Então... alguém...
— É possível.
— Mas quem? Como ela deixou alguém injetar essa coisa nela?
— Além do cloreto de potássio, o exame toxicológico acusou também a presença de uma substância conhecida como Rohypnol. Você sabe se ela tomou algum remédio antes de sair de casa?
— Não sei. Eu estava no quarto. Você acha que ela pode ter tomado esse remédio e...
— O Rohypnol, sim, mas não poderia ter injetado a solução de cloreto de potássio na veia.
— Então, ela foi assassinada. É isso que está me dizendo?
— É isso que os fatos sugerem. Mas as investigações estão apenas no começo. Temos que descobrir quem fez isso, como fez e por que fez. Ainda não tenho resposta para nenhuma das três perguntas.

Ramiro e Welber passaram o dia percorrendo os hospitais para os quais Jonas poderia ter sido enviado para exames. Concentraram a busca em hospitais de grande movimento, examinando os boletins de atendimento médico emitidos no dia em que ele desaparecera. Inútil procurar pelo nome Jonas ou Isidoro. Procuraram por paciente do sexo masculino, branco, idade entre vinte e vinte e cinco anos, um metro e oitenta, identidade desconhecida. Era o retrato de que dispunham, não dos melhores, mas também não dos piores. Sobraram poucos candidatos a Jonas-Isidoro. No mesmo dia da saída de Jonas do hospital geral, encontraram um único registro de óbito, ocorrido no final da tarde, de um homem de identidade desconhecida, cujas características físicas correspondiam à descrição de Jonas. Encontraram também mais três óbitos ocorridos nos dois dias seguintes e que correspondiam parcialmente à descrição. Mas apenas o primeiro óbito correspondia exatamente ao que procuravam, e esse corpo fora enterrado como indigente em um caixão de lona e em uma cova rasa. Isso, em pleno verão e numa estação de chuvas, tendo agora se passado meses, significava que encontrariam pouca coisa capaz de identificar o cadáver como sendo de Jonas, de quem dispunham apenas de uma descrição sucinta.
— Onde ele foi enterrado? — perguntou Espinosa.
— No cemitério do Pechincha, em Jacarepaguá.
— Enquanto providencio a autorização para a exumação, tentem localizar com exatidão a cova correspondente a esse corpo. Vou fazer o possível para conseguir a autorização até amanhã. Quando exumarem o corpo, é possível que vocês não encontrem nada que permita uma identificação imediata; terão que procurar algum detalhe que sirva de indício.

* * *

O que Welber e Ramiro confirmaram nos dois dias seguintes foi que não era nada fácil localizar e desenterrar um cadáver de seis meses, e que tampouco os coveiros realizam de boa vontade a tarefa.
— Vocês já pensaram, se a gente começar a desenterrar todos os que já enterramos?
— Fiquem tranqüilos, isso não vai acontecer. Além do mais, estamos autorizados a pagar uma boa cerveja para vocês, quando acabarem.
Do caixão de lona restara apenas parte da armação de madeira. Os dois policiais puseram pomada Vick nas narinas e fizeram uma primeira avaliação do corpo, ou do que meses antes fora um corpo e que agora eram ossos e restos de tecidos e músculos. As medidas podiam corresponder às de Jonas, mas o reconhecimento facial era impossível. Não havia rosto. O detalhe interessante eram os cabelos negros. Telefonaram para o delegado.
— Peguem o laudo ou o atestado de óbito no hospital onde esse homem morreu.
— O laudo nós já temos, delegado. Ele descreve as características do morto, diz que a identidade é

desconhecida e que o homem morreu antes de ser atendido pela equipe médica.

— E a *causa mortis*?

— A única coisa que consta é parada cardíaca.

Não havia como estabelecer a identidade do cadáver. A única identificação disponível era o número da cova, que não identificava nada. Exame de DNA, impressão digital (se ainda fosse possível obter alguma) e coisas análogas não serviriam de nada, porque não havia com o que ou com quem comparar os dados. Não havia nenhum registro de Isidoro ou Jonas, nomes provavelmente falsos, nem se sabia que tivesse parentes vivos ou mortos. Jonas era um fantasma. Agora, um fantasma morto.

As consultas feitas por Espinosa a especialistas revelaram ainda que exames de cabelos e ossos poderiam revelar, sim, a presença de cloreto de potássio no corpo desenterrado, mas também que essa era uma substância possível de ser encontrada em quase todos os corpos enterrados nas covas rasas do Pechincha, um cemitério localizado num solo com alta concentração de potássio.

O fato de a pessoa enterrada sem identificação e como indigente ter morrido de parada cardíaca com menos de vinte e cinco anos, e ainda o fato de essa pessoa ter sido removida do mesmo hospital onde Jonas estava internado, e na mesma data em que ele fora dado como desaparecido, eram mais que suficientes para Espinosa considerar seriamente a possibilidade de que aquele corpo fosse o de Jonas, ou Isidoro. O problema maior era Jonas/Isidoro não ter sobrenome, nome de pai e de mãe, data e local de nascimento, carteira de identidade, impressão digital, endereço, parentes ou conhecidos. Ele não tivera uma existência legal. Legalmente, portanto, não morrera.

Ramiro e Welber estavam satisfeitos com o resultado da busca e frustrados com sua inutilidade legal. Mas tanto eles como Espinosa sabiam de antemão desse desfecho. Ao contrário do que sempre faziam, o que procuravam agora não era a prova objetiva, mas a certeza subjetiva.

— Delegado, é ele, não tem dúvida, é do mesmo tamanho, cabelo preto, a data coincide...

— Nosso problema é: ele quem?

— Jonas, claro!

— E quem é Jonas? Nem mesmo temos uma fotografia dele. Só podemos, quando muito, apontar para aquele monte de restos humanos que vocês localizaram no cemitério do Pechincha e dizer: isso aí são os restos mortais de um homem cujo apelido achamos que é Jonas, mas de quem não sabemos mais nada. Ele não é identificável. O homem que vocês encontraram, segundo o laudo médico do hospital, morreu de morte natural. O laudo não diz o que causou a morte, diz apenas que o coração parou de bater. O que podemos fazer com isso? Instaurar um processo criminal? Quem matou quem?

— Vamos desprezar esse achado?

— Eu não disse isso. Disse que não temos chance de aproveitá-lo como peça legal, mas podemos fazer um uso pessoal do que vocês encontraram. Eu não desprezaria essa nossa certeza de que o corpo pertence a Jonas, seja Jonas quem for. Também não desprezaria o fato de que esse Jonas teve uma parada cardíaca aos vinte e dois anos, coisa rara de acontecer. Tampouco me esqueceria de que dona Teresa também teve uma parada cardíaca, sendo que a dela não foi natural, foi provocada. Também não vou me esquecer de que doutor Nesse está se queixando de que Jonas o está perseguindo. Portanto, ou o corpo que achamos é de Jonas e doutor Nesse está mentindo, ou Jonas está realmente perseguindo doutor Nesse, e nesse caso o corpo é de outra pessoa e estamos redondamente enganados a respeito de tudo.

Espinosa achava estranha a constante mudança de ênfase na série dos acontecimentos. Inicialmente, a ênfase incidira sobre a carta contra dr. Nesse; em seguida, ela se deslocara para o desaparecimento de Roberta; depois, foi a morte de Teresa que ocupou o centro das atenções; por último, era dr. Nesse dizendo-se perseguido por Jonas. Parecia que um gênio maligno se ocupava continuamente de deslocar o foco das investigações, ou pelo menos o foco das preocupações da polícia. Isso sem contar que numa etapa anterior toda a questão girara em torno da figura de Jonas/Isidoro, considerado uma ameaça à família Nesse.

O aspecto intrigante da história era que todos os fatos subseqüentes ao desaparecimento de Jonas tinham sido relatados pelo médico. Nunca ninguém vira Jonas ameaçar ninguém. Ao contrário, todas as descrições o davam como uma pessoa calma e delicada, que em nada correspondia à truculência apontada por dr. Nesse. O próprio plano de vingança do rapaz contra ele nunca fora confirmado por ninguém, nem chegara a ser posto em prática de modo evidente. O perseguidor Jonas/Isidoro tanto podia ser um paciente psiquiátrico atuando fora do hospital e ameaçando a família do médico como uma construção do próprio

médico.

* * *

Na noite do dia seguinte, enquanto Espinosa hesitava entre a lasanha e o sanduíche de frios, o telefone tocou.

— Espinosa?

— Sim.

— É Letícia.

— Letícia, que bom ouvir sua voz. Como vai você?

— Não muito bem...

— O que aconteceu?

— Eu não disse tudo para você. Ocultei uma coisa...

— Não disse tudo quando?

— No café-da-manhã, no bar do hotel.

— Escute. São oito e meia. Ainda não jantei. Tem um restaurante italiano quase ao lado do seu prédio. A pizza é boa. Podemos comer enquanto conversamos.

— Está bem... Sem a acompanhante.

— Claro. Espero você na varanda do restaurante daqui a vinte minutos.

Apesar de a noite não estar muito fria, Espinosa preferiu a parte interna do restaurante em vez da varanda sobre a calçada. Depois ficou em dúvida sobre a escolha do restaurante. Se ele tinha a vantagem de ser quase ao lado do prédio de Letícia, tinha a desvantagem de ser demasiado próximo de onde a mãe dela fora encontrada morta. Daí a escolha de uma mesa na parte interna do restaurante, sem vista para a rua. Letícia chegou com a acompanhante psiquiátrica, que a deixou aos cuidados de Espinosa.

— O senhor depois a acompanha até o apartamento, por favor.

— Certamente.

Letícia cumprimentou Espinosa com dois beijos na face e uma tentativa de sorriso insuficiente para esconder o fundo de tristeza. Na pequena sala do primeiro andar da casa havia meia dúzia de mesas, das quais duas estavam ocupadas. Escolheram a mais recolhida.

— Você gosta de pizza?

— Gosto, mas não estou com fome.

— Podemos pedir uma pizza e duas taças de vinho. Vamos beliscando e bebericando enquanto conversamos.

— Está bem.

— E então? Você disse que não estava bem e que não tinha me dito tudo na nossa última conversa. Acho perfeitamente compreensível que você esteja se sentindo mal, estranho seria se você estivesse se sentindo bem. Quanto a não ter me contado tudo... Ninguém conta tudo.

— Mas deixei de falar sobre uma coisa que pode ser muito importante.

— E está se sentindo à vontade para falar agora?

— À vontade, não... Mas preciso falar. Nada está claro, são impressões misturadas com fatos.

— Conte sem se preocupar em ordenar tudo.

— Algumas dessas impressões dizem respeito a fatos atuais, outras a coisas que aconteceram há seis ou oito meses. Minha noção de tempo ficou um pouco perturbada no período em que estive tomando remédio. A memória também. As impressões mais antigas, de quando eu estava sendo medicada, são as menos precisas, não sei se devem ser levadas a sério, elas se referem ao desaparecimento de Jonas. É o seguinte: ninguém tem dúvida de que o responsável direto pela internação e depois pela transferência dele foi meu pai, daí se atribuir a ele a culpa pela morte de Jonas. Não acredito que todo mundo tenha levado a sério a idéia de que papai tivesse, ele próprio, matado meu namorado, mas pouco tempo depois da notícia da morte de Jonas ouvi uma discussão por telefone entre meu pai e minha mãe a propósito dos remédios que papai me obrigava a tomar, na qual ela disse a frase: "Você já matou o rapaz, agora quer matar nossa filha?". Naquele momento, entendi que a expressão "Você já matou o rapaz" queria dizer que papai tinha sido o responsável indireto pela morte de Jonas, o que, aliás, era o que todos achavam. Não dei maior importância ao episódio. Passados esses meses e todas as mudanças na nossa vida, Roberta desapareceu. Eu não estava tomando a medicação havia meses, papai e mamãe já tinham se separado, estávamos todas

menos submissas e emocionalmente mais independentes. Eu não sabia o que havia acontecido à minha irmã, mas estava achando tudo muito estranho. Nem meu pai nem minha mãe estavam realmente preocupados ou interessados no trabalho da polícia. Além do mais, eles se falavam ao telefone diariamente, e quase sempre os telefonemas terminavam em briga. A última aconteceu um dia antes de mamãe morrer. Nessa briga, ouvi tudo o que mamãe disse porque ela estava gritando com ele. Ouvi claramente a frase que me lembrou aquela outra de meses atrás: “Você quase matou Letícia, agora quer matar Roberta? Juro que se acontecer alguma coisa com minha filha eu vou à polícia!”. Não foi a única coisa que ouvi, mas foi o que ficou gravado nitidamente na minha memória... E acho que nunca mais vou esquecer.

Nenhum dos dois havia tocado na pizza ou no vinho que o garçom colocara sobre a mesa. Espinosa percebeu o esforço de Letícia no sentido de parecer segura, mas não teve dúvida de que ela estava prestes a desabar.

— Que tal comer uma fatia da pizza e tomar um pouco de vinho?

— Pode ser... Um pouco de vinho...

Espinosa esperou Letícia tomar alguns goles de vinho. Contou que quando menino tinha vários amigos que moravam naquela rua e que a casa de um deles era a mesma onde eles agora estavam, e que ele costumava caminhar do bairro Peixoto, distante pouco mais de três quadras, até ali para jogarem bola na rua. Às vezes faziam o oposto: iam todos jogar bola na praça do bairro Peixoto, de terra batida e por onde não passava carro, muito mais parecida com um campo de futebol, mas como ele era minoria o jogo acontecia com mais freqüência na rua Dias da Rocha, que na época ia até a avenida Copacabana, embora muito raramente o jogo fosse interrompido pela passagem de um carro. Falou também do cinema Metro e de suas sessões dominicais de Tom & Jerry, e contou a primeira vez em que foi sozinho à praia. Espinosa viu os vincos da face de Letícia irem aos poucos se desfazendo e sua fisionomia ganhar um aspecto mais relaxado. Então ela retomou a fala.

— Espinosa, você acha que a conversa que ouvi é para ser tomada ao pé da letra?

— Você não ouviu uma conversa; ouviu apenas sua mãe falando. Tem certeza de que ela estava falando com seu pai? Você ouviu ela dizer o nome dele? As palavras podiam ser dirigidas a Jonas.

— Jonas?!

— Não estou dizendo que ela estava falando com ele, apenas que o conteúdo do que ela disse pode ser aplicado a ele também.

— Mas... isso é absurdo...

— Pode ser improvável, mas não absurdo. Quanto a você ter ouvido, meses atrás, sua mãe dizer a frase “Você já matou o rapaz, agora quer matar nossa filha”, o verbo matar podia estar sendo empregado com sentido menos estrito, ela estava preocupada com o efeito da medicação sobre você, e Jonas também tinha sido medicado por ele.

— Ela não estava falando com Jonas! Jonas morreu! Eu conhecia o modo de ela falar com meu pai. Era com ele que ela falava, não com Jonas!

— Letícia, eu não estou afirmando que ela não estava falando com seu pai, estou apenas dizendo que, pelo conteúdo do que você escutou, ela podia estar falando com outra pessoa. Podia tanto ser seu pai como outra pessoa, embora eu saiba perfeitamente que havia muito tempo ele vinha se sentindo perseguido por Jonas e que esse sentimento pode ter assumido proporções dramáticas. Sei também que ele via o rapaz como a própria encarnação do mal, cujo único objetivo era destruir a família dele, e esse sentimento parece ter voltado agora com toda a força. Ele diz estar sendo perseguido por Jonas *agora*, diz que Jonas quer marcar um encontro com ele... Ele pode estar mentindo, pode ter ficado louco, mas também pode estar dizendo a verdade. Estou apenas tentando mostrar que apesar disso tudo, pelo conteúdo do que você ouviu, ela podia estar falando com outra pessoa que não seu pai. É muito pouco provável, mas não é impossível.

— Mas, Espinosa, Jonas morreu!

— Você viu ele morrer? Viu o corpo?

— Todo mundo sabe!

— Não é verdade que todo mundo sabe. As pessoas apenas *dizem* que ele morreu. Ninguém viu nada nem tem prova alguma de que isso tenha efetivamente acontecido.

— Você acredita...

— Não é uma questão de crença, estamos fazendo conjecturas. São especulações. Não há nenhuma prova irrefutável da morte de Jonas.

— Espinosa, eu conheço muito bem o modo como minha mãe falava com meu pai e posso te garantir que era com ele que ela estava conversando, e não com Jonas ou qualquer outra pessoa. Isso não é especulação. A morte de mamãe não é uma especulação nem uma conjectura.
— Claro que não.
— E aquilo que mamãe disse sobre Roberta? Sobre papai poder matá-la?
— Pode ter sido metafórico.
— E se não foi?
— Por que motivo seu pai mataria Roberta?
— Por desespero... por acidente... Não sei. Não consigo pensar nisso.
— Você ouviu alguma conversa de sua mãe dando a entender que Roberta estaria com o pai? Sua mãe falou sobre isso com você?
— Não. Nós não conversamos sobre minha irmã. Tudo o que eu soube sobre o desaparecimento dela foi de ouvir mamãe falando ao telefone... Principalmente quando eles brigavam, porque mamãe gritava.
— Você acha possível que seu pai mantivesse sua irmã com ele contra a vontade de sua mãe?
— Mamãe sempre foi submissa a ele.
— Mesmo depois de separada?
— Depois melhorou, mas mesmo assim ela ainda era muito dependente. Nós dependíamos inteiramente de papai, nenhuma de nós produzia um único centavo.
— Você acha possível sua irmã ter procurado o pai porque estava grávida?
— Pode ter acontecido. Minha irmã sempre foi muito sonhadora, pode ter se descuidado e...
Letícia ficou em silêncio, girando a taça de vinho entre os dedos, enquanto Espinosa esperava que ela completasse a frase.
— Há mais alguma coisa que você tenha se esquecido de me contar?
— O que tenho são pesadelos apavorantes. É muito difícil falar sobre essas coisas... São muito próximas, familiares... Fico assustada. Você percebe do que estamos falando? Estamos falando de o meu pai ter matado meu namorado, de minha mãe ter dito que meu pai ia matar minha irmã, de minha mãe ameaçar ir à polícia, de minha mãe ter sido morta... e até mesmo de Jonas estar vivo e...
— Podemos voltar a conversar outra hora. Amanhã. Depois. Quando você quiser.
O garçom foi até a mesa, fez uma pergunta, obteve uma resposta não muito clara e completou as taças de vinho.
— Espinosa... Você acha que meu pai pode ter matado minha mãe?
— Seu pai acha que o assassino foi Jonas.
— Jonas está morto, Espinosa, meta isso na cabeça! Mesmo que estivesse vivo, por que iria matar minha mãe, que nunca fez mal a ele?
— Vingança.
— Vingança?
— É a tese de seu pai.
— Isso é loucura...
Espinosa expôs a Letícia o ponto de vista do pai, segundo o qual Jonas, ou Isidoro, teria procurado o serviço de atendimento do hospital universitário já como parte do plano de se aproximar dele e depois de sua família para destruí-los, deixando apenas dr. Nesse vivo para sofrer a dor de perder todos os seus entes queridos.
— Isso é uma idéia louca!
— Ou pode ser a idéia de um louco.
Nenhum dos dois havia tocado na pizza. A última observação de Espinosa deixara Letícia calada, e ele pensou que levar adiante a conversa corresponderia a estender a questão, e era evidente o quanto tudo aquilo era penoso e ameaçador para ela. Era como se, num filme de terror, estivessem abrindo o baú escondido no porão. E na opinião de Espinosa, tinham aberto apenas uma fresta.
— Você quer que eu peça outra pizza quente?
— Não. Obrigada. Realmente não estou com vontade de comer. É melhor eu voltar para casa.
— Está bem. Eu te acompanho.
— Você também não comeu nada.
— Não se preocupe, eu como mais tarde.
Espinosa pediu a conta e, enquanto esperava o garçom, acrescentou: — Você sabe que pode me

telefonar a qualquer hora do dia ou da noite.

A acompanhante abriu a porta antes de Letícia enfiar a chave na fechadura. Era quase tão jovem quanto ela.

O dia amanheceu cinzento. A chuva fininha mal tinha peso para chegar ao chão, dançava no ar ao sabor do vento frio que soprava do sul. Espinosa caminhou do bairro Peixoto até a delegacia protegido pelo capuz do impermeável. Não gostava de guarda-chuva, achava que não funcionava nos trópicos: era frágil para uma tempestade tropical e inútil para aquela garoa com vento. Além, claro, de ser o tipo de objeto que Espinosa sempre esquecia ao sair de um lugar. Na delegacia, Welber e Ramiro bebiam um líquido que lhe pareceu ser chocolate quente ou chá com leite.

— Isto aqui está parecendo o hemisfério norte.

— O que está parecendo o hemisfério norte, delegado?

— Vocês dois. O que é isso que estão tomando?

— Chocolate. Quer?

— Prefiro café.

— No hemisfério norte também se bebe café, delegado.

— Frio.

— Como?

— Frio. Americano fica horas bebericando aquela caneca de café frio e ralo. Se é para ser frio e ralo, é preferível fazer como os ingleses e tomar chá.

— Então experimente um chocolate quente, delegado, vai fazer bem, o clima hoje está mais para Chicago do que para Rio de Janeiro.

— Por que Chicago?

— Porque lá eles gostam de tomar chocolate quente no inverno.

— Sei.

Apesar da chuva e do frio, o humor do delegado estava bom. Não gostava de guarda-chuva, mas gostava de chuva e de frio. Todos concordaram que ele devia se mudar para São Paulo, a única cidade do hemisfério norte que fica no hemisfério sul.

— Hoje à tarde vamos ter nossa última conversa com doutor Nesse.

— Por que a última?

— Porque as outras não serão mais conversas. Telefonei para a casa dele, mas ninguém atendeu. Telefonei para o consultório e deixei um recado na secretária.

— Alguma novidade?

— Letícia me telefonou ontem à noite, assustada, querendo conversar.

— Aconteceu alguma coisa com ela?

— Acho que sim... Pelo menos internamente.

Espinosa falou da conversa no restaurante, do estado de espírito de Letícia e do horror que sua própria narrativa provocara nela. Procurou reproduzir o mais literalmente possível algumas passagens.

— Até a morte da mãe, Letícia não havia ligado os vários fragmentos da história de que ela própria era personagem central. O assassinato da mãe funcionou como ponto de partida para que os fatos acontecidos nos últimos seis ou sete meses fossem relacionados e adquirissem significado. Não acredito que ela tenha costurado a história inteira. Certas passagens são insuportáveis para ela.

— Pelo que estou entendendo — interrompeu Welber —, temos duas histórias inteiramente diferentes. Tudo vai depender de Jonas estar vivo ou morto.

— Correto.

— Então temos apenas uma, delegado, porque o cadáver que vimos no cemitério do Pechincha é dele — afirmou Ramiro.

— Dele quem?

— Do Jonas!

— Ramiro, não adianta você ter certeza disso, é necessário provar.

— Provar o quê? Provar que ele está morto e enterrado?

— Não. Provar que ele existiu.

— O senhor está brincando, delegado?

— Não.

— Delegado...
— Você sabe o verdadeiro nome dele? O nome do pai, da mãe? Conhece algum parente dele? Tem alguma coisa que prove a identidade dele? Tem ao menos uma foto dele? Uma impressão digital? A imagem que fizemos do rapaz foi construída, fragmento por fragmento, através dos relatos de doutor Nesse. Nenhum de nós jamais viu Jonas, Isidoro ou que nome ele tenha. A única coisa que vocês viram foi um cadáver em adiantado estado de putrefação e que acharam que era Jonas por causa dos cabelos pretos. Para nós, Jonas é um fantasma. Um fantasma quase inteiramente construído por doutor Nesse. Até mesmo a imagem que Letícia nos forneceu dele é em grande parte apenas o avesso romântico da imagem fornecida pelo pai. Jonas não passa de um personagem de narrativas divergentes. Tem tanta realidade quanto um disco voador.
— Mas ele existiu, foi visto por um monte de gente!
— Não sei se a palavra existir pode ser aplicada aqui. Jonas tem sido uma sucessão de máscaras. Não se trata de procurar o verdadeiro Jonas, ou Isidoro, por detrás das várias máscaras, mas de saber qual máscara tem alguma realidade material e participou efetivamente dos acontecimentos que estamos investigando, e o que é pura invenção das pessoas implicadas nos acontecimentos.
— E o sujeito que está ameaçando o doutor Nesse?
— O da praça? Pode ser mais uma máscara e pode ser uma mentira.
— E o corpo que está no cemitério do Pechincha?
— Acredito que seja o corpo da pessoa que estamos chamando de Jonas, mas certamente não é o mesmo corpo que está ameaçando o doutor.
— E o senhor acredita que esse corpo do cemitério teve morte natural, como consta do atestado de óbito?
— Não.
— E dona Teresa?
— Ela, com certeza, não morreu de morte natural.
— Então...
— Então vamos ter nossa última conversa com o doutor Nesse.

Enquanto a acompanhante encomendava o almoço, Letícia vasculhava as gavetas do quarto da mãe à procura da chave. Não sabia se Roberta tinha uma cópia, mas a mãe certamente guardara em algum lugar a chave do apartamento do pai. Exigência dele quando se separaram. “Para o caso de as meninas precisarem”, dissera. E a mãe, para não criar caso, guardara a chave. Não estava dentro da bolsa que costumava usar nem dentro de nenhuma outra bolsa. Não era uma chave difícil de identificar porque estava num chaveiro que era uma moeda de plástico branco com a letra A gravada em preto. Encontrou-a dentro de uma caixa de bijuterias, bem à mostra, em cima da cômoda. Guardou a chave no bolso da calça e arrumou-se discretamente, deixando o casaco impermeável à mão para quando surgisse a oportunidade. Cedo ou tarde a acompanhante teria que ir ao banheiro. A oportunidade surgiu quando, depois do almoço, ela foi escovar os dentes e fechou a porta. Letícia ligou a televisão, vestiu o casaco e saiu sem fazer barulho. Pegou o primeiro táxi que passou. De um telefone público, ligou para o apartamento do pai e para o consultório. No apartamento ninguém atendeu; no consultório, o pai atendeu, mas ela ficou em silêncio.
Entrou no prédio sem que ninguém lhe perguntasse para qual apartamento pretendia ir. Uma vez dentro do apartamento do pai, precisaria agir com método. Nunca tinha estado lá, não sabia como era nem onde estavam as coisas, tudo o que sabia era através dos relatos da irmã. Começaria pelo quarto principal, depois seria a vez do quarto que o pai destinara para ela e a irmã, e por último examinaria a sala. Não tinha pressa, mas não queria correr o risco de ser surpreendida.
Quando abriu a porta, pensou ter entrado no apartamento errado. O cheiro acre que emanava das embalagens de comida largadas em cima da mesa e dos móveis impregnava o ambiente. O impulso foi de abrir as janelas, mas ficou com medo de chamar a atenção do porteiro ou de algum vizinho curioso. Como todas as janelas eram protegidas por cortinas pesadas, achou que não haveria problema em acender as luzes.
Iniciou a busca pelo quarto do pai. Não sabia exatamente o que procurar, estava em busca de indícios, sabia apenas que deviam ser indícios de inocência ou culpabilidade, mas não tinha idéia de quais seriam eles, e a desordem reinante dificultava a procura. A primeira coisa que encontrou foi o revólver. Estava

embrulhado numa flanela e escondido na prateleira mais alta do armário de roupas. Carregado. Deixou-o no mesmo lugar. Na gaveta da mesa-de-cabeceira encontrou a carteira de estudante da irmã, e na gaveta da cômoda a agenda dela. Não entendia por que estavam ali, ou melhor, entendia, mas não queria aceitar. Eram uma prova irrefutável de que a irmã não tinha desaparecido a caminho da escola nem fugido com o namorado, e também de que não fora seqüestrada. Procurou nos outros cômodos uma sacola para guardar a agenda e a carteira de estudante da irmã. Era inacreditável que o pai vivesse em meio àquela bagunça. No banheiro, junto a dezenas de amostras grátis de remédios que o pai amontoava dentro da banheira, encontrou a sacola que procurava. Não estava vazia e, antes de verter seu conteúdo na banheira, verificou se dentro dela não havia alguma coisa que pudesse se quebrar. O que encontrou foi um pequeno frasco acoplado a uma agulha de injeção e um outro frasco cujo rótulo indicava "cloreto de potássio". Levou a sacola para o quarto do pai, sentou-se na cama, retirou o objeto que parecia uma seringa e o frasco de cloreto de potássio, e depositou os dois sobre a cama, como se estivesse diante de uma arma engatilhada. Lembrou-se imediatamente da descrição feita por Espinosa da injeção de cloreto de potássio. Imaginou a mãe descendo apressada depois do telefonema e imaginou-a caminhando em direção ao banco de jardim para se encontrar com seu assassino. Quem quer que ele fosse, ela não teria permitido que a pessoa lhe injetasse alguma coisa na veia. Teria sido dopada, talvez com um poderoso sonífero dentro de uma bebida para afugentar o frio, e estaria pronta a cena de um casal de namorados se abraçando num banco de praça enquanto o cloreto de potássio era injetado na veia sem que ninguém percebesse. Não quis procurar mais nada. Pegou a mochila da irmã que vira no quarto ao lado, voltou ao quarto do pai e pegou o revólver no armário. Jogou no chão as coisas que estavam em cima da mesa da sala e arrumou sobre ela a seringa, o frasco de cloreto de potássio, a carteira de estudante e a agenda da irmã. Antes de sair do apartamento, pegou o caderno de telefones que estava ao lado do aparelho e deixou acesa a luz da sala.

A chuva fina continuou à tarde. Depois do almoço, Espinosa telefonou mais uma vez para o consultório de dr. Nesse. Atendeu a secretária eletrônica. O médico podia estar com cliente. Caso estivesse no consultório, teria ouvido o recado deixado de manhã, a menos que fosse dessas pessoas que se esquecem de ouvir as mensagens gravadas. Esperou mais uma hora e voltou a ligar. Eram quase quatro da tarde, tempo suficiente para ele ter atendido os primeiros clientes da tarde e ter ligado para a delegacia. O telefone tocou quatro vezes e Espinosa estava a ponto de desistir quando ouviu a voz do médico. O alô dito por ele parecia mais uma súplica do que uma saudação.

— Doutor Nesse?

— Sim.

— É o delegado Espinosa.

— Delegado! Ele ligou de novo... Quer se encontrar comigo...

— Onde e quando?

— Agora...

— Onde?

— Não sei.

— Ele não disse?

A ligação foi interrompida. Espinosa voltou a ligar, mas o telefone estava ocupado. Talvez o médico estivesse ligando para a delegacia. Passados alguns minutos sem que dr. Nesse chamasse, Espinosa voltou a ligar para o consultório. Ainda estava ocupado. Resolveu esperar mais alguns minutos para voltar a telefonar.

Uma ocorrência envolvendo assaltantes e moradores de um prédio invadido por eles obrigou-o a uma saída da delegacia. Quando voltou a sua sala, encontrou o seguinte recado em cima da mesa, recebido havia meia hora: "Delegado Espinosa. Ir com urgência ao apartamento de dr. Nesse. A chave está debaixo do capacho".

— Quem deixou este recado?

— A pessoa não se identificou.

— Voz de homem ou de mulher?

— Não deu para perceber, a pessoa estava perturbada, podia ser uma mulher ou um homem chorando. Disse apenas que era urgente. Não deixou o endereço. Disse que o senhor sabia. Desligou de repente.

— Welber, veja se tem alguma viatura disponível.

* * *

No curto trajeto de Copacabana a Ipanema, Espinosa imaginou algumas das cenas que provavelmente o aguardariam no apartamento de dr. Nesse, e uma delas era o médico morto, estirado em uma das poltronas da sala, com um escalpe em uma das veias; outra era idêntica à primeira, só que com Jonas no lugar do médico; uma variante das duas mostrava um revólver no lugar do escalpe, sendo que o tiro podia ter sido na cabeça ou no peito; finalmente, havia variações com barbitúricos, gás de cozinha etc.

O que os dois policiais encontraram sobre a mesa da sala desfez todas as fantasias de Espinosa e tocou um alarme que o fez dar meia-volta e correr na direção do elevador, puxando Welber pelo braço.

— Depressa! Para o consultório dele!

Na portaria, tiveram a confirmação de que o médico chegara antes das duas da tarde, mas nenhum dos porteiros soube dizer se ele havia saído depois disso.

— Só sei que ele não recebeu ninguém.

— Nenhum cliente?

— Não, senhor. Por isso é que não sei se ele saiu ou se está no consultório. Mas quando ele sai de carro vai direto para a garagem, não passa pela portaria.

Espinosa e Welber subiram e tocaram a campainha. Ninguém respondeu, e na porta não havia bilhete informando que dr. Nesse estava ausente. Insistiram na campainha. Depois de algum tempo, retornaram à portaria e pediram que o porteiro consultasse o garagista.

— Ele diz que a placa do dr. Nesse está no quadro.

— Como é isso?

— Cada carro tem uma plaqueta de plástico com o número da sala. Quando o proprietário chega, a plaqueta é colocada num quadro junto à entrada da garagem e é retirada quando ele sai. A dele está no quadro.

— Vamos falar com o garagista.

Saíram da galeria e alcançaram o portão da garagem pela calçada.

— Às vezes o doutor fica vários dias sem tirar o carro da garagem. Ele gosta muito daquele carrão, só sai com ele quando tem necessidade.

— E pode ter saído sem tirar a placas do quadro?

— Não, senhor, quem põe as placas sou eu, não é o motorista, e eu só levanto a cancela depois de tirar a placa do quadro.

— Onde fica a vaga dele?

— Descendo a rampa, é a terceira vaga depois do elevador. Não tem erro, o senhor logo vai ver o carrão.

A rampa era extensa, melhor seria se tivessem voltado à portaria e pegado o elevador. Se encontrassem algum carro subindo a rampa, teriam que se espremer junto à parede para deixá-lo passar. À medida que desciam, o contraste entre a claridade da rua e o escuro da garagem mal iluminada ia aumentando, mas os olhos se adaptavam e a visão melhorava. Chegaram sem problema ao fim da rampa e localizaram a porta do elevador. A garagem estava lotada àquela hora da tarde, e mesmo com a vista já acostumada à fraca iluminação, tiveram dificuldade para distinguir os carros estacionados.

Terceira vaga depois do elevador. O carro estava estacionado de frente para a parede. A pintura bem polida refletia a luz da única luminária daquele ponto da garagem. Não havia dúvida de que o carro era aquele, destacava-se pelos cromados, comparado aos modelos menos luxuosos. Antes de se aproximarem para confirmar o número da vaga, Espinosa e Welber ouviram o som de uma música. Olharam para trás, procurando identificar de onde vinha o som, mas imediatamente voltaram a olhar para o carro. Havia uma pessoa sentada no banco do motorista e o som abafado da música vinha de dentro do carro. Como estavam se aproximando pela traseira do veículo, não podiam ver seu rosto, apenas os ombros e parte da cabeça oculta pelo encosto. Havia uma única e minúscula faixa de luz verde no painel. Ao se aproximarem, viram dr. Nesse com a cabeça reclinada no encosto. Como o vidro da porta do motorista estava abaixado, ouviam claramente a voz de uma cantora. Não querendo assustar o médico, Espinosa chamou-o baixinho pelo nome. Nenhuma resposta. A não ser pela pequena luz verde do CD player, nada se movia dentro do carro. Welber, do outro lado do carro, olhou para Espinosa e abriu a porta. A luz interna que se acendeu revelou a mancha vermelha na camisa do médico.

Maria Callas estava na metade de sua récita e o corpo de dr. Nesse ainda estava quente.

— Ele foi apanhado de surpresa. Ainda não tinha posto o cinto de segurança. Deve ter ligado o motor e em seguida o som. O assassino deve ter desligado o motor.
— O senhor disse que ele foi apanhado de surpresa?
— Ele não se matou, ele foi assassinado. Não há nenhuma arma à vista e a camisa não está sequer chamuscada. O tiro deve ter sido dado do lado de fora do carro, com uma arma de calibre pequeno, provavelmente um trinta-e-dois. Ele deve ter abaixado o vidro para falar com a pessoa e foi atingido sem ter tempo de esboçar defesa.
— O senhor acha que o fato de ele abaixar o vidro indica que o agressor era conhecido?
— Não. Ele pode ter abaixado o vidro sob ameaça.
— Serviço de profissional?
— Eu não apostaria nisso. Um profissional atiraria na cabeça e usaria uma arma de calibre maior.
Depois de ligar para a perícia e para o IML e de percorrer todo o andar do estacionamento à procura de alguém que tivesse visto ou escutado algo, Espinosa e Welber subiram a rampa para falar novamente com o porteiro da garagem. Ele informou que vários carros tinham chegado e saído nos últimos quarenta minutos — o delegado calculara o tempo pelo CD de Maria Callas —, mas todos, ou quase todos, tinham ido para o outro andar da garagem, um piso abaixo.
— Todos os carros eram de pessoas do próprio prédio?
— Com certeza, doutor. Quando alguém de fora ocupa a vaga de alguma sala, o proprietário precisa avisar com antecedência.
Os ascensoristas também não se lembravam de ter levado ou apanhado alguém desconhecido em algum dos andares da garagem. Os porteiros ajudaram menos ainda.
— Entram centenas de pessoas por hora neste prédio, qualquer uma delas pode descer à garagem usando a escada interna, não precisa usar o elevador.
— Em resumo — disse Espinosa para Welber —, qualquer um pode ter descido até a garagem, esperado escondido atrás do carro próximo ao do médico, a pouca luminosidade do lugar ajuda bastante, e quando doutor Nesse entrou no carro e ligou o motor e em seguida o som, o agressor se aproximou e mandou que ele descesse o vidro. Feito o serviço, voltou pela escada interna, saiu pela galeria e ganhou a rua.
— O que é perturbador é o fato de estarmos há não sei quanto tempo seguindo o homem, pensando que ele é o culpado, para no final das contas ser ele a vítima. Como, aliás, há muito tempo ele vinha dizendo.
— É verdade. Só que não acredito nesse “final das contas”.
— Bem... Modo de dizer... Quase final.
— Se você puder me dizer quem matou doutor Nesse, por que matou, o que aconteceu a Jonas, quem matou dona Teresa e que fim levou Roberta, então posso concordar com o “final das contas”.
— O senhor acha que ainda estamos no começo?
— Não no começo, mas ainda estamos longe do fim. Se é que algum dia vamos chegar lá.
Estavam na porta da galeria, passava das cinco da tarde, o trânsito começava a ficar mais lento e o carro da perícia demoraria algum tempo para vir do centro da cidade até Ipanema. Espinosa mandou Welber orientar o garagista, caso o perito quisesse entrar com o carro. Assim que se viu sozinho, ligou para Letícia. Atendeu a acompanhante.
— Delegado, ainda bem que o senhor ligou, Letícia aproveitou um momento em que fui ao banheiro e saiu. Não chegou até agora. Não consigo falar com o doutor Nesse.
— Espere ela voltar. Anote o número do meu celular e me ligue, caso ela apareça.

* * *

Espinosa pediu ao chefe da portaria uma cópia da chave do consultório de dr. Nesse e subiram os três: o porteiro, Welber e ele.
O consultório estava em ordem. O delegado pegou a agenda com os horários dos clientes e procurou na mesa do médico alguma agenda pessoal ou caderno de telefones. Não encontrou nenhum dos dois, mas havia na gaveta alguns cartões comerciais, sendo que dois deles estavam separados dos demais. Eram de uma oficina mecânica em Botafogo e de uma clínica no Méier. Não havia recados na secretária. Espinosa pediu para Welber e o porteiro esperarem um instante no corredor enquanto ele dava um telefonema. Não demorou dois minutos ao telefone.

— Welber, você fica aqui até a perícia chegar. Pegue uma fita e isole a cena do crime. Cuide para que ninguém mexa em nada até a chegada do perito. Se Letícia aparecer por aqui, o que não acredito que aconteça, ligue imediatamente para mim.
— Ligo para onde?
— Para o meu celular. Espere por mim, mesmo que eu demore.
— Você vai aonde?
— Ao Méier.

Originalmente, a casa situada no centro do terreno parecia ter sido uma construção de apenas dois pavimentos. Ao ser transformada em clínica, ganhara anexos laterais e nos fundos, além de mais um pavimento e um letreiro luminoso na fachada. Ficou parecendo um pequeno hospital. Espinosa foi recebido pelo proprietário, com quem falara pelo telefone meia hora antes.
— Desculpe reter o senhor até agora, doutor.
— Não reteve, delegado, hoje é meu dia de ficar aqui até mais tarde. O senhor me disse que estava falando do consultório do doutor Nesse e que houvera um acidente.
— Não foi propriamente um acidente, doutor...
— Cerqueira.
— Doutor Cerqueira. O senhor é amigo do doutor Nesse?
— Fomos colegas de faculdade e fizemos residência médica juntos.
— Por que ele o procurou, doutor?
— Por causa da filha... Aquilo foi uma tragédia... Não sei como ele conseguiu superar...
— O que houve com ela?
— Ela deu entrada aqui na clínica com septicemia, infecção generalizada... Estava muito mal. Não resistiu e morreu três dias depois.
— Por que ele trouxe ela para cá em vez de levar para um hospital perto de onde mora?
— Acho que ele não queria expor a menina.
— Expor?
— Ela tinha feito um aborto, delegado.
— Ela fez?
— Não ela, é claro, fizeram nela.
— Quem? O próprio doutor Nesse?
— Não. Certamente não. Ela deve ter procurado alguém que fez o aborto em condições precárias. Só sei que ela teve uma hemorragia seguida de infecção. Não pudemos fazer muita coisa. Ela não reagia mais aos antibióticos. Era uma menina.
— Ela falou alguma coisa?
— Disse qualquer coisa sobre a criança ter sido maldita. Quando pedi para explicar o que queria dizer com aquilo, não falou mais nada.
— Como vocês fizeram...
— O diagnóstico foi de septicemia. Não havia por que aumentar o sofrimento dos pais com um processo criminal. Artur Nesse providenciou o enterro para o dia seguinte. Nem sei como o casal está suportando tudo isso.
— Não está, doutor.
— Como...?
— Estão ambos mortos.
— Mortos?
— Assassinados.
— Puta que pariu!
— Por isso eu precisava falar com o senhor pessoalmente, e não por telefone.
— Quem matou?
— Ela foi morta num banco de praça perto de casa, ele foi morto no carro, dentro da garagem do prédio onde tinha consultório. Ninguém viu nada em nenhum dos casos. Ele comentou alguma coisa sobre estar sendo perseguido?
— Perseguido?
— Ele me disse que estava sendo perseguido por um cliente. Um psicótico.

— Não comentou nada comigo. Estava tão arrasado com a situação da filha que quase não falava. Ficava o tempo todo em silêncio. Puta que pariu! Um cliente!
— Não sabemos se foi ele.
— Vocês não têm como falar com ele?
— Está desaparecido.
— Então...
— Há mais de seis meses. Nem sabemos se está vivo.

Quando, de volta a Ipanema, Espinosa entrou na garagem, teve a sensação de estar entrando num set de filmagem, tamanha a quantidade de luzes e de pessoas em volta do carro de dr. Nesse. Ramiro e Welber conversavam perto do veículo, enquanto Freire desmontava um dos refletores portáteis que trouxera. O inspetor e o detetive foram ao encontro de Espinosa assim que o viram sair do elevador.
— Alguma notícia de Letícia?
— Nenhuma, delegado.
— Welber, ligue para a acompanhante psiquiátrica e pergunte se ela pode passar a noite no apartamento esperando Letícia voltar.
Espinosa ficou contente quando soube que o perito era o Freire, um dos melhores técnicos do instituto de criminalística, além de velho conhecido seu. O técnico já estava guardando seus apetrechos quando o delegado se aproximou.
— Oi, Freire.
— Oi, Espinosa.
— Alguma coisa para me ajudar?
— Tiro, curta distância, de cima para baixo, não foi encontrada cápsula, arma provável: revólver calibre trinta e dois, apenas um tipo de impressão digital na porta e na maçaneta. Detalhes depois que o legista devolver o projétil.
Não era um resumo apressado. Aquele era o modo de falar do técnico. Na verdade, mais do que um modo de falar, já se transformara num “estilo Freire”, que se aperfeiçoara com o passar dos anos. O objetivo era chegar ao máximo de economia com as palavras. Havia muito, eliminara os adjetivos. Pretendia ainda eliminar os artigos, as preposições, os advérbios e ficar apenas com os substantivos e os verbos. O delegado achava que não estava distante de seu objetivo.
Welber se aproximou para dizer que a acompanhante psiquiátrica concordara em ficar no apartamento à espera de Letícia.
— Vocês comeram alguma coisa?
— Não, delegado.
— Então vamos procurar um lugar que sirva um sanduíche decente.
— Por sanduíche decente o senhor entende aqueles que têm dois andares de queijo mais um andar de hambúrguer, molho cremoso, mostarda, ketchup e uma folhinha de alface só para fazer de conta que você está comendo alguma coisa que não seja de plástico?
— Não adianta, Welber, você não vai conseguir estragar o meu prazer.
— Longe disso, delegado, estou apenas querendo salvar sua vida.
Na diagonal da praça havia uma lanchonete que oferecia exatamente o sanduíche descrito por Welber, que optou pela versão light.
— Conseguiu alguma coisa no Méier?
— Roberta está morta. Morreu de infecção generalizada em decorrência de um aborto. Sua intuição inicial estava correta, Ramiro. Infelizmente, o final foi outro.
— Por que o Méier?
Espinosa fez um relato do que tinha sabido pelo médico dono da clínica.
— E o corpo?
— Ela foi enterrada no dia seguinte, no cemitério do Caju. Segundo o médico, as únicas pessoas presentes eram ele próprio, o doutor Nesse e dona Teresa.
— E ela deve ter dito ao ex-marido que ia contar à polícia.
— E ele a matou. Provavelmente na noite do mesmo dia em que enterraram a filha. Não podia correr o risco de ser denunciado.

Eram quase dez da noite quando o corpo de dr. Nesse foi removido para o IML. Ramiro e Welber ficaram junto à saída da garagem, parando cada carro que deixava o edifício e perguntando se alguém vira ou ouvira alguma coisa suspeita por volta das cinco da tarde, perto da porta do elevador do primeiro piso da garagem. Ninguém tinha visto nem ouvido nada suspeito. Quando todos os carros haviam deixado o prédio, os dois policiais estavam cansados de repetir a mesma pergunta e de ouvir a mesma resposta.

— E então? — perguntou Espinosa.

— Ninguém viu nada. Duvido até que tenham visto carros na garagem.

— É melhor vocês irem para casa.

— Não se preocupe, delegado, até as onze ainda podemos pegar o metrô.

Estavam os três na calçada em frente ao prédio, encostados no carro da delegacia.

— Vamos até o bar da esquina tomar um cafezinho.

— É bom mesmo, senão dormimos no metrô.

— Nenhuma notícia de Letícia? — perguntou Ramiro.

— Não, mas acredito que ela volte para casa ainda hoje.

— Por que o senhor acha isso?

— Porque ela já deve estar cansada de andar por aí, porque ela não tem onde dormir e porque ela precisa do quarto dela para poder refletir em paz.

— Então ela já soube da morte do pai?

— Certamente.

— E como ela soube?

— Ela estava lá.

— Estava lá?! Ela viu o pai ser morto? Como o senhor sabe disso?

— Eu ainda preciso confirmar uma coisa... Assim que encontrar Letícia.

Ramiro e Welber retornaram a Copacabana para deixar o carro na delegacia e de lá pegar o metrô para a Tijuca. Espinosa tomou mais um café, voltou ao prédio do consultório e deixou com o porteiro noturno seu cartão com o número do celular escrito à mão "para o caso de aparecer alguém dizendo que é amigo ou parente de doutor Nesse". A probabilidade era remota, mas não queria desperdiçá-la, caso acontecesse.

Deixou a praça General Osório e desceu a rua Francisco Sá em direção à praia, e continuou caminhando pela avenida Atlântica. A idéia era ir andando até o bairro Peixoto, numa tentativa de relaxar ou simplesmente cansar-se antes de dormir, o que não excluía uma parada no prédio de Letícia, algumas quadras antes do seu próprio prédio. Era uma caminhada de pouco mais de dois quilômetros, metade da extensão da praia. A temperatura estava agradável e teria tempo para refletir sobre os acontecimentos da tarde. Apesar de caminhar sem pressa, meia hora depois estava tocando a campainha do apartamento de Letícia. A acompanhante psiquiátrica abriu a porta assustada e se culpando pelo desaparecimento de Letícia.

— Não se recrimine, em algum momento você seria obrigada a deixá-la sozinha.

— Eu devia ter trancado a porta da sala e guardado a chave.

— Ela poderia ficar desesperada e se atirar pela janela.

— O senhor acha que ela seria capaz...?

— Provavelmente não, tanto que saiu pela porta.

Espinosa contou à moça sobre a morte de dr. Nesse na garagem do escritório, sem dizer que ele fora assassinado e sem mencionar a morte de Roberta. Contou também que Letícia de alguma maneira soubera do ocorrido e que desde então estava sumida.

— Acredito que ela tenha ficado à deriva, andando de um lado para o outro, ou que tenha procurado alguém, talvez uma ex-colega de escola, para conversar. Pode ser que volte para casa ainda hoje ou amanhã de manhã. Se isso acontecer, qualquer que seja a hora, telefone para mim.

Não houve nenhum telefonema durante a noite, e até as dez horas da manhã seguinte Letícia não tinha voltado para casa. Ramiro e Welber telefonaram para os hospitais e entraram em contato com as delegacias dos bairros mais próximos. Nenhuma ocorrência envolvendo uma jovem com as características de Letícia fora registrada nas últimas vinte e quatro horas. Ela desaparecera.

Às dez e meia Espinosa chamou Welber e mandou-o verificar se havia alguma viatura disponível. O detetive voltou em menos de um minuto.

— A viatura está pronta, delegado.
— Você dirige.
— Para onde vamos?
— Para o hospital psiquiátrico.
Como o delegado nada acrescentou à resposta, Welber não fez nenhuma pergunta. Continuaram em silêncio até a entrada da universidade. Aquela era a hora de maior movimento no campus, e tiveram dificuldade para estacionar. Pararam um pouco longe da entrada do hospital e foram caminhando sob o sol agradável de inverno.
— O que o senhor está procurando, delegado?
— A árvore... E o banco de pedra em que o doutor Nesse dizia que Jonas ficava sentado.
— O senhor acha que Letícia está aqui?
— É bem possível.
— Por quê?
— Porque a pessoa que matou o doutor Nesse não matou para roubar. A carteira dele estava no bolso do paletó. O relógio que usava era caro e estava no pulso. Também não foi um crime contratado. Um profissional atiraria na cabeça e usaria uma arma de calibre maior. Se você está de pé, um pouco espremido entre dois carros e a menos de um metro de uma vítima sentada ao volante, o alvo privilegiado é a cabeça. Se, em vez disso, você atira no peito, é porque não quer destruir o rosto da vítima.
— Por que a preocupação em não ferir o rosto da vítima?
— Porque era um rosto familiar.
Cruzaram os portões de ferro do hospital e Welber apontou para a copa da grande mangueira, visível à distância. À medida que se aproximavam, a árvore foi se revelando inteira e sob ela o banco de pedra.
Letícia estava sentada ali, os pés apoiados sobre a grossa raiz, segurando no colo o que parecia ser uma mochila. Espinosa sentou-se a seu lado, enquanto Welber se encaminhava para a portaria do hospital. Ela não demonstrou surpresa ou qualquer outra emoção. Seu rosto parecia uma máscara.
— O que você está fazendo aqui, Letícia?
— Esperando.
— Esperando quem?
— Jonas.
— E você acha que ele vai aparecer aqui?
— Este é o lugar dele.
— Mas não é o seu.
— Por que não?
— Você tem a sua casa.
— Não tenho mais. Minha mãe morreu e eu não vou morar com meu pai nem que me obriguem. Meu lugar é aqui... Com Jonas.
— Mas Jonas não está mais aqui.
— Este é o lugar em que ele gostava de ficar. Ele vai voltar.
— Você não quer ir até sua casa, tomar um banho, trocar de roupa...
— Quando Jonas chegar.
Welber voltou, acompanhado de um médico. Espinosa foi ao encontro dos dois, afastando-se de Letícia.
— Delegado, este é o doutor Fraga. Ele conhece toda a história de Jonas e sabe do episódio em que Letícia esteve envolvida. Também sabe que ela é filha do doutor Nesse. Ela está aqui desde ontem à tarde. Conseguiram fazer com que dormisse numa das salas de atendimento. Diz que está esperando Jonas chegar.
— Qual é o estado dela, doutor?
— Ela está apresentando um quadro psicótico. Pode ser passageiro, pode não ser, é difícil dizer.
— Ela perdeu o pai, a mãe e a irmã em menos de uma semana.
— Por isso estou dizendo que pode ser passageiro. Pode ser uma forma de ela negar essas mortes, por isso diz que está esperando o rapaz... que também morreu. Por outro lado, não podemos esquecer que ela já teve outra crise psicótica, meses atrás, que motivou sua internação aqui mesmo no hospital.
— Não pode ter sido também uma reação a um acontecimento violento?
— Delegado, as pessoas passam por situações violentas, algumas delas extremamente violentas, e nem por isso ficam psicóticas.

— O senhor acha que ela é doente?
— Ainda é cedo para responder. Vamos esperar mais alguns dias. Nós vamos cuidar bem dela, não se preocupe.
— Sei que ela tem alguns parentes, não sei quem são nem onde moram. Enquanto não conseguirmos encontrar algum deles, o hospital pode entrar em contato comigo para o que for preciso.
Espinosa pediu licença para ficar a sós com Letícia por alguns minutos ali mesmo debaixo da mangueira. O médico se despediu e retornou ao prédio principal acompanhado de Welber. Espinosa voltou a se sentar ao lado de Letícia.
— Letícia, os médicos e as enfermeiras vão cuidar de você enquanto você espera Jonas chegar. Pode ligar para mim a hora que quiser. E sempre que for possível eu venho aqui te ver. Está bem?
— Está.
— Posso olhar sua mochila para ver se está tudo em ordem?
Letícia estendeu a mochila e continuou olhando para baixo e esfregando o tênis na superfície rugosa da raiz. No fundo da mochila, embrulhado num suéter, Espinosa encontrou o revólver. Envolveu-o com o lenço e o guardou no bolso do casaco.

O percurso de volta à delegacia foi feito em silêncio. Welber gostaria de fazer algumas perguntas, mas conhecia bastante Espinosa para saber que naquele momento obteria apenas respostas monossilábicas. Assim que chegaram, Ramiro juntou-se a eles e sentaram-se os três na pequena sala do delegado, tendo o computador como testemunha silenciosa.
Espinosa fez um relato do encontro com Letícia, que Welber não presenciara integralmente, e falou do revólver que encontrara na mochila e que estava guardado com ele.
— Temos indícios suficientes para instaurar o inquérito, embora pouca coisa de concreto venha a resultar. Das cinco pessoas diretamente implicadas, a única que está viva e é autora de uma das mortes é inimputável... Além de ter recebido a punição mais severa. Mais do que apontar culpados, o inquérito poderá inocentar aqueles que nessas histórias foram apenas vítimas.
— É o caso de Jonas? — perguntou Welber.
— Acredito que em relação a ele muita coisa vai ficar no plano das conjecturas. Na minha opinião, ele foi vítima da paranóia de doutor Nesse. A partir de algum coisa que nunca vamos saber qual foi, e que pode ter sido uma fala de Jonas ou alguma característica física dele, o médico foi construindo uma trama imaginária na qual Jonas era o perseguidor, sendo que a partir de um certo momento, quando Jonas conhece Letícia, essa trama se transforma em ameaça à família Nesse como um todo. Os comportamentos de Jonas apontados por doutor Nesse podem ter existido de fato, e se encaixam perfeitamente no delírio do médico. O que não é verdadeiro são as significações atribuídas a esses comportamentos. O delírio culmina com Jonas sendo removido do hospital-geral para fazer exames complementares e recebendo a solução de cloreto de potássio preparada por doutor Nesse. Deixado sem identificação sobre uma maca no corredor do hospital, sem ninguém para reclamar o corpo, foi constatada parada cardíaca e ele foi enterrado como indigente. Pode não ter sido exatamente assim. Há algumas lacunas que nunca vamos preencher. É tudo.
— O que vai acontecer com Letícia? — perguntou Welber.
— Já aconteceu.

SÉRIE POLICIAL

Réquiem caribenho
Brigitte Aubert

Bellini e a esfinge
Bellini e o demônio
Tony Bellotto

Bilhete para o cemitério
O ladrão que achava que era Bogart
O ladrão que estudava Espinosa
O ladrão que pintava como Mondrian
Uma longa fila de homens mortos
O pecado dos pais
Punhalada no escuro
Lawrence Block

O destino bate à sua porta
James Cain

Nó de ratos
Vendetta
Michael Dibdin

Edições perigosas
Impressões e provas
John Dunning

Máscaras
Leonardo Padura Fuentes

Correntezas
Jogo de sombras
Tão pura, tão boa
Frances Fyfield

Achados e perdidos
Uma janela em Copacabana
O silêncio da chuva
Vento sudoeste
Luiz Alfredo Garcia-Roza

Neutralidade suspeita
A noite do professor
Transferência mortal
Jean-Pierre Gattégno

Continental Op
Dashiell Hammett

O jogo de Ripley
Ripley debaixo d'agua
O talentoso Ripley
Patricia Highsmith

Uma certa justiça
Morte de um perito
Morte no seminário
Pecado original
P. D. James

Música fúnebre
Morag Joss

O dia em que o rabino foi embora
Domingo o rabino ficou em casa
Sábado o rabino passou fome
Sexta-feira o rabino acordou tarde
Harry Kemelman

Apelo às trevas
Um drink antes da guerra
Sobre meninos e lobos – Mystic river
Dennis Lehane

Morte no Teatro La Fenice
Donna Leon

Dinheiro sujo
Também se morre assim
Ross Macdonald

É sempre noite
Léo Malet

Assassinos sem rosto
Os cães de Riga
A leoa branca
Henning Mankell

O homem da minha vida
O labirinto grego
Os mares do Sul
O quinteto de Buenos Aires
Manuel Vázquez Montalbán

O diabo vestia azul
Walter Mosley

Informações sobre a vítima
Vida pregressa
Joaquim Nogueira

Aranhas de ouro
Clientes demais
A confraria do medo
Cozinheiros demais
Milionários demais
Mulheres demais
Ser canalha
Serpente
Rex Stout

Casei-me com um morto
A noiva estava de preto
Cornell Woolrich